



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARIA DO SOCORRO SOARES COSTA E SILVA

**MEMÓRIA: PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS DE
MULHERES LOUCEIRAS EM CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

**JOÃO PESSOA-PB
2010**

MARIA DO SOCORRO SOARES COSTA E SILVA

**MEMÓRIA: PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS DE
MULHERES LOUCEIRAS EM CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia da Silva Nunes

**JOÃO PESSOA-PB
2010**

37.015
S586m

Silva, Maria do Socorro Soares Costa e.

Memória: Práticas Sociais, Culturais e Educacionais de Mulheres Louceiras em Cajazeiras - Paraíba. / Maria do Socorro Soares Costa e Silva- João Pessoa: UFPB, 2010.

134 f.:il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) – PPGE /UFPB.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia da Silva Nunes

1. Memória. 2.História oral. 3. Mulheres louceiras – Práticas.I. Título.

MARIA DO SOCORRO SOARES COSTA E SILVA

**MEMÓRIA: PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS DE
MULHERES LOUCEIRAS EM CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovado em ____/____/2010

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia da Silva Nunes
Orientadora – CE/UFPB

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
Examinador interno CE/UFPB

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
Examinador externo – UFCG

Suplente

Prof^a. Dr^a. Mauricéia Ananias
Examinador interno – CE/UFPB

Ao meu esposo, Chiquinho, pela força,
pelo apoio, pela espera...

As minhas filhas, Joana Celine,
Rossana e Bárbara Maria,
pela colaboração, pela paciência e pelo
cuidado...

Aos quatro...

Com o meu amor

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À maior de todas as Forças

DEUS, todo poderoso, fonte de amor, força, luz, discernimento.

Pela força para estudar, após dias estressantes e cansativos.

Pelo poder de discernimento quando a mente era povoada de multidões de imagens.

Pelo despertar quando a mente e o corpo pediam sossego e descanso.

Pela determinação quando tantos desistem da caminhada.

Enfim, pela oportunidade da existência do dia e da noite. “ELE é minha testemunha e sabe o porquê”.

A minha Família

Aos meus pais, Chico Costa e Marli, pela condução e orientação. Por entenderem que a educação é a maior herança deixada e porque, mesmo sem instrução, tiveram a instrução suficiente para me mostrar o melhor caminho.

Ao meu esposo Chiquinho e minhas filhas (o), Joana Celine e Enéas (genro), Rossana e Bárbara Maria, por saberem suportar, com amor e resignação, as ausências físicas e as presenças ausentes.

Aos meus irmãos e suas respectivas famílias: Liliva, Miminha, Noquinha, Marthinha, Juninho, Suelo e Léo pela confiança, credibilidade e, principalmente, pela compreensão da minha ausência domingueira.

Aos Amigos da Academia

Ao amigo e colega de trabalho Dimas Andriola e demais membros da comissão incumbida de buscar alternativas para a realização deste mestrado.

Aos colegas de mestrado, por compartilharem dos mesmos anseios, expectativas, experiências, inquietações, incertezas e... êxitos.

Amigos educadores: Prof^a. Dr^a. Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa e Prof. Dr. José Wanderley de Sousa que contribuíram com o nascer de um sonho-projeto, hoje materializado.

Ao Prof. Dr. José Wanderley de Sousa pelo apoio, pela grande contribuição acadêmica e pela disponibilidade dispensada.

À prof^a. Ms. Aíssa Romina Silva do Nascimento pela escuta e apoio; pelo compromisso e colaboração no processo analítico.

À Academia

Ao Instituto Federal da Paraíba, representado pelo Reitor, Professor João Batista de Oliveira Silva, por viabilizar a concretização deste tão sonhado Mestrado.

À Universidade Federal da Paraíba – UFPB pela representatividade de instituição de renome.

A todos os professores da UFPB, ministrantes das disciplinas do mestrado, pelo compromisso assumido.

Aos professores do IFPB Campus Cajazeiras, pela compreensão e pelo apoio dispensado.

Aos demais servidores do Campus Cajazeiras pela disponibilidade de servir com alegria e presteza.

À banca examinadora: Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa (UFCG), Prof^a. Dra^a. Mauricéia Ananias pelo pronto atendimento e orientações imprescindíveis à conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A minha orientadora

À prof^a. Dr^a. Maria Lúcia da Silva Nunes, por saber conduzir, com paciência, firmeza, presteza e compromisso, a tarefa de orientar, apesar das distâncias geográficas e temporais.

Aos sujeitos desta pesquisa¹

À Associação das Mulheres Louceiras do Bairro São José – Cajazeiras – Paraíba, especialmente, às três mulheres louceiras: Maria de Lourdes de Sousa (Lourdinha), Cícera de Souza Mariano e Maria Francisca de Sousa pelo carinho e aceitação com que me acolheram e buscaram em suas memórias as sutilezas dos seus cotidianos em forma de lembranças.

¹ Esclareço que, no período da conclusão deste trabalho, recebi a autorização dos sujeitos da pesquisa para expor os seus nomes, pelo fato de se sentirem agradecidos e felizes por participarem deste trabalho. Esclareço, ainda, que optamos por apresentá-los, somente, nos agradecimentos, mas continuarmos sem mencionar seus nomes, ao longo do texto, devido o projeto ter sido submetido ao Conselho de Ética da UFPB.

RESUMO

Este trabalho dissertativo tem como objetivo principal investigar, a partir da memória de mulheres louceiras, como as práticas sociais, culturais e educacionais incidiram/incidem para a construção da identidade dos sentidos do ser mulher, na Associação das Loiceiras, no bairro São José na cidade de Cajazeiras – Paraíba. Pretende, com isto, oferecer uma contribuição aos atuais estudos de memória, cultura e de gênero na História da Educação Brasileira. Para tanto, fundamenta-se, nos pressupostos da Nova História Cultural, especificamente, na interrelação entre educação não-formal, práticas culturais e gênero. Fundamenta-se, também, na História oral, apoiada no campo da memória, bases teóricas que dão sustentação ao entendimento de como os sujeitos reconstituem, pela história cotidiana, os diferentes modos de viver o familiar, o educativo, o ocupacional, o lazer e o sexual, entre outras atividades habituais. Sua principal fonte de pesquisa são as narrativas orais, obtidas a partir de entrevistas gravadas e transcritas com a finalidade da produção do documento oral. Os sujeitos deste trabalho investigativo são três personagens representativas de três gerações de mulheres louceiras da mesma família, que atuaram como recordadoras e colaboradoras, sendo: uma jovem (26), uma adulta (50) e uma idosa (63). As categorias: família, educação, profissão, princípios morais e éticos e os sentidos do ser mulher nortearam o processo analítico. Nesta direção, a análise das entrevistas mostrou que as práticas sociais, culturais e educacionais das mulheres louceiras incidiram e ainda incidem na construção da identidade – processo contínuo – dos sentidos do ser mulher pela função ocupada por cada indivíduo, especificamente, o modo de vida concreto de cada mulher, pelas representações inscritas nestas práticas, representações estas que movimentam as relações homens/mulheres e dão luz às ideias e aos conceitos da diversidade cultural a qual permeia todo o país.

Palavras-chave: Memória. História oral. Mulheres Louceiras. Práticas.

ABSTRACT

This dissertative paper has as main goal to investigate, from the memory of female chinaware makers, how the social, cultural and educational practices have occurred or still do for the construction of the identity of the meanings of the woman being, in the Chinaware Makers Association, in the neighborhood São José in the city Cajazeiras – PB. It intends, with this, to offer a contribution to the current studies of memory, culture and gender in the history of the Brazilian Education. This paper is based upon the presupposes of the New Cultural History, specifically in the interrelation between non-formal education, cultural practices and gender. It is also based upon the oral History, supported by the memory field, theoretical basis which give support to the understanding as to how the subjects reconstitute, by the quotidian history, the different ways of living the familiar, educative, occupational, leisure and sexual, among other habitual activities. Its main research source is the oral narratives, obtained through recorded interviews and transcribed with the finality of the oral document production. The subjects of this investigative paper are three representative characters of three generations of female chinaware makers of the same family, who have acted as recorders and contributors, being: a young lady (26), an adult (50) and an elderly (63). The categories: family, education, profession, moral and ethical principles and the meanings of the woman being have guided the analytical process. On this direction, the analysis of the interviews have showed that the social, cultural and educational practices of the female chinaware makers happened and still do in the identity construction – continuous process – of the meanings do the woman being by the function occupied by each individual, specifically, the concrete way of life of each woman, by the representations inscribed in these practices, such representations which move the relations men/women and give light to the ideas and to the concepts of cultural diversity to which all the country permeates.

Keywords: Memory. Oral History. Female Chinaware Makers. Practices.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Produção das Louceiras na feira livre de Cajazeiras-PB	47
FIGURA 2	Cidade de Cajazeiras – PB.....	48
FIGURA 3	Artesanato cerâmico (logotipo) / Cajazeiras-PB.....	51
FIGURA 4 e 5	Produção da Associação das Louceiras do bairro São José	52
FIGURA 6	Cerâmica brasileira Aruã.....	54
FIGURA 7	Cerâmica brasileira Marajó.....	54
FIGURA 8	Índia Kariri-Xocó – Baixo São Francisco – Alagoas.....	55
FIGURA 9 e 10	Produção das Paneleiras de Goiabeiras – Espírito Santo.....	56
FIGURA 11	As Anas do Maranhão.....	57
FIGURA 12	Sede da Associação das Loiceiras do Bairro S. José.....	57
FIGURA 13	10ª edição do Salão do Artesanato da Paraíba.....	60
FIGURA 14	Panela de Barro – parceiro.....	61
FIGURA 15	Self-service em panelas de barro.....	61
FIGURA 16	Ornamentação do local.....	61
FIGURA 17	Mulher Jovem: exibição de uma peça.....	70
FIGURA 18	Mulher Idosa no galpão de vendas.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCAPE	–	Centro de Capacitação Profissional e Empresarial
CEFET-PB	–	Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
EJA	–	Educação de Jovens e Adultos
FIP	–	Faculdades Integradas de Patos
IFPB	–	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
MIDIC	–	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio exterior
MOBRAL	–	Movimento Brasileiro de Alfabetização
ONGs	–	Organizações Não-Governamentais
PPGE	–	Programa de Pós-Graduação em Educação
PIBIC	–	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SEBRAE	–	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UFCG	–	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	–	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	AS MEMÓRIAS COMO TRILHAS PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO	14
1.1	NAS TRILHAS DA MEMÓRIA	14
2	CONCEITOS E RELAÇÕES: PRIMEIROS PASSOS NA TRILHA DA HISTÓRIA E DA EDUCAÇÃO	22
2.1	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: BREVE HISTÓRICO	22
2.2	EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: PRÁTICAS EDUCATIVAS	24
2.3	NOVA HISTÓRIA CULTURAL: O PONTO DE PARTIDA	31
2.3.1	Cultura(s) e Identidade(s): conceitos plurais	35
2.4	A QUESTÃO DE GÊNERO: UM NOVO OLHAR NA HISTÓRIA	40
3	O LUGAR DA PESQUISA: A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES LOUCEIRAS	47
3.1	NAS TRILHAS DA HISTÓRIA... ..	47
3.2	DA INFORMALIDADE À INSTITUCIONALIZAÇÃO	57
4	TRILHAS METODOLÓGICAS: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL	62
4.1	UM OLHAR SOBRE MEMÓRIA E HISTÓRIA	62
4.2	AS MARCAS IDENTITÁRIAS DO SER: CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES LOUCEIRAS	70
4.3	ENTRE OS DIZERES E OS SILÊNCIOS: PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS DAS MULHERES LOUCEIRAS	74
4.3.1	Família: a base da formação	77
4.3.2	Educação: o que se aprende	82
4.3.3	Profissão: ser louceira	87
4.3.4	Os princípios morais e éticos: a boa conduta	93
4.3.5	Os sentidos do ser mulher: quem é esta mulher?	96
5	OUTRAS CONSIDERAÇÕES: DE TRILHAS A VEREDAS	104
	REFERÊNCIAS	108

APÊNDICES	113
Apêndice A Roteiro da entrevista realizado com a Mulher Jovem	114
Apêndice B Roteiro da entrevista realizado com a Mulher Adulta e com a Mulher Idosa	117
 ANEXOS.....	 120
Anexo A Louceiras do Sertão da Paraíba produzem na nova sede da Associação	121
Anexo B SEBRAE apóia trabalho desenvolvido por louceiras na Paraíba	124
Anexo C Paraíba realiza Seminário regional de artesanato	126
Anexo D Artesãs cajazeirenses são homenageadas no 10º Salão de Artesanato da Paraíba	128
Anexo E As panelas de barro das Louceiras do sertão paraibano	130
Anexo F Christus Nóbrega Design e Artesanato	133

Linhos e linhas nas linhas da alma.

O artesanato das mãos atingia as origens das nossas causas.

O que bordávamos no pano bordávamos mesmo era dentro de nós. Em cada desenho entrelaçado de linhas, o entrelaçamento das tramas que são próprios da vida real. Os ciúmes, os desejos secretos, os medos sem causa, os justificáveis.

Em cada linha e cor, um respiro de esperança, um pedacinho de dor. Sou mulher de bordados extensos.

Nunca temi a demora das tramas. Enquanto isso envelheço.

(Fábio de Mello, 2008)

1 AS MEMÓRIAS COMO TRILHAS PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

A lembrança é sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança.

(Ecléa Bosi, 2004)

1.1 NAS TRILHAS DA MEMÓRIA

Este trabalho objetiva, em âmbito geral, investigar, a partir da memória de mulheres louceiras, como as práticas sociais, culturais e educacionais incidiram/incidem para a construção da identidade dos sentidos do ser mulher, na Associação das Loiceiras², no bairro São José na cidade de Cajazeiras – Paraíba. Para isso, objetiva, especificamente: identificar, a partir da memória das mulheres louceiras, as práticas sociais, culturais e educacionais que contribuíram/contribuem para a construção da identidade do ser mulher; caracterizar as práticas cotidianas, as expectativas e a condição de vida das mulheres louceiras; analisar, pelas narrativas orais, como as práticas sociais, culturais e educacionais contribuíram e contribuem na construção da identidade das mulheres louceiras e elucidar os mecanismos de construção dos sentidos do ser mulher que permeiam os discursos das mulheres louceiras.

Este interesse justifica-se pela frequente convivência com mulheres sejam: mãe avó, tias, irmãs, primas, filhas, amigas e educadoras, como Dona Lilita que me ensinou o “soletrar” das primeiras palavras e como Valdira de Pedoca que orientou meus primeiros conhecimentos de educação sexual. Não posso esquecer Maria Pequena, louceira, a qual vendia panelinhas de barro para as meninas como eu, fazerem seus guisados³, num tempo longínquo de uma infância quase perdida, em meio a acontecimentos outros, que não é possível rememorar aqui.

Da criança que fazia guisados à adolescente responsável e quase madura – na mais tenra fase de transição de menina à moça – via-me, pelas forças das

² Uma forma arcaica (variante) da palavra louceira adotada pelas mulheres como forma de preservação da tradição portuguesa. Ressalto que, em todo o texto, adotarei a forma atual “louceiras”.

³ Segundo Michaelis, (Pequeno dicionário da Língua Portuguesa) “qualquer iguaria refogada de improviso”; “Popularmente, qualquer comidinha cozida por crianças em panelinhas de barro”.

circunstâncias, encaminhada a serviço. Que serviço! Que obrigação tinha uma garota aos quatorze anos? Obrigação de ser professora, sim, senhor! – relembrando o imortal Guimarães Rosa⁴ –. Mas como saber ser, se as experiências não povoavam ainda a mente, os caminhos eram estreitos quanto à visão, mas a coragem e a determinação da quase mulher indicavam o rumo. E foi assim que tudo começou.

O início do ofício de professora se deu – assim como o contato mais intenso com o universo feminino – quando fui indicada pela diretora do Grupo Escolar Genésio Araújo, D. Socorro de Sá Urtiga, na cidade, onde nasci São José da Lagoa Tapada – Sertão da Paraíba, para um treinamento de ensino de Jovens e Adultos, nessa época, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Após o treinamento, fui designada para ensinar na represa do Açude Sanhauá, Sítio Diogo, município da mesma cidade. Era uma casa solitária, encravada em um terreno misto de pedregulhos e águas, na qual residia uma família numerosa – meus alunos. O pai – compadre Antônio Pernambucano; a mãe, – comadre Maria – e nove filhos dos quais quatro eram mulheres: Maria Gorete, Maria Margarete (Nenê), Maria Francinete e Maria Luzinete, todas marias. Na sala de estar, iluminada por um lampião de gás, havia um quadro-negro pequeno – ainda era “quadro-negro” – cadernos e cartilhas do Mobral. Eu, a professora; comadre Maria, a mestra; eu, as letras, a escrita; comadre Maria, a experiência, a história; eu, a indicação do fazer, a comadre, o saber-fazer. E assim, nessa magnífica troca de saberes, o saber sistematizado brotava.

Neste período de parques conhecimentos, não percebia que os estudos apontam que o indivíduo, detentor de um saber construído na labuta dos dias, tenta firmar-se no universo de uma sociedade capitalista, na qual o lucro é meta e o homem é mercadoria pela força de trabalho que ele representa. Este universo não entende que a educação, também, tem como instrumento o saber informal, que não é, meramente, o conhecimento intelectual, mas como aponta Sales (1999, p.111), “O saber é o sentir/pensar/agir das pessoas, grupos, categorias e classes sociais... O saber é a cultura”. Não me refiro à cultura letrada, adquirida na escola da educação formal; refiro-me à educação informal e não-formal, oriundas das primeiras instituições com tradições, reflexos de um povo, às vezes humilde, mas rico de experiências, portanto, rico de cultura. Desta forma, a cultura é percebida não como

⁴ João Guimarães Rosa (1908-1967). Escritor modernista.

um lugar autônomo, mas como um lugar no qual residem as diversidades sociais e culturais, revestidas de (re)definições, de satisfações e de necessidades dos indivíduos. Diante disso, entende-se a urgência pela busca de subsídios que possam contribuir na (re)construção de mentalidades, identidades e subjetividades. Assim, foi por esta ótica do saber-fazer, que tive a honra de conhecer e de tentar aprender fazendo, no período de dois anos, testando e bebendo de uma fonte inesgotável de experiências – a fonte chamada Maria entre tantas Marias.

Vivi rodeada de inúmeras Marias já que nasci em uma família composta por seis mulheres e dois homens. Minha mãe, Marli e as cinco filhas: Maria do Socorro, Maria do Livramento, Maria de Fátima, Francisca Maria e Martha Maria, em meio a tantas tias e primas.

Quando fazia o terceiro ano do Pedagógico no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – Sousa-PB –, tive a honra de ser convidada por Ir. Iraídes, minha professora de Língua Portuguesa, para me integrar ao grupo de professoras daquela conceituada instituição de ensino, dirigida pela boa Madre Aurélia e outras freiras da Ordem de Santa Tereza. Seguidamente, fui recomendada ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes – Cajazeiras-PB, também dirigido pelas Irmãs Dorotéias – último ano da administração das Dorotéias – e, sem contar os encontros e desencontros com tantas mulheres que ajudaram na minha formação, na academia e fora dela, fui, ainda, agraciada com três maravilhosas filhas: Joana Celine, Rossana e Bárbara Maria.

Trilhando neste universo feminino, em 2000, tencionei submeter-me à seleção para o mestrado em Educação na Faculdade Francisco Mascarenhas, hoje, Faculdades Integradas de Patos (FIP) e busquei a orientação da amiga e zelosa profissional em educação, no Campus V da UFPB Cajazeiras, professora Arisdélia Fonseca Matias, – hoje doutora pela mesma instituição – que, de forma profissional e paciente, orientou-me os passos para a elaboração de um projeto. Mostrou-me como os estudos sobre a mulher despertavam o meio acadêmico. Desta orientação, surgiu o projeto, que por outros motivos, não fora submetido, porém serviu-me de base para elaboração de um novo projeto que resultaria, mais tarde, em monografia, requisito para aprovação no Curso de Especialização em Linguística e Metodologia em Língua Portuguesa, pela Faculdade São Francisco em Cajazeiras–PB em 2001. A partir deste projeto, investigamos a Figurativização feminina na percepção de alunos da 3ª série do Ensino Médio do CEFET-PB – UNED – Cajazeiras, hoje,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB) – Campus Cajazeiras, sob os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, com a parceria da amiga e colega de trabalho Maria Virgínia Holanda e da colega de curso de especialização Maria de Fátima Alvino, sob a orientação do Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa, – meu conterrâneo e afetuoso amigo – professor do então curso de especialização.

Dando continuidade a esta benfeitoria “perseguição”, no segundo semestre de 2008, tive a grata oportunidade de fazer a seleção para participar do tão sonhado mestrado interinstitucional em Educação, parceria entre o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET-PB) e Programa de Pós-Graduação (PPGE) da UFPB. Apresentei a proposta de investigar, as *Figurações do Ser Mulher nas histórias orais de vida de Mulheres Louceiras do bairro São José no município de Cajazeiras–PB*, na linha de pesquisa Estudos Culturais que migrou para História da Educação. Como se todos os bons ventos estivessem ao meu favor e em minha direção, para orientar esta investigação, foi designada a Prof^a Dr^a. Maria Lúcia da Silva Nunes, que após análise da referida proposta, sugeriu uma reformulação do tema, e assim, optamos por *Memória: práticas sociais, culturais e educacionais de mulheres louceiras*. Por ocasião da disciplina Seminário de História da Educação, ministrada pela professora Mauricéia Ananias, voltamos à discussão sobre o título que permaneceu *Memória: práticas sociais, culturais e educacionais de mulheres louceiras no início do século XXI* até o momento da Qualificação do referido projeto, em 18 de Janeiro de 2010. Nesta ocasião, a banca examinadora composta pelos professores doutores Charliton Machado, Wanderley Alves e Lúcia Nunes – minha orientadora – entenderam que poderia dispensar a temporalidade. Por fim, o título definitivo: ***Memória: práticas sociais, culturais e educacionais de mulheres louceiras em Cajazeiras – Paraíba.***

Para tanto, como material de estudo, optamos por analisar o relato de mulheres integrantes de um grupo de famílias cajazeirenses, as quais desenvolvem um projeto de preservação da arte de fabricar utensílios domésticos de barro – “as mulheres louceiras” –, buscando compreender o lugar identitário e a função social destas mulheres no contexto das práticas cotidianas, seja social, cultural e educacional, neste caso, não apenas inscritas na condição de mulheres louceiras, mas como geradoras de saberes que as inscrevem nos eventos experienciados que

subsidiem as suas narrativas, que abrigam as suas histórias de vida, os seus silêncios que, num contexto de relações sociais tecidas por homens e mulheres, se tornam singulares na condição do ser mulher.

A História da Educação – linha de pesquisa deste trabalho investigativo surgiu como disciplina, no final do século XIX, desenvolvendo-se nas Escolas Normais e nos cursos de formação dos professores, portanto, relacionada ao campo da Pedagogia.

No Brasil, a História da Educação segue a mesma linha dos outros países, intrinsecamente, ligada às trajetórias das escolas normais, só posteriormente, aos cursos de Pedagogia das Faculdades de Filosofia particularmente ao campo do ensino. Todavia, como o comportamento humano, a História também apresenta seus reveses e avanços e, assim, a partir da década de 70, acompanhando a mudança intensa dos comportamentos, acontece na História, uma “virada cultural”, aflora então, a História Cultural, que tenta compreender a História abandonando esquemas teóricos generalizantes e valorizando grupos particulares, em locais e períodos específicos. Assim, surgiram trabalhos sobre gênero, minorias étnicas e religiosas, hábitos e costumes, incorporando metodologias e conceitos de outras disciplinas, instigando, assim, os historiadores a lançarem um novo olhar sobre este contexto intrigante e, ao mesmo tempo, sedutor.

Com esse instigar, a Nova História Cultural, começa a ser vista devido às várias inovações. Abrem-se as portas para aqueles que a História relegou ao longo dos tempos, os esquecidos nas camadas populares: as crianças, as mulheres, os negros, os presidiários, os homossexuais, os idosos, entre outros, assim como seus sentimentos, valores, costumes e saberes, advindos de experiências testadas na linha dos tempos. Como exemplo, temos a história das mulheres que, esquecidas por um longo período da História, silenciadas pelo não-dizer, às vezes, esquecidas de si, apenas sobreviviam – como ainda existem tantas – em comunidades, sem vez e sem voz. Essas mulheres atendiam aos apelos e orientações de outrem – muitas vezes maridos – como que manipuladas pelo destino de viver mulher, mas “mulher”, como sinônimo de submissão, coisificação, com a simples obrigação de dar à luz filhos para os ditos homens perpetuarem suas espécies. E, engrandecidos, mostrarem ao mundo o seu feito, conforme conta a História que um dos maiores dramaturgos gregos de todos os tempos, – Eurípedes – escrevia, tranquilamente,

que se fosse possível ter filhos de outro modo, não mais seriam necessárias as mulheres e os homens estariam livres dessa praga.

Assim, rememorando a mulher na História e a história de tantas mulheres que acompanhei neste meu crescer, me interessei por investigar, mais uma vez, o universo feminino, a partir de memórias de mulheres e tentar descobrir quem são estas mulheres que trazem a tradição de louceiras em meio ao século XXI na cidade de Cajazeiras–PB. Descobrir a sua identidade e como as práticas cotidianas contribuíram para a sua formação, entre outros questionamentos que surgiram no decorrer desta investigação. A abordagem metodológica adotada consistiu no registro e análise das histórias orais de vida das mulheres louceiras do bairro São José em Cajazeiras–PB. Para tanto, tomamos, como eixo norteador, a metodologia da História Oral, apoiada pelo campo da memória, principalmente, na perspectiva das contribuições de Thompson (1992), Meihy (2007), Alberti (2004), Le Goff (1994), E. Bosi (2003 – 2004), entre outros teóricos. Do universo de doze mulheres, escolhi três personagens representativas de três gerações de mulheres louceiras da mesma família, que atuaram como recordadoras e colaboradoras desta pesquisa sendo: uma jovem (26), uma adulta (50) e uma idosa (63).

Tal escolha se faz, sobretudo, por entender-se que, por meio da narração dos fatos, é possível verificar algumas questões importantes sobre a identidade de quem faz a narrativa oral: a identificação das faixas etárias, procedência regional, etnia, opção religiosa, estado civil, orientação sexual, grau de escolaridade, outras ocupações se houver, perspectiva de vida, visão de mundo, experiências cumulativas sociais, culturais e educacionais que contribuíram ainda contribuem para a formação do ser mulher – formação inacabada, porém em constante construção – de acordo com a experiência vivida por cada uma especificamente. Na análise, busquei reconhecer, além dos elementos citados, as ideologias presentes no relato oral, obtido através das entrevistas semiestruturas, gravadas e transcritas com a finalidade da produção do documento oral.

De entrevistas a transcrições e, destas ao documento oral, procurei expressar, com fidedignidade, por entre as linhas deste texto, parte das narrativas destas mulheres recordadoras, assim como a expressão de verdade que habita o próprio ser e que, às vezes, exulta e angustia; que faz vibrar e esmorecer no viver o cotidiano.

Nesta perspectiva, este trabalho está constituído de quatro seções, a saber:

AS MEMÓRIAS COMO TRILHAS PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: É a partir das memórias das experiências extraídas do cotidiano que deixo escorrer pelas minhas lembranças as trilhas percorridas em forma de um memorial que aborda as, vivências seja no âmbito formal ou informal com o universo feminino, que se faz a essência deste trabalho investigativo, bem como, delinear os objetivos norteadores desta investigação.

CONCEITOS E RELAÇÕES: primeiros passos na trilha da História e da Educação – São os pressupostos teóricos que abordam princípios da História da Educação, linha desta investigação, assim como, princípios norteadores da educação, com ênfase na modalidade não-formal na qual estão inseridos os sujeitos desta pesquisa: três mulheres que fazem parte da Associação das Louceiras do Bairro São José. Foi abordada também, a História Cultural com Burke (2005), e Pesavento (2005) como os principais subsídios para fundamentar a sobrevivência destes grupos, a exemplo da associação, na qual escolhi as colaboradoras deste trabalho. Por indicação, busquei Gonçalves (2006), Moreira Neto (2005), Perrot (2008), Louro (2009), Priore (2010), Machado e Nunes (2007) entre outros, que serviram como fundamentos para trabalhar as relações de gênero, a fim de mostrar os estudos que esta temática envereda nos dias atuais.

O LUGAR DA PESQUISA: A história da Associação das Mulheres Louceiras – Apresenta, de forma objetiva, o logradouro onde residem as colaboradoras deste trabalho –, da informalidade à institucionalização -, as necessidades primeiras, os obstáculos encontrados e superados, a persistência aguerrida do grupo que reside naquele lugar. Foi abordado um pouco do trabalho diário, o estilo artesanal, os produtos fabricados, os vínculos com outras instituições. Enfim, o sim e o não que persistem em um trabalho de subsistência advindo da tradição de fazer louças.

TRILHAS METODOLÓGICAS: Memória e História Oral – Faz uma breve apresentação, à luz dos teóricos, sobre a relação da História e memória. Também faz alusão à metodologia utilizada, os fundamentos da História Oral que serviram de suporte para o “ouvir contar” histórias, episódios de uma vida, muitas vezes, guardados a sete chaves ou adormecidos no campo da própria memória ou do esquecimento. Para tanto, buscamos os subsídios de Halbwachs (1990), Le Goff (2003), Bosi (2003; 2004), Pollack (1989), Montenegro (2007), Thompson (1992),

Meihy (2007), Alberti (2004), que orientaram o caminho para percorrer o difícil e cuidadoso trabalho de fazer lembrar e, a partir de lembranças, encontrar as respostas para os questionamentos. Outros autores foram acrescentados a esta relação, pois apareceram, no andar dos dias, no remexer das fontes, que é próprio do pesquisador que anseia e que cuida. Assim, essas contribuições teórico-metodológicas sustentaram e arremataram as argumentações apresentadas ao longo deste trabalho. Amparada nesses teóricos, esta seção retrata ainda, as histórias (ou parte delas) dos sujeitos deste trabalho – as louceiras – que, por meio das suas narrativas, a partir da história oral de vida e, ajudadas pela memória, deixam desvendar suas vidas, permeadas pelas práticas sociais, culturais e educacionais as quais contribuíram e, ainda, contribuem para a formação de sua identidade. Em outras palavras, práticas que ajudaram na formação do ser, repleto de histórias recheadas de lembranças, de sonhos, esforços, interesses, amores, desamores, temores que, entre os silêncios e dizeres, deixam escapar as marcas de um tempo longínquo ou presente onde homens e mulheres tecem suas histórias, envoltos num cotidiano ora de cumplicidade ora de afastamento.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES: De trilhas a veredas – Traçam as linhas finais deste trabalho. Onde estão expressas as impressões da pesquisadora. As contribuições que, certamente, abrirão outras veredas, na perspectiva de novas pesquisas. Expressas, também, estão as lições retiradas de respostas a questionamentos feitos, utilizando-se de muito cuidado e destreza para não expressar falsas imagens e/ou julgamentos que venham retirar a legitimidade e legibilidade do resultado alcançado.

2 CONCEITOS E RELAÇÕES: PRIMEIROS PASSOS NA TRILHA DA HISTÓRIA E DA EDUCAÇÃO

Fazer história é estabelecer uma relação com o tempo. Esta relação não é nem a primeira nem a única possível.

(Michel de Certeau, 2006)

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: BREVE HISTÓRICO

Ancorada na linha de pesquisa da História da Educação, percebi a necessidade de traçar um breve recorte na História, por entender a importância que esta disciplina tem para o embasamento teórico deste trabalho investigativo.

Como suporte teórico, busquei Lopes e Galvão (2001) para subsidiar os passos na trilha da História e entender que a História da Educação, como disciplina, nasceu no final do século XIX, desenvolvendo-se, exclusivamente, nas Escolas Normais e nos cursos de formação de professores, adversa ao entendimento de ser uma disciplina ligada aos estudos de História, apesar de sua importância para a tentativa de entendimento do passado das sociedades. A história desta disciplina está, intrinsecamente, vinculada ao curso de Pedagogia que já se desenvolvia, em alguns países da Europa e dos Estados Unidos desde o século XVIII.

No Brasil, a História da Educação, como disciplina, segue a mesma linha dos outros países, ligada às trajetórias das Escolas Normais, só posteriormente, aos cursos de Pedagogia das Faculdades de Filosofia, particularmente, ao campo do ensino, embora, tradicionalmente, a História tenha relegado a importância da Educação, conforme acentua Lopes e Galvão (2001, p 26) quando afirmam que:

No campo da História, a educação tem sido, tradicionalmente, um objeto ignorado ou considerado pouco 'nobre', embora, com a progressiva influência da Nova História Cultural, isso venha, aos poucos, mudando.

Gradativamente, a História da Educação foi tomando impulso e, dos anos de 1950 a 1960, já começava a configurar um campo de pesquisas nessa disciplina,

com a realização de levantamento de fontes. Especificamente em 1955, foram criados, no Rio de Janeiro, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Na década de 1970, a História da Educação foi sistematizada como uma disciplina específica que tratava da educação brasileira, uma vez que aquela por muito tempo ficou restrita aos ensinamentos da História Geral da Educação neste contexto, a década de 1990, também, foi promissora. Vale ressaltar a criação do grupo de pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (1986/1987) e a Sociedade Brasileira de História da Educação (1999), assim como os seminários ibero-americanos e luso-brasileiros da História da Educação. Nas últimas décadas, essa disciplina foi beneficiada com duas grandes tendências que muito contribuíram para a sua renovação, são elas: o marxismo e a Nova História – vale ressaltar que esta última será a base histórica deste trabalho e que terá um aprofundamento ainda neste capítulo.

A literatura específica aponta que um dos domínios mais tradicionais da História da Educação é a história do ensino e que este tem se limitado à história das instituições escolares, do pensamento ideológico ou de alguns movimentos educacionais. Hoje, porém, têm-se notado outros interesses, a exemplo das práticas escolares cotidianas. O que comunga com o pensamento dos historiadores atuais que têm o entendimento de que é preciso adentrar nas práticas e nas relações escolares do dia a dia, como forma de reestruturação destas práticas num plano que permeia do humano ao escolar. Outro destaque que se faz é a atenção que se deu ao ensino de leitura e escrita, com a história do livro e da leitura; a história das crianças e dos jovens; a história das mulheres, na qual estão inseridos os sujeitos deste trabalho – as mulheres louceiras – assim como outros temas, a exemplo das fontes para a pesquisa, como também, o tratamento ideal para se trabalhar essas fontes.

Assim como a língua, código padrão de uma comunidade linguística, a História também evolui como reflexo das mudanças do comportamento humano. Rupturas epistemológicas são concebidas, paradigmas são revistos e o mundo caminha junto à construção de novas mentalidades, de (re)criação, de ousadia, fruto da inteligência humana. O homem tende a se transformar em sujeito da sua própria história, agindo conforme suas necessidades e suas vontades, fazendo história,

conforme aponta Certeau (2006) na epígrafe desta seção: “Fazer história é estabelecer uma relação com o tempo. Esta relação não é nem a primeira nem a única possível”. Assim, não se faz história sem praticar, cotidianamente. São as práticas culturais, sociais, educacionais, religiosas, entre tantas, realizadas pelo homem durante sua vida, que representam os afazeres condizentes com o percurso a ser trilhado na construção da história de cada sujeito particularmente, conforme aborda a subseção que se segue.

2.2 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: PRÁTICAS EDUCATIVAS

O atual cenário de transformações globalizantes nos apresenta desafios em favor da construção e exercício da cidadania nas várias instituições de disseminação do saber. Para além da escola, é preciso que se tenha consciência da existência de grupos que compartilham os saberes informais e não-formais. Esses círculos têm construções culturais e educacionais que se firmam pelas relações de gênero, sexualidade, raça/etnia, trabalho, práticas religiosas, enfim, por uma diversidade cultural existente.

Entendo que esse processo educativo, em qualquer modalidade que se apresente, deve estar voltado à formação do ser humano crítico, pautado em princípios éticos, de valorização da dignidade e dos direitos humanos, bem como, de respeito à diversidade em suas várias manifestações, independente de idade, orientação sexual, religiosa, ocupação, raça, entre outras. Em outras palavras, busca-se pela educação a constituição de identidades autônomas, dotadas de competências/saberes e valores que dignifiquem o homem, sujeito de transformação. No cerne da questão, há um especial olhar para a constituição das subjetividades em consonância com os parâmetros da educação moderna seja ela, formal, informal ou não-formal, nesta última, estão inseridos os sujeitos desta pesquisa.

Assim, é fácil perceber quão amplo é o conceito de educação que apresenta modalidades as quais representam o lugar dos indivíduos/sujeitos assim como as práticas sociais, culturais e educacionais presentes nas comunidades, sejam governamentais, não-governamentais, institucionalizadas e não-institucionalizadas, propiciando um crescimento em todas as áreas do conhecimento

humano. Esses avanços, no campo educacional, sugerem ressignificações no trabalho com indivíduos, seja na escola ou em grupos sociais isolados.

Ao longo dos últimos anos, é grande a necessidade de formação permanente do indivíduo, carecendo um olhar mais atento, no que diz respeito a competências e aprendizados em contextos diversos, quer no âmbito formal, informal e não-formal.

No âmbito formal, a educação está, intrinsecamente, ligada às escolas e universidades, baseia-se no ensino sistematizado, normalmente associado a várias etapas de desenvolvimento acadêmico, devidamente avaliado – quantitativamente, quando se refere às escolas de ensino tradicional, e quantiqualitativamente, às escolas mais progressistas –, organizadas por disciplinas e associadas a programas curriculares recomendados por órgãos competentes. Segundo Libâneo (1999 apud ALMEIDA, 2005, p. 26), “[...] educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática”.

Já a educação informal está relacionada a toda multiplicidade de aprendizado e conhecimento, seja na rua, em casa, nos momentos culturais, a exemplo de cinema, peça teatral e outras mais, a partir do meio em que vivemos e do que participamos, portanto, das vivências cotidianas. Logo, a educação informal não tem vínculo institucional, isto é, não é, necessariamente, organizada ou orientada, nem tão pouco avaliada. A educação informal segundo Libâneo (1999, apud ALMEIDA, 2005, p. 26), abarca os “[...] processos sociais de aquisição de conhecimentos, hábitos, valores e modos de agir etc., não são intencionados e não institucionalizados”.

Outro tipo de educação – a que este trabalho está intrinsecamente ligado – é a educação não-formal. A este respeito, Almeida (2005, p. 26), apoiada em Libâneo (1999), ainda, contribui com esta discussão, afirmando:

[...] a educação não-formal inclui aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização como é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbano-culturais e de lazer. Também se configura como educação não-formal, as atividades extraescolares que ocorrem nas escolas.

A partir destes posicionamentos, foi fácil perceber que além da amplitude que abrange a educação não-formal, há, segundo a autora, um elemento diferenciador entre as três formas de educação – o grau de intencionalidade – resumido da seguinte forma: a educação formal e a não-formal como sendo “educação intencional”- apesar desta aproximação pela intencionalidade, estas formas se distanciam em outros aspectos – e a educação informal como “educação não-intencional”.

Sobre a educação não-formal, muitos teóricos de diversos países têm dado grande contribuição para a sua consolidação, a exemplo do teórico Trilla (1996 apud GARCIA, 2003, p.1) quando afirma que a terminologia da educação não-formal aparece, a partir de críticas ao sistema formalizado de ensino, dada à impossibilidade de este atender às demandas sociais impostas. Segundo a autora, “[...] por muito tempo, o termo educação foi muito confundido com escola, como se as duas palavras fossem sinônimas”. Hoje, não raro, aparecem expressões como: educação para o trânsito, educação ambiental, educação para saúde, educação para o ócio, educação urbana, educação para o consumo, entre tantas outras denominações.

A este respeito, Gohn (1999, apud ALMEIDA, 2005, p.31-32) afirma que a educação não-formal é constituída de quatro dimensões:

[...] a primeira diz respeito à “aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos [...] a segunda refere-se à capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio de aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades [...] a terceira envolve a aprendizagem e exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos e, por fim, a quarta não menos importante, é a aprendizagem dos conteúdos de escolarização formal, escolar em formas espaços diferenciados.

É fácil perceber, também, que, de acordo com a autora, grande é a abrangência tomada por essa forma de educação a qual começa pela conscientização política do indivíduo frente as suas necessidades de direitos e deveres como cidadão, passando pela capacitação para o trabalho, pela aprendizagem das práticas necessárias para a organização comunitária e se completa com a absorção de conteúdos sistematizados, mesmo com uma estruturação diferenciada. Por ter um caráter eminentemente emergente, essa forma

de educação abarca todos os programas educativos que fogem à sistematização da educação formal, porém ainda é vista como uma forma complementar desta.

Gohn (1999 apud ALMEIDA, 2005, p.7) pondera que a educação não-formal abrange “[...] movimentos sociais, organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social”. Não esgotando tão instigante discussão, Gohn (1999 apud ALMEIDA, 2005, p.32) considera que na educação não-formal:

O ato de ensinar se realiza de forma mais espontânea, e as forças sociais organizadas de uma comunidade têm o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado bem como estabelecer as finalidades a que se destinam aquelas práticas.

Ainda para Gohn (1997 apud GARCIA 2003, p.4), outro setor bastante preocupado com a educação não-formal é o da divulgação, visto que se preocupa com as ações sociais relacionadas com as questões ambientais. Quanto aos conceitos, são “[...] atividades ou programas organizados fora do sistema regular de ensino com objetivos educacionais bem definidos.” Esta modalidade de educação é vista como forma complementar da educação formal e deve ser segundo alguns teóricos, desenvolvida em articulação com educação formal ou informal.

Esta articulação, segundo orientação de Gohn (1997) e Gohn (1999 apud GARCIA 2003, p.1) deve preservar as características da educação não-formal que visam a uma forma diferenciada de “[...] organizar e perceber a relação ensino-aprendizagem”, fato explicado pela não necessidade de obedecer a uma série de requisitos formais, mas que na prática, é notória a construção dos diferentes modos de vivenciar e compreender o processo ensino-aprendizagem, trazendo maior relevância das ações da prática e dos saberes e fazeres cotidianos.

De acordo com Garcia (2003, p. 3), “[...] no Brasil, a educação não-formal vem se caracterizando, nos últimos anos, por apresentar propostas de trabalho voltadas para a camada mais pobre da população”, pessoas que, por inúmeros fatores, não tiveram oportunidade de uma formação institucionalizada. Essas propostas são promovidas por diversos segmentos da sociedade, desde parcerias entre instituições, sejam públicas ou privadas, empresas, setores da sociedade civil, até organizações não-governamentais (ONGs), grupos religiosos, entre outros segmentos.

Adversa a este entendimento, Marandino (2007 apud COSTA 2007, p.1) afirma, “[...] o simples fato de não estar vinculada a uma estrutura escolar não caracteriza o processo educativo como Educação Não-Formal” e acrescenta:

[...] a formalidade do sistema escolar exige muito mais e tem um forte impacto na vida das pessoas quando se refere às avaliações e cobranças pela obrigatoriedade, diferente das experiências não-formais que podem ser inseridas num programa de educação estruturado e com avaliações, inclusive, mas que estão muito relacionadas às experiências ou vivências em si do que ao aprendizado exclusivamente, além disso, a pessoa tem autonomia para escolher a relevância destas experiências quando precisa elaborar um currículo, por exemplo, podendo citá-las ou não.

Apesar de algumas discordâncias, é fato que cresce, a cada dia, as demandas sociais, carências de todas as formas e, mesmo com os avanços do século XXI, seja no campo teórico-científico, seja no tecnológico, e a humanidade parece caminhar a passos cada vez mais lentos no que se refere à humanização. Parece que a tecnologia, vista como “motor do mundo”, inibe o homem – ser involuntariamente dominado –, agora, talvez mais pelas máquinas do que pela figura do patrão. Não pretendo aqui, dizer que o processo de industrialização ocorrido desde o início século XX, no Brasil, não trouxe progressos ou benesses. Afirmando, porém, que esse progresso parece ser um fator inibidor das questões humanitárias. Neste contexto, a questão é se há um “lugar” para os homens, e, sobretudo, para mulheres, de culturas e classes sociais diversas, tantas vezes afastadas das discussões e “engasgadas” pelo não dito, imersas nesse avanço socioeconômico e cultural que ora presenciamos. Mulheres e homens, atualmente, têm mais autonomia que antes, mas é necessário fazer muito mais.

No contexto da educação não-formal, há inúmeros pensamentos e execuções de projetos, também sonhos sem ação. Isso faz parte da complexidade do ser que vive nas adversidades e nas diversidades. Neste sentido, me pautei pelo conceito de ideologia utilizado por Chauí (1990) que se refere a um conjunto de normas que nos ensinam “a conhecer e agir”. Ademais, esse conjunto é sistematicamente articulado e muito preciso, no sentido de unificar o pensamento, linguagem e realidade, a fim de que os contrastes, as desigualdades e demais

divergências sejam ocultadas, mascarando a verdadeira realidade, a essência de dominação.

Neste contexto, dentro de uma visão a-histórica e lacunar, emerge a preponderância da classe dominante que transforma homens em objetos sociais, presos a discursos de outrem, meros repetidores de pensamentos alheios. Entretanto, para que haja a inversão de papéis – objetos sociais /sujeitos político-sociais – necessário se faz que a academia, amparada pela ciência, ateste o discurso meramente repetido e sem originalidade, a fim de instituí-lo transformando-o em “discurso competente” que, conforme atesta Chauí (1990, p.12), “[...] como discurso do conhecimento entra em cena para tentar devolver aos objetos sócio-econômicos e sócio-políticos, a qualidade de sujeitos que lhes foi roubada”.

Entretanto, mesmo reconhecidos como objetos ou sujeitos, esses indivíduos são atores de um universo da diversidade cultural brasileira, muitas vezes desconhecida. Essa pluralização cultural, observada pela Antropologia Cultural, reconhece muitas culturas desde o critério da cor até o critério social. Mas seria cultura social a cultura letrada? Universitária?

Dentro ou fora das universidades, culturas são apresentadas das mais diferentes formas, conforme atesta A. Bosi (2003, p.8), ao dizer que: “No mundo extra-universitário, os símbolos e os bens culturais não são objeto de análise detida ou de interpretação sistemática”. Eles são vividos e pensados, esporadicamente, mas não tematizados em abstrato. Isto remete à ideia de que a cultura universitária é fechada, padronizada, ao contrário da não-universitária que é vivida, pensada, revivida e reformulada, sob a tríade: construção, desconstrução, construção. Assim, entendo que é dessa forma que acontece a educação não-formal.

Essa mesma forma laica parte do princípio de uma educação transformadora e libertadora, amparada na formação de consciências, nas intersubjetividades dos indivíduos, na troca de experiência e na riqueza das tradições que fazem destas culturas firmes e sobreviventes, conforme Freire (2005, p.16):

Na intersubjetivação, as consciências também se opõem como consciências de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade.

Em meio a essa oposição, parece ser possível a convivência e convergência culturais, desde que haja espaço para manifestações apesar da heterogenização. Nesse sentido, Brandão (2003, p.15), amparado na proposta de educação transformadora, humanizadora e libertadora, postulada por Freire (2005), aponta alguns tópicos que fundamentam uma educação de vocação cidadã e entre estes, propõe:

Em um mundo ainda marcado pela desigualdade, a injustiça, restrição da liberdade, a exclusão, e a crescente consagração do ideário do capitalismo neoliberal com patrimônio cultural nos princípios de vida no mundo de hoje, uma educação de pessoa cidadã deve colocar-se de preferência, a favor dos pobres, dos excluídos dos postos à margem [...].

Diante de tal proposta e, apesar do advento das tecnologias da informação e comunicação, que apresenta mudanças significativas na área educacional, acredito que o leque de culturas, na sua pluralidade, não tenderá a desaparecer, mas ampliar seus horizontes, fortificar seus ideais e intensificar a sua tradição. Acredito, ainda, que as mudanças são reflexos de vontade, de interesse dos que veem a educação brasileira como um norte para respostas a tantas inquietações e, em meio a isto, homens, e, sobretudo, mulheres, aguerridas em sua essência, encontrarão sim, o lugar, mesmo onde a humanização seja edificada tijolo por tijolo; palavra por palavra; ação por ação.

Posto isto, e, retomando os sujeitos desta pesquisa, partindo da informalidade em que viviam as mulheres louceiras, das suas práticas adquiridas, também, pela forte tradição do fazer louça, pressupõe-se – a ser explicado na seção seguinte – que a comunidade de louceiras emergiu da educação informal para a modalidade não-formal quando institucionalizada. Isto aponta a grandiosidade de saberes advindos das muitas experiências destas mulheres.

Com o intuito de aprofundar tais questionamentos, importa-me, portanto, uma discussão mais aprofundada sobre A Nova História Cultural.

2.3 NOVA HISTÓRIA CULTURAL: O PONTO DE PARTIDA

A Nova História Cultural é o ponto essencial para o encontro com a História das Mulheres e nesta, a história das Mulheres Louceiras do Bairro São José – Cajazeiras PB, suas vivências subsidiadas por práticas que só elas – as mulheres – poderão desnudar, visto que são donas da sua própria história, donas do seu mundo?!

Os estudos comprovam que a História clássica baseia-se em uma visão macro, que concentra a história dos grandes homens, assim como dos seus feitos, as grandes epopeias, que eram baseadas em modelos teóricos globalizantes, com tendência à totalidade na qual o historiador era refém da busca da verdade. Essas explicações universais eram também lacunares, pois se tornaram objeto de inquietação para alguns historiadores. Assim, numa contraposição a essa postura teórica, nasce o arcabouço intelectual que dará origem à História Cultural no século XX –, palco de muitas mudanças, precisamente em 1929, a partir da fundação da Revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* pelos estudiosos franceses Lucien Febvre e Marc Bloch. No final da Primeira Guerra, Febvre idealizou uma revista internacional dedicada à história econômica, porém não tendo sucesso abandonou o projeto que viria ser retomado em 1928, com sucesso. A revista pretendia ser a difusora de uma abordagem nova e interdisciplinar da história, exercer uma liderança nos campos da história social e econômica, preocupando-se, ainda, com o método das ciências sociais e tinha como objetivo maior o propósito de abalar os paradigmas clássicos da História Geral assim como acontecia no âmbito das Artes no início do século.

De acordo com Burke (1997, p.11), o “núcleo central” do grupo envolvido e conhecido como “Escola dos Annales” era composto por, Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jaques Le Goff e Emmanuel Le Roy Laudurie, Michel Foucault, entre outros os quais contribuíram nas três gerações dos Annales.

A primeira geração (1920 a 1945) foi liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre e, segundo Burke, “caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos”, porém, Pesavento (2005, p. 30-31), afirma que:

Já desde a primeira geração de historiadores dos *Annales*, Lucien Febvre havia demonstrado preocupação com os domínios do simbólico, chamando a atenção para as atitudes mentais que se constituíam para além das determinações do consciente e do racional, para além dos circuitos da ideologia e da classe de uma análise marxista.

A segunda geração ou fase liderada por Fernand Braudel já se incorpora como “escola” com conceitos estruturais e conjunturais, assim como novos métodos, especialmente a “história serial”. Para Braudel, a contribuição do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as estruturas estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas.

Fortemente marcada pela fragmentação, aproximadamente em 1968, é iniciada a terceira geração ou fase. A repercussão e a influência do movimento eram muito grandes que gerou uma problemática no que se refere a sua essência. Burke (1997, p. 12) afirma: “Era uma escola unificada apenas aos olhos dos seus admiradores externos e seus críticos domésticos, que perseveravam em reprovar-lhe a pouca importância atribuída à política e à história dos eventos”. O centro do pensamento histórico estava em vários locais – o policentrismo – o que permitiu a abertura das ideias vindas do exterior e a inclusão de novas temáticas o que gerou a falta do domínio temático, fruto da fragmentação. Contudo, a terceira geração dos *Annales* é a primeira a incluir a história das mulheres, a exemplo, entre outras, de Michèle Perrot que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher. (KLAPISCH, 1981; FARGE, 1987; OZOUF, 1976; PERROT, 1974).

Um pensamento renovador, justificado por novos modelos historiográficos que é a proposta da revista *Annales*, visava à aproximação da História a outras ciências, tais como a Antropologia, a Economia, a Linguística e a Literatura como forma de receber subsídios para a reformulação e análise historiográfica que apontava para novos olhares, portanto, tempos novos. Tempos de revolução histórica que, conforme apontam Lopes e Galvão (2001, p.39), “[...] buscou alargar os objetos, as fontes e as abordagens utilizadas tradicionalmente na pesquisa historiográfica” e que foi denominada de Nova História.

A Nova História Cultural, que nasceu, em contraposição à história dos grandes eventos, dos grandes heróis e dos grandes homens, tem como objetivo a aproximação das massas marginalizadas, dos anônimos, dos sem voz, dos

esquecidos e sem história e, num resgate de trazer à superfície da história real uma face “nova” onde abordassem os problemas escondidos por mantos dos grandes feitos, da “velha” e respeitada história tradicional. Trazendo, à tona, o contraste de denominações e de postura, na ordem de defesa de uma maior amplitude no campo da abordagem historiográfica. No fragmento que segue, Burke (2005, p.69) comenta sobre a antítese que, entre linhas, denomina as duas faces da História:

[...] a palavra “nova” serve para designar e discutir a Nova História Cultural – com a Nouvelle histoire francesa da década de 1970, com a qual as duas abordagens têm muito em comum – das formas mais antigas já discutidas anteriormente. A palavra “cultural” diferencia-se da história intelectual, sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em idéias ou sistemas de pensamento.

Ainda com relação à terminologia da expressão Nova História Cultural explica Pesavento (2005, p.14-15):

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como reflexo da infraestrutura, ou mesmo como a cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás, concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção *da belle époque*, que entendia a literatura – e, por extensão, a cultura – como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito.

Movida pelo mesmo pensamento, Pesavento (2005, p.43) afirma que a “História Cultural se torna assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”, diferentemente do pensar nos “grandes homens”, estadistas ou heróis e suas memoráveis histórias que perduram, ao longo dos tempos, estudadas e analisadas na educação formal.

Assim, as grandes mudanças paradigmáticas que permearam todo o âmbito das Ciências Sociais desde o início do século XX, fizeram aflorar os interesses por estudos no campo da subjetividade, no adentrar, com devida permissão, na vida de atores sociais, personagens vivos e inquietantes que

interpretam a dura realidade nos limites da vida real. Diante disso, insisto em citar Pesavento (2005, p.7) quando atesta que “A História Cultural corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional [...]”. Dado que coaduna com o pensamento progressista de pesquisadores que tendem a uma investigação qualitativa, revelando homens e mulheres, sujeitos de suas histórias recheadas de anseios, de experiências, de trilhas como é a história dos sujeitos desta pesquisa – as mulheres louceiras.

Foi por este viés da História que muitos historiadores “dissidentes” miraram o alvo, abriram os braços e prepararam um novo caminho para fazer e interpretar a História. Entretanto, toda mudança é alvo de críticas e está propensa a acertos e erros, portanto, à mudança, na visão historiográfica, não foi diferente. Logo, alguns dos conservadores utilizaram-se de que a História estaria se tornando multifragmentária, uma vez que o objeto de pesquisa antes fixo, preciso e exato teria a partir de então, um caráter mais aberto, propenso a outras possibilidades de interpretações como bem afirma Pesavento (2005, p.51), “[...] no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões.”

E acrescenta discutindo:

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a Cultura como um conjunto de significados, partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

É ilustrando com a última frase da citação acima que tenho em mente que “a história do homem é a história da própria cultura” e que a existência humana só é possível através da troca recíproca de saberes e fazeres próprios do homem em comunidade ou em “comunidade humana” que vem prevalecer em relação à “comunidade natural”, apesar de o homem fazer parte da natureza. Viver simplesmente para atender às necessidades não faz do homem um ser social e humano, mas um vivente, um ser próximo da animalização conforme afirma Fávero (1983, p.15) “Uma comunidade humana só se faz sentir em razão da capacidade

que o homem tem de, através do conhecimento e da ação, de transformar o mundo natural em um mundo de cultura”.

Assim, de acordo com o exposto e para aprofundar conceitos, além de encontrar respostas para os questionamentos, faz-se necessário uma discussão mais aprofundada sobre os conceitos de cultura e de identidade na era moderna que ora vivenciamos.

2.3.1 Cultura(s) e Identidade(s): conceitos plurais

Muitas são as acepções do termo cultura, desde o latim *colere* que significa colher, cultivar o solo, cuidar, até outras acepções em diferentes níveis de profundidade e diferentes especificidades. A cultura, enfim, designava o conjunto de tudo de bom que a humanidade havia produzido em larga escala: materiais artísticos, filosóficos, científicos, literários, entre outros feitos. Assim, a cultura era pensada “de forma única e universal”, conforme explica Veiga-Neto (2003, p.7):

Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade. Assim a Modernidade esteve, por muito tempo, mergulhada numa epistemologia monocultural.

No século XVIII, os alemães tomaram a Cultura por *Kultur*, representando sua contribuição maior para a humanidade: o fazer inédito, maneiras de estar, de apreciar, de envolver, de criar, de organizar de forma superior, fato que levou a cultura a ser usada com letra maiúscula para representar status. Outros termos diferenciadores e diferentes foram sendo inseridos no vocabulário elitista. A “alta cultura”, a “baixa cultura”. “O homem tem cultura o outro não a tem”. Assim, a cultura passou a representar a elite e servia a favor da discriminação, conforme aponta Veiga-Neto (2003, p.7), ao dizer que: “Em qualquer desses casos é evidente o recurso ao conceito de cultura como um elemento de diferenciação assimétrica e de justificação para a dominação e a exploração”.

Assim sendo, este conceito que promove um fator diferenciador tem a função de discriminar indivíduos, separando-os entre os que fazem e os que ordenam; os dominados e os dominadores: cultura do povo e cultura de elite.

À cultura do povo sobrepõe-se a cultura de elite que subjuga, massacra e domina fruto da chamada ideologia dominante que remota o período colonial. Essa cultura do povo, não só é do povo, mas produzida por ele a partir de saberes, de tradições e de história. É assim com a Associação das Mulheres Louceiras do bairro São José que, fazendo parte dessa cultura do povo, promove um espetáculo do fazer com o trabalho de uma das matérias-primas mais antigas: o barro.

Portanto, diante de toda a segregação imposta pela classe da elite, a cultura do povo ainda sobrevive com a garra dos mais simples, “cavando” oportunidades e tecendo os fios de uma história ainda em construção, ou reconstrução, através da participação efetiva, que luta por visibilidade, apesar de toda a história em torno desta questão. É assim que evidencia Chauí (1993, p.40), ao dizer que:

[...] a cultura do povo, em lugar de ser a recusa, do que se passa na esfera das elites, seria, antes, um instrumento para a dominação por parte daqueles que detêm o poder e que nele são mantidos na qualidade de elites justamente por serem tomados como paradigmas do “melhor”, a que todos aspiram.

No Brasil, os primeiros anos da década de 60, apesar da forte dominação político-ideológica, foram criativos em todas as manifestações da arte popular da cultura expressa por grupos teatrais, que, espalhados por todo o Brasil, intensificaram suas atividades, após o movimento de 1964. Anos de grande representação e participação estudantil. Foram anos para repensar a postura dos brasileiros e de rebuscar o que já existia, a chamada cultura popular, que conforme E. Bosi (1972, p.53) é “[...] um sistema de idéias, imagens, atitudes, valores” e que é representada por “uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade”, advinda da grande diversidade cultural e adversidades ideológicas existente no Brasil.

No entanto, seguindo o pensamento da autora acima citada (BOSI, E., 1972, p.54), não parece fácil distinguir o que é cultura popular, em meio à forte atuação da cultura erudita, transmitida nas instituições de educação formal. Porém esclarece que esta cultura criada pelo povo tem suas características marcantes a exemplo do uso de “[...] coesão interna, [...] a vivência não consciente, mas emotiva, [...] reelaboração constante. Os temas se refazem, nem tudo é herdado”. Estas características se encontram implícitas e explicitamente no cerne do folclore onde o “novo e o arcaico se entrelaçam” numa reelaboração que dá beleza e graça a esta cultura popular que sobrevive às novas tecnologias, a exemplo das peças de barro em meio à durabilidade do inox, do alumínio, do vidro temperado, entre outras inventividades tecnológicas.

É, em meio a esta forte cultura tecnológica, que a cidade de Cajazeiras, no sertão paraibano, aporta uma gama de diversidades culturais e nelas a cultura popular se sobressai fortemente. Parece que a cidade, em forma de ímã, dá sustentabilidade a esta variedade de manifestações, seja através do teatro, da banda cabaçal – tocadores de pífanos -, confecção de bonecas de pano, entre inúmeras atividades, assim como a resistente “arte de fazer louça de barro”, pelas mãos habilidosas de mulheres que entre tantas atividades, permeando outras tantas identidades: mãe, filha, esposa, amante, amiga, benzedeira, cozinheira, estudante, comerciante, louceira... têm a graça de ser mulher, tem a vontade de fazer arte.

É nesse contexto, que encontramos “mundo afora”, comunidades de homens e mulheres que expressam grandes e variadas riquezas, demonstradas por saberes, expressos na fala simples e cotidiana, e até no barulho do silêncio, advindos de conhecimentos passados de geração para geração e de saberes, experimentados por uma tradição de trabalho, muitas vezes, rústico, acompanhado de uma robustez peculiar a cada homem e a cada mulher conscientes e centrados na própria singularidade, não desterritorializados do mundo, mas partícipes da construção dele, como afirma Freire, (2007, p.77):

É como seres conscientes que homens e mulheres estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo, através de sua ação, captar a realidade expressá-la por meio de sua linguagem criadora.

Com base no exposto e nos reportando à cultura brasileira, parece ser justo falar de uma só cultura ou de várias culturas que se sobrepõem, coexistindo lado a lado.

Basta lançar o olhar ao nosso redor, para perceber quantas contribuições tivemos desde o início da nossa formação como nação. Vale destacar os indígenas que habitavam nossas terras, os portugueses, africanos, italianos, alemães, japoneses, coreanos e outras contribuições como a cultura caipira, a rural, a sertaneja, a urbana, a nordestina, a paulista, a carioca e assim por diante. Há que se considerar a diversidade geográfica do país e os diferentes tipos de vida permeados de traços culturais dos diferentes e persistentes grupos, hoje incorporados a nossa cultura, que se rebela contra qualquer forma de dominação, apesar das sociedades de classes. É neste sentido que A. Bosi (2003, p.308) apregoa:

Estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna e, menos ainda, em sociedade de classes.

Acontece que a grande polarização de saberes, fazeres, valores e outros acontecimentos de todas as classes que atravessam a cultura contemporânea, talvez, possam mesclar a cultura moderna, que é um misto das bases da antropologia, ideologicamente marcada pelos interesses de grupos sociais dominantes. Esta polarização é ponto inicial para que o homem lute contra a forte dominação e abra espaços para a convergência de ideias, valores e fazeres numa reciprocidade de ações “comunicáveis” e de “reconhecimento”. Para Fávero (1983, p.23), “[...] a significação da cultura popular é precisamente entrar em tensão ideológica contra uma dimensão de cultura de uma classe (polarização ideológica na afirmação de uma cultura contra outra).”

Assim, a cultura popular nada mais é que a comunicação consciente entre os homens, em um diálogo de saberes e fazeres compartilhados de entendimentos firmados e efetivos, de construção de uma consciência histórica. Nesse sentido, Fávero (1983, p. 23) declara: “É popular a cultura que leva o homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido”. Articulando-se, no seu mais amplo sentido, o

homem acaba manifestando os seus anseios de busca quer nos mais longínquos recantos, onde a escolarização se esqueceu de visitar quer no meio educacional onde se faz a fusão do conhecimento informal/não-formal com o conhecimento acadêmico.

Esse processo dual só é possível porque o ser humano vive em construção, em busca de si mesmo, de respostas para as suas inquietudes, como afirma Freire (1979, p.28):

A Educação é a resposta da finitude da infinitude [...] A educação, portanto implica em uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não se pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém.

O fato é que as mudanças pelas quais passam o mundo moderno são profundas e transformam não só as práticas individuais, mas também as coletivas, até no mundo do trabalho. Nesse cenário, à educação, em toda sua amplitude, cabe a missão de oportunizar aos indivíduos a possibilidade de repensar a sua visão de mundo, a fim de compreender a sua constituição, enquanto sujeito social, integrado a grupos e classes sociais, portanto comprometido com a construção de saberes.

Dessa forma, a cultura é percebida não como um lugar autônomo, mas como um lugar onde residem as diversidades sociais e culturais revestidas de (re) definições, de satisfações e de necessidades dos indivíduos. Diante disso, fica evidente a urgência pela busca de subsídios, que possam contribuir na (re) construção de mentalidades, de identidades e subjetividades. Isto porque a efetiva contribuição dos saberes, no contexto de uma sociedade, notadamente marcada pelo avanço tecnológico, deve ser o respeito às marcas identitárias que os sujeitos carregam por herança cultural básica, o que não despreza o novo, mas respeita-o como somatório de saberes, segundo entende Sousa Santos (2000 p. 135): “As identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. [...] Identidades são, pois, identificações em curso”.

Diferentemente do sujeito do Iluminismo (HALL, 2006), quando este sujeito era concebido como um ser totalizante, unificado, dotado de razão e consciências necessárias para agir individualmente, o sujeito da pós-modernidade

ou da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005), fruto da desestabilização de um mundo novo e emergente, é um indivíduo sem autonomia e autoridade fixas, portanto, sem identidade essencial e inegociável, conforme aponta Hall (2006, p.12-13), ao dizer que “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Com este mesmo pensamento, Bauman (2005, p.19) defende que as grandes transformações sociais, culturais e antropológicas por que passa esta modernidade rumo aos ajustes da globalização, faz dos sujeitos seres frágeis e inseguros, impossibilitando-os de terem ao seu alcance uma postura identitária firme e assim declara: “As identidades ganharam livre curso e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo usando seus próprios recursos ou ferramentas”, por isso se utilizam de instrumentos alternativos para adquirirem identidades também alternativas, fluidas, inconstantes e imprevisíveis, até porque, continua Bauman (2005, p.19):

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.

Contudo, esta “crise identitária” resultante de transformações serviu para minimizar fortes tensões existentes no campo dos estudos culturais, afastando o estigma de cultura erudita e cultura popular e oportunizando uma flexibilização para o estudo e a visão das identidades ora em construção.

Assim, para que essas identidades culturais sejam reforçadas ou revistas é que surge a necessidade de reforçar, aqui, um pouco das questões de Gênero, na tentativa de reafirmar conceitos e refutar alguns “preconceitos” dentro da possibilidade.

2.4 A QUESTÃO DE GÊNERO: UM NOVO OLHAR NA HISTÓRIA

Na contemporaneidade, era das possibilidades, alguns discursos adotam a postura de descortinar identidades, afixadas no interior do poder, a partir de redes de relações tensas e sempre em atividade, instituindo as diferenças e as desigualdades, foco de tantas controvérsias. Assim, trazem à tona o jogo de figuras humanas e, dentre estas, a mulher, enfocando os seus inúmeros perfis, que vão do campo do divino ao mundano, num jogo de imagens, de práticas discursivas diversas. É nesse ponto nodal, que novos estudos se debruçam sobre as relações de gênero, permitindo-nos enxergá-las como mecanismos de cotejo, conforme sugere Moreira Neto (2005, p.214):

[...] as relações entre os sexos como relações sociais construídas no contexto social e cultural. Não são determinações biológicas ou sexuais, mas discursos e práticas que, permeando o cotidiano, instituem microrresistências, produzem microdiferenças.

Nessa pauta de discussão, aparece a figura da mulher que possibilita entender as práticas femininas pelas relações de gênero e concebê-las como produzidas em contextos específicos da história, da cultura e da política. Essa é a proposta maior de Scott (1999 apud MOREIRA NETO, 2000), quando afirma a necessidade de entender que a história das mulheres está ligada, intrinsecamente, à história da dominação masculina, que se caracteriza pela dualidade: homem/mulher, poder/fragilidade, dominador/dominado. Essa força dual se inscreve nos ritos, mitos, emblemas e sinais que figurativizam a história das mulheres, desde as origens da vida do homem em sociedade e que norteiam os nossos questionamentos, conforme sugere Scott (1999, p. 123-124 apud MOREIRA NETO, 2000, p.137-149):

[...] nos perguntar como as relações entre os sexos foram construídas em um momento histórico, por que razão, com que conceitos de relação de forças, e em que contexto político. Este é o verdadeiro problema: historicizar a idéia homem/mulher e encontrar uma forma de escrever a verdadeira história das relações homens/mulheres, das idéias sobre sexualidade, etc. [...]. A diferença dos sexos é um jogo político que é, ao mesmo tempo, jogo cultural e social. Para mim o mais importante é insistir sobre a historicidade das relações homens/mulheres, as idéias e os conceitos da diferença sexual.

Os estudos recentes sobre as relações de gênero apontam para a desconstrução do pensamento dicotômico: masculino/feminino; razão/sentimento; homem/mulher. Louro (2008, p. 7-8) assim, se expressa:

Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades e suas solidariedades e antagonismos podem provocar perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada.

Assim, no contexto de possibilidades e de tentativas de crescimento educacional e econômico de uma nação tão diversificada, encontra-se, ainda, um “ranço” de um passado tão presente, constituinte da memória desta nação, de um povo aguerrido, forte de coração e de músculos. É nesse lugar de verdades inquestionáveis, que se encontrava – como ainda – a mulher, legada ao “não dizer” permeado de dizeres; pela falta de oportunidade, filha de séculos sem voz e vez, limitada a tarefas domésticas.

Sobre esta questão afirma Perrot (2008, p.16-17):

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em outras sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia da cidade tranqüila. [...] Sua fala em público é indecente. ‘Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão’. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. [...] Até mesmo o corpo da mulher amedronta. É preferível que esteja coberto de véus.

Esta invisibilidade perdura até hoje, onde a mulher não faz parte da História, não consta em relatos, assim, a mulher inexiste. E não existindo para a História, ela faz parte do “silêncio das fontes” e da “esfera do privado”, da vida doméstica e somente das conversas do lar.

Ainda sobre esta invisibilidade, Louro (2008, p.17) afirma:

É preciso notar que esta invisibilidade produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, doméstico como o verdadeiro mundo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompido por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras.

Apesar deste crescimento, as mulheres ainda eram discriminadas, não tinham credibilidade no que se refere à tarefa antes direcionada aos homens, conforme acentua Perrot (2008, p.119), “Para o homem, a madeira e o metal. Para a mulher, a família e os tecidos”. Isso expressa desprezo aos saberes da mulher. Mesmo assim, elas alcançaram lugares sociais, nunca antes imaginados nos países em que receberam credibilidade, fato que se deve às lutas, aos combates do feminismo em favor do crescimento da mulher oprimida.

No entanto, Priore (2010, p. 5) pondera que apesar de todo crescimento em relação às questões voltadas para as mulheres, estas, ainda, tendem a pensar de forma arcaica ou machista e diz que toda a luta e o pensamento femininos vieram como resposta no século XIX, quando apareceu uma “nova ética para a mulher, baseada em valores absolutamente femininos”. Reforçando diz a autora:

De Mary Wollstonecraft, no século XVIII, a Simone de Beauvoir, nos anos 50, o objetivo do feminismo foi provar que as mulheres são como homens e devem se beneficiar de direitos iguais. Todavia, no final deste milênio, inúmeras vozes se levantaram para denunciar o conteúdo abstrato e falso dessas ideias, que nunca levaram em conta as diferenças concretas entre os sexos. Para lutar contra a subordinação feminina, essa nova ética considera que não se devem adotar os valores masculinos para se parecer com os homens. Mas que, ao contrário, deve-se repensar e valorizar os interesses e as virtudes femininas. Equilibrar o público e o privado, a liberdade individual, controlar o hedonismo e os desejos, contornar o vazio da pós-modernidade, evitar o cinismo e a ironia diante da vida política. Enfim, as mulheres têm uma agenda complexa. Mas, se não for cumprida, seguiremos apenas modernas. Sem, de fato, entrar na modernidade.

Assim, para Priore (2010, p.6), ser moderna não significa ser consciente em relação a toda essa problematização, pois, segundo a autora, existe uma falsa ideia do crescimento das relações de gênero, afirma que há, ainda, “[...] uma desvalorização grosseira das conquistas das mulheres, por elas mesmas. Esse

comportamento contribui para um grande fosso entre os sexos, mostrando que o machismo está enraizado”.

Sem dúvida, as mulheres têm ganhado espaços inimagináveis para quem viveu na invisibilidade por longo tempo. Entendo, a partir das leituras e consequente conscientização é que as mulheres vêm ganhando força, atravessando séculos, décadas graças à força e ao poder que estão impressos nesta figura. Sua visão de águia, antes escondida em suas asas presas, sobressai e avança para a pauta dos discursos inscritos em projetos político-educacionais desde o final do século XIX, cavando oportunidades, que, apesar de tímidas, serviram como embasamento para uma busca mais consistente de construção de uma identidade forte e marcadamente feminina. Mas deve-se considerar que a duplicidade de tarefas a que estão submetidas, não é nada fácil para as mulheres que, responsavelmente, assumem os papéis da família e os da profissão. Priore (2010, p.3-4) é enfática quando considera:

Ocupando cada vez mais postos de trabalho, a mulher se vê na obrigação de buscar o equilíbrio entre o público e o privado. A tarefa não é fácil. O modelo que lhe foi oferecido era o masculino. Mas a executiva de saias não deu certo. São inúmeros os sacrifícios e as dificuldades da mulher quando ela concilia seus papéis familiares e profissionais. Ela é obrigada a utilizar estratégias complicadas para dar conta do que os sociólogos chamam de “dobradinha infernal”. A carga mental, o trabalho doméstico e a educação dos filhos são mais pesados para ela do que para ele. Ao investir na carreira, ela hipoteca sua vida familiar ou sacrifica seu tempo livre para o prazer. Depressão e isolamento se combinam num coquetel regado a botox.

Seguindo o entendimento da autora acima referendada, este comportamento adotado por algumas mulheres, na tentativa de se firmar e demonstrar sua inteligência e força, peculiares ao seu ser, a faz enfrentar grandes desafios, e, para não “demoronarem” físico e psicologicamente, buscam o apoio de inovações, seja na medicina ou na estética para suprir outras necessidades numa forma de auto-satisfação.

O pensamento exposto contraria o período da divinização quando a mulher era vista como sinônimo de pureza era imaculada, idéia que predominava nos primórdios da literatura. Mas a cada século, essa figura foi tomando corpo, materializando-se; até que, no século XX, a figura feminina ganha mais espaço,

desde os bordéis até as academias literárias, o ser que no passado era frágil, toma uma dimensão sócio, político, econômico e cultural jamais pensada. Neste sentido, Moreira Neto (2005, p. 33) assinala:

Na metade do século XX, havia um descontentamento diante da vida, do cotidiano das mulheres. Estes aspectos foram sistematizados e denunciados em pesquisa desenvolvida por Betty Friedan que, em 1963, publica nos EUA, *A mística feminina* [...] A mulher cumpria – para isto fora criada e educada – o papel, simplesmente, de esposa, de mãe e dona de casa, supostamente feliz em satisfazer a todos. Ela própria com seus anseios era marginalizada. [...] É Friedan, ainda, quem desmistifica a imagem sorridente da americana suburbana, da esposa, da dona-de-casa e da mãe, revelando, com isto, a profunda insatisfação feminina quanto ao seu papel na sociedade. E mais: delata, sobretudo, os mecanismos culturais e sociais que constroem a mística feminina cerceadora que imobiliza e manipula as mulheres.

Nos dias atuais, a figura feminina exposta na mídia como cartaz ou anúncio de televisão, ainda se constitui como objeto que atende aos mecanismos denunciados por Friedan. Para que a mídia sobreviva, o chamamento ao consumo do produto tem que atender ao desejo do consumidor e a mulher, enquanto objeto de desejo, na linguagem midiática é desenhada sob os mais diversos aspectos.

A mídia submete a mulher ao gosto popular como portadora de beleza ou competência, indaga, sutil ou agressivamente, se a mulher poderia somar estas qualidades ou seria apenas mais um ícone de desejos eróticos.

A este respeito, Priore (2010, p.4) discute abordando a mulher brasileira:

No decorrer deste século, a brasileira se despiu. O nu, na tevê, nas revistas e nas praias incentivou o corpo a se desvelar em público. A solução foi cobri-lo de creme, colágeno e silicone. O corpo se tornou fonte inesgotável de ansiedade e frustração. Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. É uma nova forma de submissão feminina. Não em relação aos pais, irmãos, maridos ou chefes, mas à mídia. Não vemos mulheres liberadas se submeterem a regimes drásticos para caber no tamanho 38? Não as vemos se desfigurar com as sucessivas cirurgias plásticas, se negando a envelhecer com serenidade? Se as mulheres orientais ficam trancadas em haréns, as ocidentais têm outra prisão: a imagem.

Com referência a esta questão, não se pode negar que, neste século, a mulher cultua o corpo como mais uma forma da busca por visibilidade perante aos olhos humanos a partir dos dela. Mas, independentemente desta questão e, ainda, da escolha que a mulher faz para a sua vida, o certo é que, na vida doméstica ou em qualquer trabalho, lá está ela, fulgurando no contexto das imagens, dos sons e das letras que constituem o mundo e as vidas, seja em casa, na literatura, no cinema, na televisão ou em qualquer parte.

Entretanto, na mídia e fora dela, algumas figuras femininas despontam nos mais altos degraus, ao assumir papéis firmes com garra e determinação, demonstrando o nível de sua competência, abrindo trilhas como se abrem portas para que outras mulheres despertem e alcancem o desejado.

3 O LUGAR DA PESQUISA: A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES LOUCEIRAS

O primeiro artesão foi Deus que, depois de criar o mundo, pegou o barro e fez Adão.

(ditado popular paraibano)



FIGURA 1: Produção das Louceiras na feira livre de Cajazeiras - PB
FONTE: Própria Autora/2010.

3.1 NAS TRILHAS DA HISTÓRIA...

É por entender a relevante importância de historicizar sobre o universo pesquisado e a abrangência do referido trabalho que lanço um olhar sobre Cajazeiras, sobre os fios culturais que se entrelaçaram, formando as filigranas originais para que hoje, essa cidade seja reconhecidamente um celeiro cultural. Lanço um olhar, também, sobre a história da Associação das Louceiras do bairro S. José onde estão inseridas as mulheres, sujeitos desta pesquisa.

O município de Cajazeiras está localizado na Mesorregião do Sertão Paraibano e na Microrregião do Sertão das Cajazeiras, com uma área de 567 km², distando cerca de 470 km (em linha reta) da capital, João Pessoa. A população do município de Cajazeiras é composta de 54.715 habitantes, num total de 14.322 domicílios, sendo que 77% da população residem na área urbana e apenas 23% na área rural.

No tocante ao aspecto educacional, o município possui uma boa estrutura, agraciada até com a carinhosa perífrase de “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”. A população alfabetizada do município é de 74,96%, sendo o sistema Municipal de Ensino composto de 35 instituições escolares, sendo 16 urbanas e 19 rurais, oferecendo educação infantil, ensino fundamental de 1º e 2º segmentos e a Educação de Jovens e Adultos, dentre as inúmeras atividades da educação informal e não-formal manifestadas pela sua gente, que paira num misto entre os resquícios da fidalguia (origem portuguesa e francesa) e da simplicidade (originários das “Cajazeiras” dos cajás e do fazer “arte” para a sobrevivência cotidiana). Talvez essa mistura tenha resultado em um povo aguerrido em busca do amor à cultura e à liberdade. Nesse sentido, Rolim (1999, p.4), numa alusão a Cajazeiras, aponta algumas imagens embaladas por paradoxos:

É moderna no aspecto arquitetônico de belas residências [...] mas antiga no aspecto nostálgico dos velhos casarões [...]. É metropolitana na agitação de suas atividades urbanas, mas provinciana na simplicidade de suas tradições, de seu folclore, de suas crenças e nos hábitos do seu povo. Pacata e hospitaleira recebe de braços abertos todos que a buscam, mas é orgulhosa das marcas de bravura registradas em sua história.



FIGURA 2: Cidade de Cajazeiras PB.

FONTE: <http://www.ferias.tur.br/fotos/4900.cajazeiras.pb/html>

No que concerne ao ponto de vista cultural, a cidade de Cajazeiras é conhecida em âmbito nacional e a isso se deve reverência ao padre-mestre Inácio de Sousa Rolim, que segundo a literatura da cidade, já no século XIX, adotou a prática de chilo⁵. Desse exercício, resultou o gosto de seus alunos por atividades culturais. A semente germinara; a ideia não morrerá, pois outros educadores, historiadores, artistas da terra continuaram influenciados por tais atividades, tanto é que logo, a juventude cajazeirense foi despertada no gosto pelo teatro, pelo recitativo, pela música, pelas tertúlias⁶ organizadas pelo grêmio lítero-cultural. Vale salientar que o Teatro ICA, fundado em 1985 – permita-me omitir os seus antecessores –, sobrevive ainda hoje com maravilhosas apresentações aos finais de semana, seja espetáculos da terra ou de outras cidades a exemplo da capital, João Pessoa. Vale lembrar ainda, para não muito me alongar, que em alguns dos filmes brasileiros que conquistaram importantes prêmios no exterior, encontramos atores cajazeirenses nos principais papéis, a exemplo de Sávio Rolim (Menino de Engenho: Palma de Ouro/ Cannes), Marcélia Cartaxo (A Hora da Estrela: Urso de Prata: Berlim), Soia Lira (Central do Brasil), Zé do Norte (trilha sonora de O Cangaceiro: Palma de Ouro/Cannes) e, por último, Eliezer Rolim (cineasta do filme O Sonho de Inacim, gravado em Cajazeiras e nas cidades circunvizinhas e que trata da história do Padre Rolim, fundador da cidade).

Além disso, a cidade de Cajazeiras também é marcada pela arte da renda de bilro, crochê, bordado à mão e à máquina, confecção de flores, pinturas em objetos de adornos domésticos e decoração. É nesse farto cenário cultural, em plena era das tecnologias, que ainda sobrevivem, nesta cidade, as mulheres louceiras, assim como, sua vida e sua contribuição como artista e como mulher.

Seguindo a trilha da história, a sede da Associação das Loiceiras do Bairro de São José está situada na zona norte de Cajazeiras. Um amplo galpão com estantes de alvenaria, decoradas com as peças sejam pratos, potes, estatuetas, flores, imagens de santos, outras peças estão expostas no chão dando ao lugar um ar de uma instituição comercial, melhor chamá-la de “*galeria da arte do barro*” (grifo nosso). Todas as peças são produzidas por mulheres e por homens que dão a sua

⁵ Consistia em uma palestra entre educador e alunos, precedida de uma leitura de textos clássicos em evidência.

⁶ Popularmente conhecida como encontros de casais para dançarem a luz do luar ou não, onde surgiam flertes e namoros.

importante contribuição. Noutro salão, fica o “*laboratório do barro*” (grifo nosso), onde se encontram os fornos, outras peças em acabamento e a matéria-prima – o barro.

Esta associação conta com, aproximadamente, 20 associados/artesãos, destes, 12 são mulheres e 08 são homens. Trabalham com o intuito de subsistência e de divulgação do seu produto, advindo da tradição de louceiros que trava uma luta saudável com a modernização. Estes artesãos recebem encomendas dos seus produtos e os exportam para estados e cidades circunvizinhas, além de venderem os utensílios domésticos de barro na Feira Livre de Cajazeiras todos os sábados. São peças como panelas, potes e pratos que ainda hoje são utilizadas pelas famílias da região que acreditam que esses produtos são mais saudáveis para preparar os alimentos, visto que o barro “vem da terra”, não acarretando doenças para as famílias.

Quanto à sobrevivência dessa comunidade, local de estudo e hoje, Associação das mulheres louceiras em Cajazeiras, deve-se ao resgate cultural ocorrido, nas últimas décadas, pois a produção de louças é uma herança cultural das mais antigas no sertão paraibano, porém sem apoio de um órgão institucionalizado, talvez essa atividade já tivesse sido extinta em meio à tecnologia galopante que ora presenciamos.

Apesar de este projeto ser apresentado com a denominação “louceiras” as mulheres da associação registraram-se como “loiceiras” para fazerem jus à tradição, já que, gramaticalmente, as duas opções estão corretas, apenas com a forma escolhida em desuso, o que nada interfere na beleza da atividade e na persistência da tradição, conforme afirma o Jornal Correio dos Estados & Municípios (2007, p.34), quando faz referência à fala da presidente da associação:

As palavras loiça e loiceira constam dos dicionários de português como variação e significam, respectivamente, louça e louceira. São usadas orgulhosamente em Cajazeiras para designar os utensílios domésticos de barro e as habilidosas artesãs e artesãos, herdeiros da tradição portuguesa. “Eles fizeram questão de colocar loiceiras no nome da associação para fazer referência ao passado”.

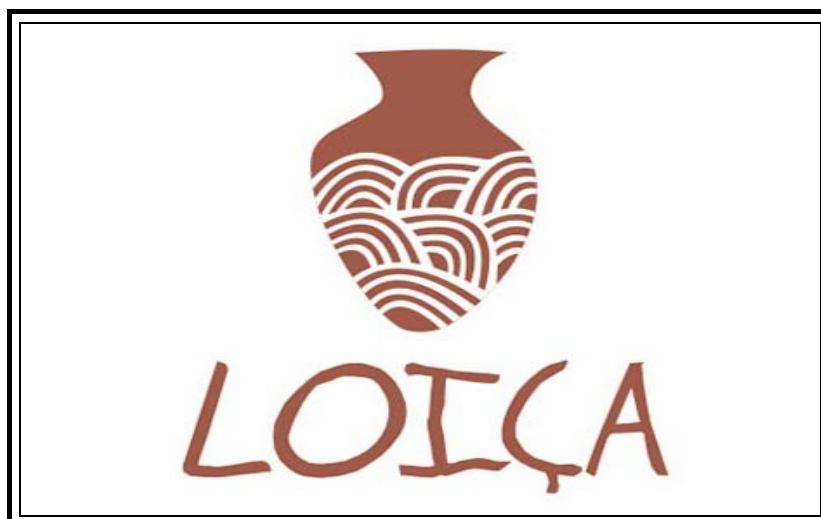


FIGURA 3: Artesanato cerâmico (logotipo) / Cajazeiras-PB
 FONTE: Christus Nóbrega, 2002. (designer).

Quanto aos produtos, encontra-se da mais simples a mais sofisticada peça, graças à criatividade feminina e ao apoio de órgãos que viabilizaram cursos para o aperfeiçoamento das referidas peças. A este respeito, ressalta-se um curso de aperfeiçoamento, desta vez, em bordado realizado com as louceiras com apoio e realização do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio exterior (MIDIC), Centro de Capacitação Profissional e Empresarial (CCAPE), Governo do Estado ministrado pelo designer Christus Nóbrega que segundo o site (NÓBREGA, 2002, p.1) do referido design:

Após o diagnóstico da produção artesanal do grupo, foi percebida a necessidade de uma inovação nos produtos que os diferenciasssem dos demais produtos cerâmicos artesanais do nordeste. Analisando as outras habilidades artesanais do grupo, descobrimos uma que poderia ser útil nesse projeto – o *bordado*. Assim, aliamos o bordado a cerâmica, de forma inusitada criamos uma linha de pratos e fruteiras bordadas com motivos florais.

Desde 2002, as artesãs cajazeirenses do barro já produzem belas peças bordadas com agulhas e linhas coloridas, utilizando-se da técnica do crochê. Vale ressaltar que a maior parte das peças produzidas pela associação são pintadas na cor terracota – tonalidade aproximada do barro natural. Os temas adotados pelas louceiras são flores e frutas – representação da flora regional. Essas belezas, em forma de peças, bordadas ou não, são muito bem aceitas e valorizadas noutros estados. Com isso, comprova-se que as mãos femininas expressam a sensibilidade e criatividade, garra e vontade, o sentimento de águia, muitas vezes, ainda,

desconhecido por estas mulheres, filhas de uma tradição, fiéis a uma tradição. A tradição da cerâmica indígena.



FIGURA 4 e 5: Produção da Associação das Louceiras do bairro São José
 FONTE: Própria Autora/2010.

Apesar de, no decorrer de todo o trabalho, fazer referência às palavras “louça” e “louceira” em substituição à “cerâmica” e “ceramista”, conforme trata a literatura específica, advirto que adotei um pouco dessa postura para fazer alusão à origem da cerâmica.

A palavra cerâmica vem do grego “kéramos” que significa “coeva do fogo” ou “terra queimada” – é um material de imensa resistência, sendo frequentemente encontrado em escavações arqueológicas. Assim, a cerâmica vem acompanhando a história do homem, deixando pistas sobre civilizações e culturas que existiram há milhares de anos antes da Era Cristã.

A literatura específica aponta que, além da utilização que a cerâmica apresenta durante toda a história como matéria-prima de diversos instrumentos domésticos, da construção civil e como material plástico nas mãos dos artistas, a cerâmica é também utilizada na tecnologia de ponta, mais especificamente na fabricação de componentes de foguetes espaciais, justamente devido a sua durabilidade.

Segundo os estudos, a cerâmica é a mais antiga das indústrias pelo fato de ter nascido no momento em que o homem começou a utilizar-se do barro

endurecido pelo fogo. Desse processo de endurecimento, obtido casualmente, a cerâmica passou a substituir a pedra trabalhada, a madeira e mesmo as vasilhas (utensílios domésticos) feitas de frutos como o coco ou a casca de certas cucurbitáceas⁷.

As primeiras cerâmicas de que se tem notícia são da Pré-História: vasos de barro sem asa, que tinham cor de argila natural ou eram enegrecidas por óxidos de ferro. Tem-se notícia, também, que a maioria dos índios brasileiros ficou nesse estágio de evolução, logo, não se desenvolveram na arte de produzir cerâmica.

A literatura também dá conta de que a tradição ceramista não chegou com os portugueses ou veio na bagagem cultural dos escravos. Os índios aborígenes já tinham firmado a cultura do trabalho em barro quando Cabral aqui aportou. Por isso, os colonizadores portugueses, instalando as primeiras olarias, nada de novo trouxeram; mas estruturam e concentraram a mão-de-obra. O rudimentar processo aborígene, no entanto, sofreu modificações com as instalações de olarias nos colégios, engenhos e fazendas jesuíticas, onde se produzia além de tijolos e telhas, também louça de barro para consumo diário. A introdução de uso do torno e das rodadeiras parece ser a mais importante dessas influências, que se fixou, especialmente, na faixa litorânea dos engenhos, nos povoados, nas fazendas, permanecendo, nas regiões interioranas, as práticas manuais indígenas. Com essa técnica, passou a haver maior simetria na forma, acabamento mais perfeito e menor tempo de trabalho.

Quando os populares santeiros, que invadiram Portugal no século XVIII, introduziram a moda dos presépios, surgiu a multidão de bonecos de barro de nossas feiras. Imagens de Cristo, da Virgem, Abades, de santos e de anjos começaram a aparecer. Os artistas viviam à sombra e em função da Igreja ou dos seus motivos. O mais célebre artista dessa fase foi Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Pouco a pouco — da mesma forma que aconteceu com o teatro católico medieval que foi transformado no Brasil em espetáculos populares como as pastorinhas, o bumba-meu-boi e os mamulengos⁸ — a arte do barro foi se tornando

⁷ Segundo o dicionário Michaelis: “Frutos grandes da cabaceira, que, depois de seco e limpo interiormente, se presta como recipientes de líquidos e a outras finalidades domésticas”.

⁸ Bonecos de barro mal-formados

profana. Ao final, era o seu meio que os artistas começaram a retratar: simplificaram as formas que passaram a apresentar, sem nenhum artifício, tipos, bichos, costumes e folguedos.

No Brasil, a cerâmica tem seus primórdios na Ilha de Marajó. Na segunda metade do século XIX, a ciência arqueológica voltou-se para territórios e continentes além de Grécia e Roma; assim, ocorreram escavações na Amazônia, especialmente na ilha de Marajó sendo o centro de Santarém o mais generoso com os pesquisadores. Foram identificadas várias fases da cerâmica brasileira, que foram divididas em: Ananatuba – entre o séc. VII e o X a.C., Mangueiras – entre o séc. IX e o XII –; Formiga – a cerâmica mais pobre – Aruã e Marajó – em destaque – . A arte ceramista foi elaborada por povos que habitaram a bacia Amazônica do ano 980 A.C. até o séc. XVIII e é arqueológica. Através dela pode-se observar a evolução, o apogeu e a decadência da cultura de um povo. A riqueza de detalhes, a exuberância das cores, a variedade dos objetos (como fusos, colheres, tangas, bancos, estatuetas e adornos), as técnicas de brunimento⁹ (alguns feitos com conchas) foram perdendo qualidade com o tempo. Os grandes aterros de louçaria e estatuetas encontrados na ilha de Marajó mostram bem esta falência. Hoje, o que existe de cerâmica marajoara pode ser visto no Museu Goeldi, em Belém. Há uma tentativa de réplicas, vendidas em feiras o que não passam de falsificações grosseiras, sem significado cultural, alertam os estudiosos no assunto.



FIGURA 6: Cerâmica brasileira Aruã

FIGURA 7: Cerâmica brasileira Marajó

FONTE: ANFACE (s/d).

⁹ Técnicas de polimento.

As artes cerâmicas moldam minerais das entranhas da terra (metais, barro, argila, areia etc.) dando origem a utensílios, peças ornamentais, urnas funerárias e os mais variados produtos da imaginação do homem. Este trabalho, especificamente, trata da arte de fabricar cerâmica – peças – com o barro que é uma designação genérica na qual foi agrupado um sem-número de misturas de argilas com as mais variadas espécies de impurezas. Os diversos minerais, os óxidos metálicos e as matérias orgânicas, associados às argilas em variadíssimas proporções, fazem com que as variedades de barros sejam inumeráveis e apresentem características muito distintas, quer em cru, quer depois de cozidas.

Fazer louça de barro, no Brasil, ainda é uma prática de diversas comunidades, onde a principal atividade é feminina, a exemplo de as ceramistas indígenas do São Francisco, filhas da reserva indígena de os Kariri-Xocó que se localiza no Baixo São Francisco, Estado de Alagoas no nordeste do Brasil. O registro da atividade como feminina, entre os Kariri-Xocó, é antiga, recuando até o século XVIII, conforme o estudioso da reserva, Almeida (2003), que traduz a fala de um cacique: "Eu acho que a cerâmica nasceu com essa comunidade". Para ilustrar a fala do cacique, segue foto de uma índia Kariri-Xocó modelando um pote de cerâmica.



FIGURA 8: Índia Kariri-Xocó – Baixo São Francisco – Alagoas
FONTE: Almeida (2003, p. 1).

No estado do Espírito Santo, também existe a associação das Panelleiras de Goiabeiras, assim chamadas por ser a maioria das artesãs mulheres e residirem no bairro de Goiabeiras, em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. Com competência, confeccionam, em barro, panelas, potes, travessas, bules, caldeirões, frigideiras, entre outras peças de diversas formas e tamanhos. O processo de fabricação é praticamente o mesmo que os índios usavam quando na região aportaram os portugueses na época do descobrimento. A seguir ilustrações da produção das Panelleiras de goiabeiras.

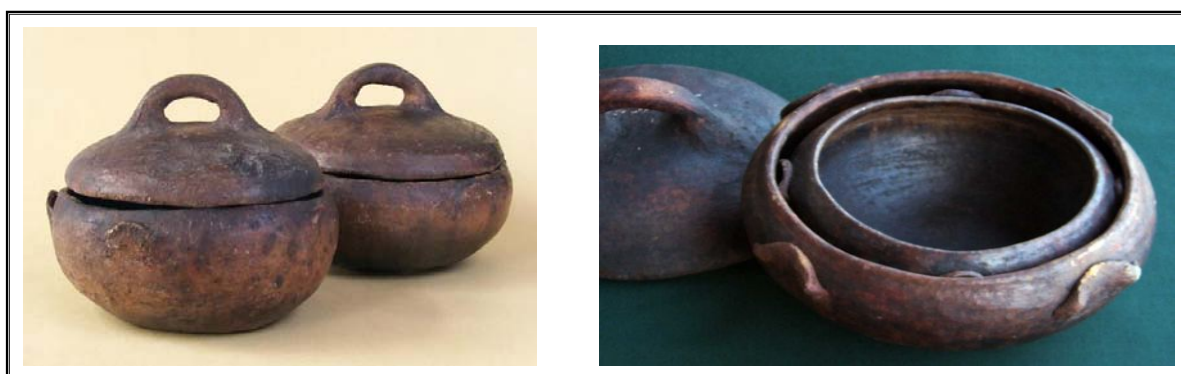


FIGURA 9 e 10: Produção das Panelleiras de Goiabeiras – Espírito Santo

FONTE: <http://www.panelleirasdegoiabeiras.hpgvip.ig.com.br/>

No Maranhão, também encontramos cerâmicas produzidas com o trabalho de quatro irmãs e uma sobrinha todas chamadas de Ana: Ana Amélia, Analice, Ana da Graça, Ana Raimunda e Ana Domingas – motivo da denominação “As Anas do Maranhão” – moradoras de Porto Nascimento, comunidade rural do município. A produção de louças é bastante rústica, mas não por isso simples. Totalmente artesanal e sintonizada com o meio ambiente da localidade, a prática se apoia em conhecimentos que apenas anos de observação e apuro, obtidos ao longo de gerações, podem respaldar, requerendo complexa engrenagem que se executa num cronograma de trabalho que dura “de um verão pro outro”. Segundo o site¹⁰ pesquisado, “[...] na região, apenas elas continuam praticando o ofício de louceira como complemento à renda familiar, pois as encomendas e a produção tiveram uma queda brusca devida à entrada no mercado dos utensílios industrializados [...]”. Fato que ocorre em todas as regiões que preservam as tradições, porém são obrigadas a aceitarem as inovações tecnológicas.

¹⁰ <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=As+Anas+do+Maranh%C3%A3o+ceramistas&meta>



FIGURA 11: As Anas do Maranhão

FONTE: BRASIL, Ministério da Cultura, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (2009).

Assim, com base nesta contextualização, a cidade de Cajazeiras – situada no sertão paraibano é um dos palcos de persistência da tradição de fazer louça, utilizando o barro como matéria-prima: a Associação das mulheres louceiras do bairro São José. Hoje, essas mulheres gozam do direito de fazer parte de uma instituição, apesar terem vivido na informalidade por muito tempo.

3.2 DA INFORMALIDADE À INSTITUCIONALIZAÇÃO



FIGURA 12: Sede da Associação das Loiceiras do Bairro S. José

FONTE: Própria Autora/2010.

Oriundas de uma tradição que passou de mãe para filhas, as louceiras do bairro S. José trabalhavam na informalidade há muito tempo, conforme a fala de uma delas, sujeito desta pesquisa, na ocasião das entrevistas: “Desde o início, eu comecei a fazer, [louça], desde os dez anos de idade. Dez anos... Acho que foi da minha avó, [a tradição vem da avó] porque quando eu era criança ela já batia¹¹, aí a gente foi aprendendo com ela” [avó].

A venda da produção das louceiras era feita – como ainda – na feira livre de Cajazeiras, em meio a pessoas que vendem e trocam seus produtos; que contam causos e tocam viola ou repetem versos, rememorando os familiares antepassados e, de improviso, fazem poesia sem saber que são importantes poetas, artistas plásticos, repentistas e cantadores de cordéis.

Assim lembro-me da poesia explícita na música de Gilberto Gil¹², *Notícias do litoral (os pássaros trazem)*. A composição fala que os pássaros trazem as notícias do litoral para o sertão. Em se tratando de Cajazeiras, a notícia foi levada do sertão ao litoral – utilizando-se de uma metáfora – quando os pássaros levaram as notícias das produções das louceiras do bairro São José – Cajazeiras, fazendo a difusão desta atividade cultural. Dessa forma, mais uma atividade do sertão estava sendo notícia no litoral paraibano, paradoxalmente, não conhecido por todas as mulheres louceiras, ricas na arte do fazer e de poucos conhecimentos geográficos e turísticos. Pouco ou quase nada sabem de mapas, de cartografias porque eram/são doutoras nas artes manuais.

Algumas entidades e instituições valorizaram a atividade das louceiras e se propuseram – mesmo de forma lenta – orientar e organizar aquele grupo de atividade não-formal, para a institucionalização. E foi assim que começou: O primeiro passo foi quando o grupo ganhou um imóvel deteriorado de um dos associados e, através de alguns contatos com pessoas influentes do município, o Programa Cooperar¹³, apoiado pelo Banco Mundial e, em parceria com o governo do

¹¹ Preparar o barro para produzir as louças

¹² Compositor da Música Popular Brasileira – MPB

¹³ Programa Cooperar é o fortalecimento dos sindicatos patronais e da cultura associativista. Desenvolvido através do convênio entre a Confederação Nacional da Indústria, a Federação das Indústrias do Estado da Bahia e o BFZ/Baviera-Alemanha o Programa oferece as empresas afiliadas ao sindicato uma proposta estratégica de ações conjuntas que visam buscar melhorias em diversos campos [...]. Disponível em: <<http://www.fiepe.org.br/secao/49-34-5-programa-cooperar.html>>.

estado da Paraíba e a Prefeitura Municipal de Cajazeiras viabilizaram a reforma do referido imóvel, transformando-o em um galpão para o trabalho diário. A comunidade recebeu também a atenção dos serviços do SEBRAE, entre outros parceiros. Enfim, a nova sede foi inaugurada em 12 de junho de 2003 e, a presidenta da associação revelou: “O início foi muito difícil, o forno ficava num terreno baldio. Agora, temos loja na frente, galpão para trabalhar, tanque, banheiro e, nos fundos, dois fornos” (AS PANELAS DE BARRO DAS LOUCEIRAS DO SERTÃO PARAIBANO, 2007, p. 32)

Saber da existência de grupos que vivem, muitas vezes, em total anonimato e com uma grande experiência, apostando na vida, com base no saber construído a partir das necessidades e, que labutam, torcem e brigam pelo seu espaço, nos remete à existência de outros grupos sistematizados que não valorizam suas atividades e que não são aguerridos ou, talvez, lhes faltem a devida orientação de construir um trabalho coletivo, para a sustentação da vontade e da determinação. Neste contexto, advertem Paula e Naves (2010, p. 68): “[...] trabalho coletivo pode ser um movimento precioso, no qual pela ação conjunta, políticas, solidárias e integradoras sejam superadas as ansiedades, as inseguranças na profissão, o isolamento e a solidão, na escola, o medo do fracasso, sentimentos que podem provocar paralisia e alienação”.

Neste entendimento, a associação das louceiras do bairro S. José, – um exemplo da educação não formal – ora abre horizontes para homens e, particularmente, para as mulheres que ali vivem, constituindo-se num veículo de credibilidade, da potencialidade de crescimento que tem cada indivíduo, independente de raça, credo, condição social, condição sexual e gênero. Portanto, foi neste lugar de farta experiência que mulheres foram convidadas a participar desta pesquisa para desvendar, a partir do uso da metodologia da História oral auxiliada pela memória de algumas mulheres, como as práticas sociais culturais e educacionais das mulheres louceiras contribuíram – e contribuem – para a formação do ser mulher naquele espaço recheado de memórias e de histórias conforme relata a presidente da associação:

Antigamente só havia loiceiras, pois os homens não faziam loiça. Hoje, a entidade conta com oito loiceiros. Eles ajudam muito: pisam, peneiram e queimam o barro. É serviço pesado, explica. Entre eles, há alguns com habilidade para também alisar as peças e até bordar.

Ainda segundo a presidente, é sempre necessário conseguir mais fregueses e receber bastantes encomendas para continuar melhorando a condição de vida dos artesãos, pois além de ajudar nas despesas domésticas, a venda das louças tem possibilitado a compra de móveis e eletrodomésticos como: fogão, televisão, entre outros produtos para a melhoria da sobrevivência e do trabalho.

Vale ressaltar, ainda, que o trabalho destas mulheres rendeu-lhes visibilidade. A título de ilustração, ressaltamos a participação das louceiras de Cajazeiras em eventos na Paraíba e em outros estados, a exemplo do evento nacional de artesanato, Mão de Minas, realizado em Belo Horizonte (MG) anualmente. Neste ano (2010), a vice-diretora da associação – mulher jovem – recebeu a premiação do programa Agroamigo¹⁴ do Banco do Nordeste, um dos parceiros da Associação das Louceiras do bairro São José. Vale ressaltar, ainda, que em 2007, a 10ª edição do Salão do Artesanato da Paraíba, teve como temática 'Mãos do Barro', em homenagem às loiceiras de Cajazeiras (foto em destaque) (AS PANEAS DE BARRO DAS LOUCEIRAS DO SERTÃO PARAIBANO, 2007, p. 33-34).



FIGURA 13: 10ª edição do Salão do Artesanato da Paraíba
FONTE: Arquivo da Mulher Jovem

Vale destacar que a Associação das louceiras do bairro São José tem, também, como parceiro um restaurante que leva o nome de Panela de Barro e, para justificar este nome, serve os seus alimentos nas panelas feitas pelas louceiras,

¹⁴O Agroamigo é o Programa de Microcrédito Rural do Banco do Nordeste, idealizado em parceria com o MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário, que visa à concessão de financiamento para a área rural, com metodologias próprias de atendimento, cujas premissas são crédito orientado e acompanhado. Disponível em: <www.bnb.gov.br/content/aplicacao/Pronaf/agroamigo/gerados/apresentacao.asp?idTR=pronaf>.

além de ornamentar grande parte do local com peças decorativas feitas e bordadas pelas mãos destas singulares louceiras.



FIGURA 14: Panela de Barro – parceiro



FIGURA 15: Self-service em panelas de barro



FIGURA 16: Ornamentação do local
Fonte: Própria Autora/2010.

4 TRILHAS METODOLÓGICAS: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

O que passou não conta? Indagarão as bocas desprovidas
 Não deixa de valer nunca.
 O que passou ensina com sua garra e seu mel.
 Por isso é que agora vou assim
 No meu caminho.
 Publicamente andando.
 (Thiago de Mello, 1966)

4.1 UM OLHAR SOBRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Parece ser muito difícil discorrer sobre a relação existente entre História e Memória. Em qual “lugar” existe uma cisão entre ambas? Seria a história dona do passado ou a memória que guardaria preciosos depoimentos? Qual é o papel de cada uma especificamente? Amparada em teóricos já referendados discorreremos sobre ambas as áreas do conhecimento para adentrar na essência da História Oral, metodologia escolhida para este trabalho investigativo.

Mas o que é memória? Segundo Le Goff (2003, p. 419), não é fácil conceituar memória, ainda é uma tarefa crucial, no entanto, no sentido lato:

[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas.

E ainda, fazendo menção ao século XII, à retórica clássica, Le Goff (2003, p.447) afirma: “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”.

Para E. Bosi (2003, p.55), “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” assim, se percebe o quanto difícil é adentrar nesse campo tão misterioso que alcança estudos desde a Antiguidade aos dias atuais; que permeia da mitologia à biologia isto é, do mito ao científico.

Inúmeros são os conceitos sobre memória. Santo Agostinho (apud E. BOSI, 2003, p. 36), apregoa que a Memória é o “ventre da alma”, é “[...] a expressão

do passado” a qual abrange um contexto não só individual, mas familiar, regional, nacional, social, e acrescenta o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), que toda memória é coletiva, ou seja, a memória coletiva deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social; individualmente, seria formada pela interação social no convívio entre indivíduos e suas tradições. Portanto, ela é resultado de uma operação coletiva e, sobretudo, seletiva, a partir dos acontecimentos e das perspectivas do passado, sendo impossível pensar em alguma memória coletiva que não tenha se desenvolvido em um quadro espacial.

Ainda citando Le Goff (2003), para a mitologia grega, a Memória é uma deusa chamada Mnemosine, mãe das nove musas concebidas no curso de nove noites passadas com Zeus: Clio (história), Euterpe (música), Talia (comédia), Melpômene (tragédia), Terpsícore (dança), Erato (elegia), Polínia (poesia lírica), Urânia (astronomia) e Calíope (eloquência). Mnemosine lembrava aos homens a recordação dos heróis e dos seus grandes feitos, conforme “preside a poesia lírica”. O poeta, então, era um guardião do passado, detentor de histórias, testemunha dos “tempos antigos”. Assim, a poesia era identificada com a memória, o que fazia dela “uma sabedoria, uma Sophia”, logo, o poeta era alguém de prestígio um “mestre da verdade” e, se para Homero¹⁵ – autor das mais belas passagens líricas – “versejar era lembrar”, a memória é uma deusa singular que “introduzia nos poetas segredos do Além”.

Nas doutrinas pitagóricas¹⁶, a memória é tida como o antídoto do Esquecimento, ocupando um lugar muito importante. Mas para Gaudêncio (2010, p. 6):

A história é feita de lembranças, mas também de esquecimentos, afinal, para que certos fatos sejam lembrados, quantos fatos não se tiveram que dar por esquecidos? E para que sejam lembrados, não precisamos de suas lembranças, esses rastros que as vivências deixam em sua passagem [...]. A história de um homem ou cai no esquecimento ou permanece na história da humanidade, atualizando-se [...] graças às historicidades, dos homens que a contam, tempo a fora, revivendo-a.

Portanto, respondendo um dos questionamentos iniciais, de acordo com a mitologia grega, a história é filha da memória.

¹⁵ Poeta grego séc. 9 a C.

¹⁶ Relativo a Pitágoras.

Todavia, há divergências em relação à ligação entre memória e história. Vernant (1965, p. 73-74 apud LE GOFF, 2003, p. 434), ressalta que houve um desequilíbrio nos mitos da memória, o que resultou na separação radical da memória e história. “O esforço de memorização, predicado e exaltado no mito, não manifesta o vestígio de um interesse pelo passado nem uma tentativa de exploração do tempo humano”. O que se entende que a memória pode conduzir à história ou afastar-se dela conforme sustenta Le Goff (2003, p. 435):

A memória é uma componente da alma, não se manifesta, contudo, ao nível da sua parte intelectual, mas unicamente da sua parte sensível [...] A memória platônica perdeu o seu aspecto mítico, mas não procura fazer do passado um conhecimento: quer subtrair-se à experiência temporal.

Na Era Medieval, a memória coletiva sofreu grandes transformações, sendo dividida em “memória litúrgica” e “uma memória laica” quase sem penetração cronológica, o que resultou em grande enfraquecimento desta memória. A principal causa desse fato foi a difusão do Cristianismo como religião e como ideologia dominante. Apesar disso, a memória sempre teve um papel muito importante nos aspectos sociais, culturais escolásticos e nas formas elementares da historiografia. Nessa mesma Era, de acordo com Le Goff (2003, p. 444),

[...] certos historiadores definiam os tempos modernos como tempos da memória. Muitos sabem que uma memória fiel pode durar aproximadamente cem anos; a modernidade, os tempos modernos são, portanto, para cada um deles, o século em que vivem ou acabam de viver os últimos anos.

Isto porque, assinala o texto, os tempos modernos são os tempos de vida, de cada época e daqueles que presenciam acontecimentos e os guardam no campo da memória, mesmo que a vida continue latente em cada um, ou em outros, como filhos e netos que guardam relatos para serem buscados de acordo com as necessidades e /ou vontades.

Com base nesta exposição que migra da mitologia à Idade Média e, desta aos dias atuais, a relação memória e história ora se estreita, ora se afasta. Para uns, existe uma relação; outros contra-argumentam, a exemplo de Halbwachs (1990 apud MONTENEGRO, 2007, p.17) quando enfatiza:

[...] enquanto a Memória é múltipla ‘a história é uma e podemos dizer que não há senão uma história’, por outro lado, a memória trabalha com o vivido, o que ainda está presente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes, ou mesmo onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhas daquela lembrança.

Montenegro (2007, p.14) ainda faz menção à distinção entre a história e memória proposta por Halbwachs (1990, p. 80-84): “Afinal, o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história”. Porém o autor considera que são distintas sim, mas “inseparáveis” pelo fato de que “compreendemos a história como uma construção que ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro”, e acrescenta que embora distintas, mantêm “significativas intersecções”.

Mas como a história é cheia de revezes, “a visão tradicional” dessa relação se apresentava sob uma forma relativamente simples: a função do historiador era ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos, quando escritos para proveitos dos autores, para lhes proporcionar fama, e também em proveito da posteridade. Lembrar o passado e escrever sobre ele parece, na visão tradicional, atividades um tanto quanto distintas, porém, conforme Burke (2000), os historiadores precisariam se interessar mais pela memória como fonte histórica e como fenômeno histórico. Isto passou a ser fato, quando nos anos 60, alguns historiadores contemporâneos passaram a entender a relevância da história oral. A este respeito, pondera Burke (2000, p.72):

Mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos.

A história oral segundo Thompson (2002, p.45), “[...] é tão antiga quanto a própria História. Ela foi a primeira espécie de história.” Basta recorrer às culturas iletradas para descobrir quanto eram importantes os homens que guardavam histórias, datas, eventos para os seus padrões. Os estudos clássicos e a Arqueologia datam que na Grécia Antiga, foram preservados oralmente, por mais de seiscentos anos toda história impressa hoje nas versões da *Ilíada*.

No século XIX, Jules Michelet, historiador profissional francês, já previa as muitas fontes para guardar a história e entendia que nem só os documentos escritos traduziam a veracidade dos fatos. Foi então que fez uso – naquela época – da evidência oral com o intuito de obter outra versão (ou não) dos mesmos fatos. Certamente, esse francês tinha a habilidade do ouvir, talvez o prazer de escutar e retirar palavras escondidas nos mais escuros silêncios. Segundo Thompson, (2002, p.46), “Michelet tinha a habilidade para escutar e para puxar pela língua de um informante”. Tinha então a habilidade de lidar com o informante e de saber como conduzir a conversa para um campo mais claro e de maior compreensão no que se refere à história oral.

Por sua vez, a história oral abrange as sociedades pré-letradas e, seguindo o mesmo raciocínio, pondera Thompson (2002, p.46):

[...] toda história era história oral. Todo mais, porém que ser lembrado: destrezas e habilidades o tempo e a estação, o céu, o território, a lei, as falas, as transações, as negociações. E a própria tradição oral era muito variada.

Com esta particularidade, o historiador oral gozava de um grande prestígio na sociedade em que vivia porque era um guardião da história. A beleza da oralidade nos reporta ao século XI, período em que as poesias eram só cantadas. Eram as cantigas de amor e de amigo que animavam as festas palacianas.

Dos relatos orais das sociedades às cantigas trovadorescas, a memória se faz presente no ato de narrar sejam fatos secretos que correspondem à memória coletiva sejam canções que retratam amores secretos, indizíveis, presos nos meandros mais escuros da memória de pessoas.

A memória coletiva, por sua vez, sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais que tinham a necessidade de desempenhar seu papel interdisciplinar, para isso, tais ciências absorveram: a sociologia, trazendo como contribuição um grande estímulo; a psicologia, na medida em que a memória está intrinsecamente ligada aos comportamentos, às mentalidades, como um novo objeto de contribuição para história, por fim, a antropologia, que percebe o conceito amplo da memória adaptado às realidades das sociedades selvagens, seu objeto de estudo e exploração.

Na tentativa de chegarmos a uma resposta, retomamos Le Goff, (2003, p.467) que acrescenta “[...] até os nossos dias, história e memória confundem-se”. O que significa que no mundo contemporâneo, onde os acontecimentos se atropelam, onde inovações e criações estão sempre presentes, a história está, cada vez mais, à mercê das memórias coletivas, presas a acontecimentos que rapidamente, se tornam passado constituindo a produção de novas memórias coletivas, guardadas no campo da memória ou em “lugares da memória” sejam topográficos (bibliotecas, arquivos e museus); simbólicos (comemorações, peregrinações); funcionais (manuais, autobiografias e associações) e monumentais (cemitérios, arquiteturas). A título de ilustração destaco aqui, dentre os lugares monumentais, o epitáfio que, segundo Gaudêncio (2010, p. 3):

[...] é uma forma de rastro, última pegada da historicidade de uma pessoa inscrita na historicidade de outros homens e mulheres [...] nada mais é que rastro, cuja função é justamente perpetuar a memória de alguém recuperando a história e lhe evitando o esquecimento.

Até para que este esquecimento não seja costumeiro ou necessário, ou ainda normal, entre estes lugares da memória, se encontram, também, os arquivos orais que funcionam como fermento para a História.

Assim, reconhecendo também, os arquivos orais como preciosidades que, guardados no campo da memória, foram aflorados em forma de lembranças, vem este desejo de divulgar a história lembrada por aqueles que a contam, seja original ou mesmo imaginada pelos povos passados. O que importa é reativar as lembranças, amparadas nas memórias dos mais antigos – assim como dos mais jovens – capazes de exprimir a condição de ser no mundo, como é o nosso intuito: buscar, por meio da memória, as histórias de vida – as práticas sociais, culturais e educacionais e suas contribuições – de três mulheres louceiras da associação das louceiras do bairro São José em Cajazeiras.

Esta forma, pelas histórias da vida é possível reconhecer as transformações ocorridas na sociedade, muitas vezes, empreendidas por sujeitos diversificados, oriundos das distintas camadas sociais, os quais fazem das coisas simples como costurar, orar e andar, movimentos representativos na história de cada um, haja vista que esses ofícios singulares permitem a interpretação da memória dos acontecimentos de cada geração. Nesta interpretação, os sujeitos inseridos no

processo de discursivização deixam vestígios históricos significativos, dando sentido à existência.

Por esta linha de pensamento, a cultura expressa por esses sujeitos é processada pelos saberes compartilhados, através das várias manifestações sociais que movimentam as práticas da vida cotidiana numa busca de complementaridade. Desta forma, a cultura não é apenas transmitida de geração a geração, é também dialética, passa por um processo de reconstrução que conduz a uma ressignificação da práxis.

A idéia de que o homem só se completa pela cultura, e, ao mesmo tempo em que a produz se torna “homem”, é defendida por Hall (2006, p.43):

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse ‘desvio através de seus passados’ faz é nos capacitar, através da cultura a nos produzir a nós mesmo de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

Estando nesse processo de formação cultural inacabada, dia após dia, o homem a constrói, visto que este homem é também inacabado, em constante construção, seja com as ações cotidianas, seja fazendo um resgate das práticas do passado através de suas memórias coletivas vivas e ou avivadas.

Essa idéia justifica a importância de permanecerem vivas as tradições, especialmente, as memórias de famílias, bairros, cidades, grupos inteiros que fazem da vida uma arte retrospectiva dos fatos cotidianos. Em contrapartida, as lembranças reativadas por uma memória coletiva sofrem os efeitos, alguns intrínsecos à própria memória, como fatores de esquecimento, seleção de fatos, entre outros, mas também com os fatores externos a ela, como questões surgidas na própria alteração de costumes e hábitos, como a adesão aos sistemas modernos de comunicação, a exemplo de televisão e internet, presentes, principalmente, nos meios urbanos. Com essa preocupação, argumenta E. Bosi (2003, p.70):

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida a nossa frente só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado.

Mas nem tudo está perdido, existem os que navegam e tentam encontrar um espaço, nas camadas populares, recheadas de histórias para serem rememoradas mesmo com todas as transformações cotidianas. Isso nos remete à relevância do registro oral – “a história feita pelo povo”. É pensando assim, que a abordagem metodológica adotada neste trabalho consiste no registro e análise das histórias orais de vida de mulheres. Para tanto, tomamos como eixo norteador a metodologia da história oral – amparada pelo campo da memória, conforme já explicitado – principalmente na perspectiva das contribuições de Le Goff (2003), E. Bosi (2003/2004), Montenegro (2007), Thompson (1992), Meihy (2007), Alberti (2004), entre outros.

O primeiro contato, que tive com a história oral, ocorreu quando minha filha, Joana Celine, era estudante de enfermagem, bolsista do PIBIC e fazia suas entrevistas para seu trabalho final como bolsista momento em que fiz a correção vernácula do seu texto. Fiquei entusiasmada com a paradoxal beleza e dificuldade de se trabalhar com a história oral. Envolvida, pensei em seguir esta mesma trilha e, com a ajuda do campo da memória, trazer, à baila, as práticas cotidianas das mulheres louceiras de Cajazeiras. Para tanto, busquei a orientação de Meihy e Holanda (2007, p.15):

História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas: O projeto prevê planejamento da condução das gravações com definições locais, tempo de duração e demais fatores ambientais, transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e sempre que possível, a publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

De acordo com esta orientação, escolhi a Associação das Louceiras do bairro São José, – esclareço, entretanto, que outros pesquisadores já haviam buscado esta instituição, porém jamais um deles se preocupou com a figura feminina, – cérebro que cria, mãos que modelam e que dão forma à arte –. Deste universo, três mulheres, personagens representativas que atuaram como colaboradoras desta pesquisa, com faixas etárias assim distribuídas: uma jovem (26), uma adulta (50) e uma idosa (63), caracterizadas a seguir.

4.2 AS MARCAS IDENTITÁRIAS DO SER: CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES LOUCEIRAS

Dizer ao mundo de si talvez seja uma das mais significantes experiências humanas, pois ao enunciar suas vivências o sujeito desloca-se da posição de expectador para o de constituinte da história. (Magalhães Neto, 2008)



FIGURA 17: Mulher Jovem. Exibição de uma peça
FONTE: Própria Autora/2010.

Sou uma menina trabalhadora e sonhadora [...] ser loiceira é uma arte que valoriza a cultura regional [...]. Não é barro, é uma peça feita, é uma arte! (Mulher Jovem)

A Mulher Jovem tem 26 anos, natural de Cajazeiras, muito simpática, sorridente, solteira, católica e simpatizante da doutrina espírita, negra, mora com os pais, é vice-presidente da Associação das Louceiras do bairro São José, louceira e estudante do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras – Campus V da Universidade Federal de Campina Grande e aluna do curso Normal Médio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na mesma cidade. Pretende ser professora, apesar de gostar da profissão de louceira. Admite que, apesar da arte e da beleza das peças e do trabalho, esta é uma profissão pouco valorizada, principalmente nos lugares onde a ela está mais presente e onde se desenvolve.

A Mulher Adulta que, docemente, disse-nos que não gosta de ser fotografada, tem 53 anos, natural do município de Cajazeiras, negra, profissão louceira, casada – mãe da jovem – mora com a família, é também uma das administradoras da associação, alfabetizada, desenvolta, simpática e alegre, louceira por tradição, por sobrevivência e por gostar muito da profissão, apesar das grandes dificuldades encontradas no ato de fazer louça ao longo de toda a sua vida. Esta mulher afirma:

[...] antigamente eu amava o meu trabalho... (melancólica). Hoje, se tivesse outra coisa... eu não fazia mais, porque é uma coisa muito trabalhosa [...]. Tem os lugares que o povo valoriza, mas aqui mesmo, a gente vende muito pouco. Eu faço porque é o que eu sei fazer, mas se eu tivesse outra coisa... eu não fazia mais não, cansa muito a gente, é muito difícil trabalhar com barro! (Mulher Adulta)



FIGURA 18: Mulher Idosa no galpão de vendas
FONTE: Própria Autora/2010.

[...] eu acho muito bom esse trabalho. Todo mundo ajuda. A luta é pesada mais vale à pena porque se não tivesse era pior. (Mulher Idosa)

A Mulher Idosa tem 63 anos – a mais velha das louceira e tia materna da mulher adulta – é natural do estado de Pernambuco, negra, católica, solteira, analfabeta, de poucas palavras, sorriso tímido – aparentemente muito tímida – embora sua expressão e seu silêncio deixem revelar muito do que traz na memória. Talvez a vida não tenha lhe oportunizado a “vez de voz”; talvez ela tenha aprendido a falar por meio do silêncio ou pela voz de outrem. No entanto, me falou sorrindo que o trabalho de louceira é dificultoso e penoso, porém muito bonito.

A escolha de trabalhar com a História oral se faz, sobretudo, por entendermos que a partir da narração dos fatos é possível verificar algumas questões importantes sobre a identidade de quem faz a narrativa oral: a identificação das faixas etárias, procedência regional, etnia, opção religiosa, orientação sexual, o grau de escolaridade do falante. Pela análise, identificamos, além de outros elementos, as ideologias presentes narrativas, instrumento indispensável da História oral.

Meihy (2007, p. 30-31) atesta a importância dos estudos que se fundamentam pela História Oral, ao dizer que:

Aspecto importante da história oral é o processo circular que ela produz. Algumas vezes partindo do estado oral da palavra para se tornar um documento escrito, outras vezes derivando do escrito e sendo questionados publicamente, os discursos produzidos inevitavelmente devem ser concluídos por escrito. Ao se materializar em documento escrito, a história oral ganha a objetividade de qualquer outro documento grafado. A dinâmica da palavra, porém, continua a existir, alheia ao conhecimento que o documento escrito possa vir a produzir.

Segundo Thompson, (1992, p.44):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda aos menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar

dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilham das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história.

Com base nestes autores, entendi que a partir das narrativas orais, é possível adentrar nas histórias de vidas de muitas pessoas, buscar desde a infância até a idade adulta o que se tem de conquistas, desejos e frustrações conforme acentua Alberti (2006, p.175):

[...] as histórias de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando por diversos acontecimentos ou conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou.

Alguns recordadores não se reconhecem como sujeitos ou partícipes de uma história, ficam até perplexos quando são procurados para entrevistas. Isso deve ao fato de ficarem “à margem” da sociedade letrada, sem, no entanto, entenderem que a sua contribuição, assim como a sua cultura são por demais valorizadas. Neste sentido, Josso se expressa (2004, p.42): “As nossas culturas ocidentais contemporâneas, fundadas no livre empreendimento e na capacidade de iniciativa criadora, obriga-nos a ter cenários de vida, enquanto as formas e os conteúdos educativos procuram orientar e conter essa criatividade”. Acredito que estas “formas e conteúdos educativos” sejam toda e qualquer orientação que venha acrescentar algo mais aos saberes construídos na informalidade e no universo da educação não-formal.

4.3 ENTRE OS DIZERES E OS SILÊNCIOS: PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS DAS MULHERES LOUCEIRAS

[...] a história contada é um *farmacon*,
antes preparado pela narradora nos
tubos e provetas da fantasia e da memória,
através da sábia dosagem.
(Ecléa Bosi, 2003)

No compasso do tempo, trilhando suas próprias trilhas, cada mulher – sujeito deste trabalho – desenha a sua história, e, de acordo com suas vivências, a partir das práticas sociais, culturais e educacionais, a construção de um lugar, portanto, de identidade.

Estas são práticas tão intrínsecas ao ser, que é perceptível que cada uma das mulheres não se dá conta da tamanha seara que constitui sua vida, seus afazeres, sua cotidianidade. Da infância aos dias atuais, trilhando alegrias e tristezas; amores e desamores; sabores e dissabores, num labutar imperceptível aos olhos daqueles que labutam: a mulher, a guerreira, a mãe, a amante, a filha... “operária em construção”. Um ser permeado de práticas advindas de uma cultura reinventada no passar dos dias.

Rememorar tudo isso é trazer à lembrança o que estava guardado ou adormecido, talvez, à mercê de um estímulo que fizesse vir à tona tão simples e significantes detalhes. Para algumas mulheres, no entanto, certos detalhes não provocam nenhum efeito, não têm nenhum valor, a exemplo da mulher idosa que, quando consultada para a entrevista, disse que não sabia falar e que não tinha nada importante a dizer. Entendo que esta mulher tem muito a dizer, se permitisse trazer à memória lembranças guardadas ou talvez presas no esquecimento (in) voluntário. Lembranças que revelassem até os pequenos “conflitos de gerações” conforme pontua E. Bosi (2003, p. 73). “[...] a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre as gerações”.

É assim que a História oral propicia encontrar história dentro da história, a partir das narrativas de pessoas que são heróis de todas as raças e ideologias. Considerando Alberti, (2004, p.77).

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa. Um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista.

A este respeito, preparei o roteiro para 03 entrevistas semiestruturadas direcionado à mulher jovem, à adulta e à idosa (Apêndice A). Estas entrevistas foram desdobradas, visto que outros questionamentos foram surgindo, devido às necessidades de atender aos objetivos propostos e intrínsecos à pesquisa.

De posse de um aparelho eletrônico digital, um bloco para anotações, uma câmera, também, digital e a disposição para ouvir e, principalmente, “puxar pela língua” das entrevistadas, segui para o bairro São José, ao cair das tardes dos dias 02, 09 e 15 de janeiro de 2010, pontualmente, às 17 horas, após o descanso merecido das louceiras depois de mais um dia de trabalho na feira livre da cidade. As entrevistas começavam sempre depois de um cafezinho, regado ao barulho próprio de um bairro alegre e movimentado: crianças correndo, pessoas jogando baralho, outras conversando num tom alto, rádio ligado, o som da TV que vinha de uma das dependências da residência das três louceiras que é conjugada à associação.

Vale lembrar que, em um dos sábados, em uma casa bem próxima à associação, havia jovens dançando. Era uma sala pequena, o que me fez rememorar as “tertúlias” às quais fiz referência na primeira seção deste trabalho. A respeito desta movimentação dos bairros, E. Bosi (2003, p.73) afirma: “[...] os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude e velhice”. Desta forma, sente-me na condição de um Bandeira¹⁷, poeta brasileiro, admirado pela forma tão expressiva do “tocar” nas coisas simples expressas nas poesias. Como um Manuel Bandeira, observava aquele bairro, assim com a sua movimentação, captando os *flashes* do cotidiano da vida das pessoas, conforme retrata o poema¹⁸ do referido autor que fala sobre a Rua da União, no qual me inspirei para descrever o bairro São José.

¹⁷ Poeta modernista brasileiro (1886-1968).

¹⁸ Evocação do Recife (1975).

[...]

A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado
e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê
na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras
mexericos namoros risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai! Não sai!

[...]

À distância as vozes macias das meninas politonavam:
Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão
Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...
De repente
nos longos da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

[...]

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das
bananas
Com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...

[...]

Rua da União

[...]

(Evocação do Recife- 1975, Manuel Bandeira, p. 133).

Mesmo com toda a movimentação e, apesar de alguns ruídos que aparecem na gravação, foi perfeitamente possível a efetivação das entrevistas. Não havia como mudar o cenário, não havia outro tempo disponível. Durante toda a

semana, as mulheres louceiras são por demais ocupadas, dia e noite, o labutar da prática de lidar com barro e das demais atividades domésticas não deixam tempo para uma boa conversa, só “aos sábados, depois da feira”. E sobre esta jornada de trabalho, fala a mulher adulta: “Menina, olhe, eu me levanto todo dia às três horas da manhã [...]. É muito trabalhoso o trabalho com barro e o povo não dá valor, não valoriza, não...”

Além disto, a mulher jovem estuda dois expedientes e ainda trabalha produzindo louça e vendendo na feira livre aos sábados, como afirma: “[...] já terminei o médio e agora estudo no segundo ano Normal Médio no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e segundo ano no curso de Pedagogia na UFCG [...]”. Isto justifica os horários cheios. Poucas são as horas para tanta ocupação: atividades domésticas, atividades com a produção da louça e, ainda, atividades acadêmicas.

De posse das entrevistas e da promessa de retorno, ainda, depois de várias leituras, de descobertas de muitas falhas e de perguntas incompletas, senti a necessidade de voltar e conversar mais. Só então, comecei a “garimpar” ouro em forma de palavras, dando início à categorização para encontrar o foco da análise proposta, para tentar satisfazer o intuito investigativo.

Após a audição do material gravado, feita a transcrição, assim como, imprescindíveis leituras e releituras das narrativas, identifiquei questões recorrentes na fala das entrevistadas que me orientou para a definição das seguintes categorias: família, educação, profissão, princípios morais e os sentidos ser mulher, as quais foram analisadas à luz dos teóricos já referendados.

4.3.1 Família: a base da formação

A Família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à protecção desta e do Estado.

(Declaração Universal dos Direitos Humanos, 2008, Art. 16.3)

A família é conhecida como a primeira instituição formadora. Espera-se que o seio da família seja o depositário de todas as confianças, receptário dos mais secretos segredos, de confidências familiares, de encontros, de companheirismo e de amor. Seguida de vizinhança, escola, igreja, entre outras instituições que se

estreitam num complemento preciso e precioso, para a formação integral do indivíduo, conforme afirma E. Bosi (2004, p. 431):

Na constituição da memória familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos no mesmo bairro, formando vínculos estreitos com a vizinhança, [...] suas lembranças brotam de um e outro, dada a íntima vivência com ambos.

Foi a partir da categoria família que as narradoras foram indagadas. Sobre este tema, assim se expressou a Mulher Jovem:

[...] eu percebo hoje em dia, que os pais não estão sabendo educar os filhos, é como se não tivesse a hierarquia entre pai e filho, a gente tem aquele respeito e foi criada respeitando sempre os mais velhos e outras coisas mais que a gente precisa saber lidar. (Mulher Jovem)

Quando indagada qual seria o seu exemplo de Mulher, a Jovem declara:

Minha mãe. Porque é uma mulher batalhadora. Ficou sem sua mãe muito nova, teve que trabalhar para sustentar e criar os seus irmãos. Ela soube educar os irmãos e os filhos. Acho que ela é uma guerreira. (Mulher Jovem)

Ainda, quando foi questionada sobre uma futura formação de sua própria família, ela responde com determinação:

Acho que a mulher deve casar-se, ter filhos, para dar continuidade. Gosto muito de crianças e acredito que todas as pessoas devem dar continuidade às gerações. (Mulher Jovem)

Para a mulher jovem, a família é a base, é a fonte dos primeiros ensinamentos, é a primeira instituição onde deve haver poderes hierárquicos em que predominem o respeito e a obediência aos pais, assim como aos mais velhos. Esta declaração me remete às sociedades orientais onde os mais velhos são referência, base de sabedoria, fonte de princípios repassados e experiências adquiridas ao longo de sua formação.

Sobre uma figura de mulher que representa exemplo, uma referência, a mulher jovem se reporta à mãe usando uma adjetivação positiva. Os adjetivos:

“batalhadora” e “guerreira” denotam, nas palavras da jovem, a força e a determinação da mulher-mãe, além de demonstrar um grande amor e muita admiração pela forma determinada de como esta mãe enfrentou a vida cheia de grandes dificuldades.

A Mulher Jovem arremata a sua posição sobre família quando afirma querer ter filhos não só para a perpetuação da figura maternal e da continuidade da vida, mas por gostar muito de crianças – característica natural da mulher.

Quando indagada sobre a família, A Mulher Adulta declara:

Enquanto eles viveram juntos era maravilhosa a convivência deles dois, aí depois ele arrumou outra dona e deixou minha mãe. [...] com oito filhos tudo de menor, quando ele abandonou ela por outra mulher. Minha mãe tomou conta da gente. Quando ela estava com 49 anos [...] Fiquei com 22 anos quando ela morreu. [...] Ficaram tudo comigo. Eu já era casada. Eu casei com 18 anos. (Mulher Adulta)

Sobre a relação existente entre a mulher adulta e os irmãos:

Minha relação sempre foi boa, sempre me obedeceram [...] graças a Deus. (Mulher Adulta)

Ainda, indagada sobre um exemplo de mulher declara com firmeza:

Eu acho que essa mulher foi minha mãe. [...] Porque [...] meu pai deixou ela com oito filhos, o mais velho tinha 17 anos, e ela não chegou a criar tudo porque ela adoeceu e faleceu muito nova, aí sempre ela trabalhou na roça e neste trabalho [de louça], conseguiu criar nós tudo, graças a Deus, deixou meio caminho andado! (Mulher Adulta)

A Mulher Adulta nutre uma grande admiração pela mãe, principalmente pelo seu modo de vida, pelas dificuldades depois da separação do esposo e com a tarefa difícil de criar oito filhos, visto que, na época, o pai era realmente o provedor da família, – apesar da ajuda da mulher -. A falta dele era como se a “cumeeira” da casa tivesse desmoronado e, para o agravamento da situação, aparece uma doença que faz a mãe perecer.

Esta narradora por ser mais desenvolta, tentava driblar a tristeza ao expressar o quanto era doído rememorar tais lembranças – suas duas perdas: o abandono do pai e a morte física da mãe. Lamentou que esta prematura morte fez

com que ela assumisse a responsabilidade de duas famílias, visto que já era casada.

Já a Mulher Idosa quando abordada sobre este tema disse que não tinha família, só conhecida aquela com quem viveu – a família da Mulher Adulta –. Não conheceu os irmãos e seus pais a tinham entregado a esta família para criá-la por não terem condições de sobrevivência, como afirma a referida mulher:

Eu não conheci meus irmãos. Eu vim de Alagoas com seis meses de idade, a minha mãe falava que era quatro filhos, com eu cinco, aí ela adoeceu e ela deu para meu pai ser padrinho e aí deu eu para o pai dela (apontando para a adulta) criar. (Mulher Idosa)

De poucas palavras, a Mulher Idosa demonstrou-se reservada, talvez os traumas de uma infância difícil quisessem ficar num tempo longínquo quanto o cronológico. Senti que esta mulher resguarda, em sua memória, momentos que, ao invés de lembrar, prefere esquecer. A este respeito E. Bosi (2004, p. 423) afirma: “As memórias do grupo doméstico continuam matizadas em cada um dos seus membros e constituem uma memória [...] Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo, onde sua história teve origem”. Não é que se observa no caso da Mulher Idosa; esses vínculos se perderam, pois ela foi arrancada do meio familiar para aprender a viver em outro meio, em outra família. Foi-lhe retirado o direito de viver em família de sangue. A sua percepção da vida não lhe dá condições de entender as novas configurações de família que estão postas nos dias atuais. O seu semblante e o seu silêncio deixam explícitos que, apesar de admirar a família com a qual foi criada, ainda, apesar de ter um grande reconhecimento por ter sido adotada, bem criada e ter estabelecido raízes naquele lugar, não conseguiu criar a identidade que uma família de sangue confere a uma pessoa.

De acordo com as falas analisadas, percebi, principalmente, na fala das mulheres adulta e da idosa, uma tristeza ao falar de família. Trazer à memória pedaços que expressam infelicidade em forma de lembranças, parece doer e sangrar. Para a Mulher Idosa, relembrar a família é como buscar algo penoso, cheio de sacrifício e, ao dizer noutro trecho, “eu não conheci nenhum irmão”. Era como se não tivesse um fio que a ligasse a outro pedaço seu e um silêncio se abate sobre

ela. É compreensivo. Sobre esta questão, E. Bosi (2003, p.65 e 77) afirma: “Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis”. A autora acrescenta ainda: “O silêncio, no meio de uma narrativa, expressa muitas vezes, o fim de um mundo”. Talvez a narradora não esteja disposta a trazer lembranças que para ela são traumatizantes e prefere não revivê-las. Talvez, ainda, o lugar mais propício seja deixá-las guardadas no campo do esquecimento.

A Mulher Jovem percebe a família como uma comunidade e com hierarquia, respeito, compromisso e responsabilidade. Está explícita na fala da jovem que, durante a sua formação, recebeu orientações de muitas normas e princípios que foram primordiais a sua formação. A jovem considera como pontos positivos as mudanças ocorridas na instituição família, no entanto, aponta fatores negativos, a exemplo da perda de muitos valores morais e éticos o que considera como um fator nocivo à preservação desta instituição primeira. Seu pensamento coaduna com a declaração de Sarti (1995a, p. 43 apud NASCIMENTO, 2003, p. 27) sobre as transformações das famílias na era contemporânea:

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição. Vivemos numa sociedade onde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da História. [...] A afirmação da individualidade sintetiza o sentido das mudanças atuais, o que tem implicações evidentes nas relações familiares fundadas no princípio da reciprocidade e da hierarquia.

Apesar das mudanças, a jovem não fala de tristezas. Sorri, quando se refere a sua família e diz, com orgulho, referindo-se à mãe com grande admiração: “Acho minha mãe uma guerreira”. Esta frase sintetiza a força, a coragem, a garra e a determinação de uma mulher, atribuída à sua mãe – Mulher Adulta – que muito jovem perdeu a figura materna e assumiu o compromisso firme de não abandonar seus irmãos, de buscar forças para a sobrevivência de duas famílias. Neste contexto, a Mulher Jovem declarou: “Acho que a mulher deve casar-se, ter filhos, para dar continuidade. Gosto muito de crianças e acredito que todas as pessoas devem dar continuidade às gerações”. Neste trecho, a jovem explicita o quanto os princípios de formação patriarcal estão arraigados em sua formação. Explícito também está que ela

se sente incluída nas referências que a sociedade patriarcal espera que a mulher cumpra: casar, ter filhos, ser uma boa mãe e dona de casa.

As práticas familiares – sejam objetivas e palpáveis, como as tarefas cotidianas; sejam subjetivas: os valores, o respeito, o companheirismo, a admiração, entre outros valores –, são imprescindíveis à constituição da família, ainda conhecida como base necessária à formação, mesmo na atualidade, quando há mudanças, quando as famílias têm novos conceitos e configurações acompanhando a evolução dos tempos. Cabem a esta instituição as primeiras noções de valores e princípios para a formação integral do homem a ser complementada com a educação institucionalizada que, conforme o Art. 26º. 1.2 da Declaração Universal dos Direitos Humanos – (2008, p.33):

1. Toda a pessoa tem o direito à educação. A educação de ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. [...]
2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos e das liberdades fundamentais e deve fornecer a compreensão e a tolerância entre as nações e dos grupos raciais e religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

4.3.2 Educação: o que se aprende

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem, abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (Paulo Freire, 2008)

Na epígrafe posta, Paulo Freire explicita que a educação para a libertação passa, necessariamente, por uma tomada de consciência do indivíduo frente ao mundo e que esta consciência e o mundo tecem uma relação simultânea, na medida em que a reflexão sobre este mundo e sobre o próprio homem o leva a alargar sua percepção, sua visão, independente de estar preso ou não à educação bancária.

A este respeito, existem, ainda, muitas pessoas que acreditam numa só forma de educar – a educação formal – e que só se aprende no prédio chamado

escola. Durante as entrevistas, pude perceber que as entrevistadas, com exceção da Mulher Jovem, não se dão conta da aprendizagem adquirida no exercício da profissão de louceira. Para elas, nunca aprenderam nada porque não frequentaram uma escola no tempo devido. Quando indagadas sobre estudo, na verdade, me referia, à educação formal, e, sobre estas questões, obtive as seguintes respostas:

A Mulher Jovem assim declara: “Eu estudo, já terminei o Médio e agora estou no segundo Normal Médio no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e segundo ano do curso de Pedagogia na UFCG”.

Já havia observado, desde o nosso primeiro contato na feira livre, que ela se expressava muito bem, demonstrava estudar ou ter estudado, mas não sabia que era valente e determinada.

No início dos contatos com as louceiras, fui à feira livre e pedi autorização para fotografar a louça exposta, como também, os vendedores que ali se faziam presentes: duas mulheres e um homem; uma das mulheres é esta jovem louceira e estudante que vendia louça com a mesma simplicidade de quem, na academia, produz um texto, dada a aceitação que demonstra ter quando permeia entre o saber formal e o não-formal adquiridos, simultaneamente, enquanto o tempo cronológico a ajudava a tecer a sua formação. Admirei muito mais a Mulher Jovem, no ato da entrevista, quando me falou dos seus estudos e de suas metas:

Quero muito terminar meus cursos. Minha mãe sempre quis dar uma vida melhor para nós, mas sou eu quem quer dar uma vida melhor a ela quando tiver mais velha. Acredito que esta é a minha maior meta. (Mulher Jovem)

Ainda sobre as práticas educativas. Relembra a infância:

Sempre falo que a lembrança é do primeiro dia de aula, quando minha mãe foi me deixar e eu não queria ficar... Chorei bastante, mas a professora chamou com jeitinho e foi chamando e eu lembro-me dela até hoje, era muito carismática e as histórias que as professoras contavam que eu ainda gosto muito. A escola era a Vitória Bezerra¹⁹. (Mulher Jovem)

E continua:

¹⁹ Escola Estadual e Municipal de Cajazeiras

Ainda esta semana eu comentava que quando comecei o Normal eu não sabia o que fazer, não tinha certeza do que eu queria, não... Fui gostando do curso e quando fui fazer vestibular, escolhi a mesma área, Pedagogia, porque eu gosto. Amo demais criança e ensinar também. Acho que ensinar é uma dádiva sei lá... Deus. Porque eu penso que é mágico ensinar ao outro. Só que, atualmente, estou em dúvida, não porque não goste, mas é porque está tão desvalorizado! Eu acho muito desvalorizado o ensino. Eu vejo em sala de aula, aluno manda em professor, pais mandam em professor, além dos demais membros da instituição... e, ainda, a desvalorização econômica porque professor é aquele que forma todos os demais e é desvalorizado! Tem certos cursos em que o principiante ganha mais que o professor como o técnico de enfermagem, além das demais coisas que acontecem como o que está pra ser aprovado. O preso vai ganhar setecentos e cinquenta reais. Eu acho um absurdo! Porque a gente passa o dia todo estudando para ganhar um dinheiro e o outro faz um crime e vai ganhar por isso! Aí, estou em dúvida, mas eu gosto demais da educação... (Mulher Jovem)

Num certo momento, comentei sobre a evasão no ensino, principalmente, no Normal Médio e ela acrescentou:

Uma das questões é a desvalorização da educação e outra é porque pensam que este curso Normal é para mulher... as pessoas têm medo disso, inclusive quando se vê um rapazinho... já pensam que não é homem. São sempre umas piadinhas... É gay! Mas eu penso que o curso é direcionado para todos. É formação. É para todos. (Mulher Jovem)

Percebi o valor que esta jovem confere à educação. Ensinar para ela é realmente conduzir pessoas a uma aprendizagem, quando diz: “Acho que ensinar é uma dádiva sei lá... Deus. Porque eu penso que é mágico ensinar ao outro”. Percebi também, após a entrevista, em uma breve conversa ainda sobre educação, o quanto a jovem idealiza esta profissão e demonstra que amor, carinho e vontade fazem do ato de ensinar algo prazeroso, porém ela se entristece quando fala da pouca valorização e desabafa: “[...] e, ainda, a desvalorização econômica porque professor é aquele que forma todos os demais e é desvalorizado!”. A Mulher Jovem se fundamenta a partir do que entende sobre a profissão de professor e diz que aquele que forma não tem o devido valor. Critica o poder quando fala de um suposto salário que os detentos receberão e não entende por que aquele que infringe leis é mais valorizado que as pessoas que além de formadoras de opiniões, são educadoras. Questões como estas a distancia deste sonho devido à necessidade de sobreviver a partir do que recebe por uma profissão. É fácil perceber que a jovem está dividida

entre a idealização da profissão e a realidade do exercício da mesma. A Mulher Jovem ainda fala do desejo de oferecer uma qualidade de vida a sua mãe como forma de agradecimento: “Minha mãe sempre quis dar uma vida melhor para nós, mas sou eu quem quer dar uma vida melhor a ela quando tiver mais velha”.

Apesar de não ter abandonado, totalmente, a visão idealizada, tanto sobre o magistério quanto sobre aos papéis atribuídos à mulher, esta narradora caminha para concretização das suas metas, empurrada pelas necessidades e realidades concretas da vida.

Dando continuidade aos questionamentos sobre estudos, a Mulher Adulta declara:

Fiz até a 5ª só, foi um dia desses, porque meu pai não deixava a gente estudar não... Era pra trabalhar na roça, quando a minha mãe botava a gente na escola... Nós morava no sítio... Ele mandava a gente sair porque ele aprendeu a ler e escrever sem estudar. Quem quisesse aprender a ler que aprendesse em casa! Eu vim estudar faz uns... 3 ou 4 anos que estudei, ali no Vitória Bezerra, mas ele nunca deixou. Eu sabia assinar meu nome mal. Eu fiz até a 7ª, aí... parei também, a vista ruim que só, aí pronto, eu digo já dá... sabendo assinar o nome... (ênfase) tá bom demais! (Mulher Adulta)

Esta mulher demonstrou tristeza ao comentar a falta de oportunidade. Vivía na zona rural e não tinha como estudar. Vivía em um regime patriarcal onde a voz do pai era a voz do chefe, “a voz de Deus”. Não levava em consideração os apelos da mulher – esposa – que queria algo melhor para os filhos, como o estudo. A mulher era relegada às tarefas domésticas, à criação dos filhos e a transmissão da fé, para outros assuntos, não tinha vez, não tinha voz. Não tinha a altivez de exigir estudos para os filhos, mesmo que tivesse outra visão. Precisava ficar calada, sem argumentação, conforme está explícito também no dizer da Mulher Adulta que Perrot (2008, p.114) fundamenta quando registra a história da mulher nos tempos:

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso também na sua identidade: a dona-de-casa perfeita é o modelo sonhado de boa educação. [...] O caráter doméstico marca todo caráter feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa.

Perrot explicita a realidade da recordadora verificada, ainda, em grande parte das mulheres, a exemplo de muitas que frequentam a educação de Jovens e Adultos e que precisaram abandonar a escola, – como outrora – para ajudar no sustento da família, trabalhando na roça, em casa e cuidando dos filhos e dos irmãos menores – que é o caso específico da Mulher Adulta – porque alguns homens-maridos não achavam e, ainda, não acham importante e, também, interessante que a mulher frequentasse ou frequente a escola, usando o argumento passadista: “quem casa precisa assumir, primeiramente, o papel de mãe, de esposa e de dona de casa”.

Reflitamos. A vida imita a arte ou a arte imita a vida? Esta questão nos remete a Paulo Honório e Madalena²⁰, e à diferença que residia entre ambos. A forma como a força bruta suplantou a capacidade intelectual. O poder do homem/sociedade sobre a mulher foi o que provocou o suicídio de Madalena, que mesmo inteligente, capaz e consciente disso, não conseguiu resistir à pressão e a opressão do marido.

Na arte de criar histórias como na vida e suas particulares vivências, muitas madalenas anularam suas convicções, desejos, prazeres, muitas vezes, devido à falta de reconhecimento e de credibilidade gerada pelo forte preconceito masculino, tão bem expresso na fala da recordadora em relação a sua mãe: “[...] quando a minha mãe botava a gente na escola. [...] Ele mandava a gente sair [...].”

Fica clara, também, a abnegação desta recordadora, quando satisfeita diz: “já dá... sabendo assinar o nome... tá bom demais!” Ela se contradiz quando esclarece que estudou até a 5ª e, na mesma fala, até a 7ª série, como se tivesse algo guardado. Não ficou claro.

Quanto à educação, esta é a única fala da Mulher Idosa

Só (estudou) quando eu era mais nova. Depois já houve aulas aqui para os velho, mas eu não fui mais não... Papagaio velho não aprende mais não... Tenho um problemas nas vistas... Nem assinar o nome eu sei... Boto só o dedo. (Mulher Idosa)

²⁰ Madalena – personagem do livro São Bernardo de Graciliano Ramos – mulher instruída, inteligente, humana, meiga e muito educada que vivia tentando combater as atrocidades e desumanidades do marido – personagem Paulo Honório –. Não resistindo a tanto sofrimento ela dá cabo a sua própria vida.

O advento da Educação de Jovens e Adultos-EJA trouxe, talvez, solução e esperança para uns e indiferença para outros. Esta idosa não acredita no estudo a esta altura da vida, nem tão pouco, na aprendizagem quando afirma que “papagaio velho não aprende mais não”. Ela traz, em sua essência, a história que aprendera ao longo dos anos. A Mulher Idosa parece viver presa ao entendimento de que a mulher não tem muito a dizer como fora submetida – e ainda se comporta assim em alguns países – submetida ao silêncio, ao não-dizer, a pensamentos como: “mulher é para outra coisa”, “lugar de mulher é em casa”, “para que a mulher saber ler e escrever?”. Este entendimento comunga com o que Perrot (2008, p. 152) afirma, em sua obra, reportando-se à França: “Tanto por sua natureza quanto por suas funções as mulheres não são reconhecidas como indivíduos”.

4.3.3 Profissão: ser louceira

Morar é possível porque mãos firmes de pele dura amassam o barro, [...] A mão do oleiro leva o barro ao fogo: tijolo [...] A mão da mulher tem olheiros nas pontas dos dedos: risca o pano, enfia a agulha, costura alinhava, pesponta, chuleia, cerze, caseia e [faz louça...] ²¹. (Alfredo Bosi - 2004)

O trabalho manual ocupou uma boa parte da vida simples das entrevistadas tornando-as artesãs do barro. Profissão louceira. A antiguidade conduz esta arte a algo tão indistinto que, praticamente, esgota a possibilidade de ser situada, no tempo. O ensinamento, transmitido de pais para filhos permite que a identidade cultural dessa atividade seja mantida com poucas alterações há várias gerações. São avós, mães, filhas e netas exercendo o mesmo ofício conforme retratam as mulheres louceiras em suas lembranças. “Acho que foi da minha avó, porque quando eu era criança ela já “batia”, aí a gente foi aprendendo com ela...”. As lembranças de um tempo longínquo vêm aos poucos. São lembranças de um trabalho que foi misturado com as brincadeiras de uma infância vivida com suas particularidades. O tempo passa, a profissão de louceira dá nomes a estas mulheres: as mulheres louceiras e, a partir delas, a uma instituição: Associação das Louceiras do bairro São José.

²¹ Grifo da pesquisadora. Uma adaptação. Referência às mulheres louceiras.

Anteriormente, as louceiras trabalhavam individualmente, em suas próprias casas. Atualmente, mais organizadas pela institucionalização, elas têm um espaço para a venda de seus produtos, apesar de não trabalharem em regime de cooperativa, mas independentemente, pois a institucionalização não lhes deu suporte para sustentarem este regime. Trata-se de um galpão onde cada mulher produz e comercializa suas próprias peças. Vendidas também na feira livre do município e sob forma de encomendas. Sobre o aspecto econômico, a renda que conseguem é significativa no contexto da manutenção de suas famílias, portanto, de sobrevivência.

Indagadas sobre a profissão que exercem, as três mulheres louceiras afirmaram gostar do que fazem apesar das grandes dificuldades presentes nesta atividade laborativa. Declara a mulher jovem:

Acho bastante interessante a [profissão] e acho que é considerada uma profissão sim, mas não sei se pretendo seguir esta profissão, por conta da desvalorização, apesar de ser loiceira. É uma arte que valoriza a cultura regional, mas tem muitas pessoas que não valorizam. Quando vão comprar uma peça e, se acham caro, dizem: “Mas é barro”. Não é barro, é uma peça feita. É uma arte! As pessoas ainda têm esta desvalorização, todas não, algumas. Umas não, entendem, dizem que são peças bonitas e tal. (Mulher Jovem)

E refere-se à beleza e à tradição da profissão, quando indagada sobre a possibilidade de, um dia, desprezar a profissão de louceira:

Não, não, não, jamais! Porque é a minha vida! Desde que eu nasci, já nasci conhecendo esta arte, vivendo, aliás. Minha mãe já fazia, (trabalhava com barro.) Acho muito bonita, (a profissão) muito interessante, uma verdadeira Arte. (Mulher Jovem)

Sobre a valorização, depois da institucionalização, afirma:

Sim, cresceu bastante depois que houve a formação da Associação, houve mais conhecimento das louceiras (divulgação). Quando há eventos do governo do estado ou feiras particulares, recebemos convites e já vendemos bastante para outros estados, até um revendedor vendeu para outros países, para Portugal uma encomenda de pratos bordados. O nome dele eu não me lembro agora, mas ele tem uma lojinha em Tambaú. (Mulher Jovem)

Fica claro que a Mulher Jovem reconhece a profissão de louceira como uma arte. Mesmo estudante e com metas a serem cumpridas com relação à educação formal, esta jovem não vê a possibilidade de abandonar a profissão que conhece desde que nasceu, apesar da desvalorização que existe, principalmente nos dias atuais. Nesta região, não são muitos os adeptos à cultura regional. Muitos são os que preferem as invenções tecnológicas, por admirarem as grandes descobertas e pela praticidade que é exigida na atualidade, mesmo que, em outras regiões, esta profissão e, conseqüentemente, os produtos da qual advém tenham uma maior conotação de valor. Entendo que para a narradora, ser louceira, além de profissão, é também uma arte que admira e de que se orgulha, conforme afirma: “Acho muito bonita (a profissão) muito interessante. Uma verdadeira Arte!” Sinônimo de criatividade e de beleza; arte como um dom, algo especial.

Sobre a profissão de louceira, declara a Mulher Adulta:

Desde o início... Eu comecei a fazer, (louça) desde os dez anos de idade. Dez anos... Acho que foi da minha avó, porque quando eu era criança ela já “batia” (batia o barro), aí, a gente foi aprendendo com ela... (Mulher Adulta)

E continuou: “Meus irmão faz também...” E acrescenta quando questionada sobre o trabalho coletivo e, principalmente, pela colaboração do homem nesta atividade laborativa:

Mulher, quem mais trabalha é todo mundo... porque só em buscar esse barro no sítio... Ele (o marido) vai cavar esse barro no sítio, e paga pra ir pegar, passa a semana todinha pisando barro e peneirando, que a gente molha o barro todo peneirado, tirado “pedra raiz”²² porque fica a “pedra raiz” “pedra pepa”²³. O trabalho é de todo mundo, uns vai fazendo, outros dando acabamento, quando é... os que sabe bordado, vai furando. [É muito trabalhoso o trabalho de barro...]. (Mulher Adulta)

Perguntado sobre a habilidade da mulher e do homem em relação à produção das peças, sorridente, ela afirma:

²²Na língua indígena Tupi significa barro bom.

²³Na língua indígena Tupi significa barro bom.

Eu acho que não chegava à peça não. Chegava só o barro pisado e peneirado (risos), porque eles não têm jeito pra fazer... O trabalho do homem é ir pegar o barro, aí... pisar, peneirar e a mulher faz a peça. É que a mulher é mais jeitosa (muitos risos). (Mulher Adulta)

Indagada pelo gosto em relação à profissão, afirma:

Eu gostava... Antigamente, eu amava o meu trabalho... (melancólica), hoje se tivesse outra coisa... eu não fazia mais, porque é uma coisa muito trabalhosa... Menina, olhe, eu me levanto, todo dia, às 3 horas da manhã, o barro, muito difícil, lenha difícil, o povo não valoriza mais muito, de jeito nenhum, tem os lugares que o povo valoriza, mas, aqui mesmo, a gente vende muito pouco. Eu faço porque é o que eu sei fazer, mas se eu tivesse outra coisa... eu não fazia mais não, cansa muito a gente, é muito difícil trabalhar com barro! (Mulher Adulta)

E sobre a valorização da profissão, ela desabafa:

[...] é mais que sacrificada! A gente não tem hora pra começar, nem pra terminar, às vezes a gente trabalha até 11 horas da noite, a gente tá trabalhando porque tem que dá acabamento porque se não perde... (a peça... o trabalho) [...] Eu acho que o trabalho como o nosso... Eu acho que o nosso é o maior, viu... porque o da gente... não tem hora pra começar, ou pra terminar, pode chegar meia noite, pode chegar às 3 horas da manhã... Começou, tem que dá um jeito de terminar [...] É muito trabalhoso o trabalho de barro e o povo não dá muito valor, não valoriza não... (Mulher Adulta)

Para a Mulher Adulta, a profissão, hoje, é um peso, um sacrifício. Ficou claro que se conseguisse outro trabalho, desprezaria a profissão de louceira, dada a dificuldade de trabalhar com o barro que é “muito sacrificada” e pela grande desvalorização profissional, apesar da ajuda dos homens, que para elas é muito importante. O homem faz muitos serviços pesados como buscar o barro, amassar, peneirar e toda sorte de serviço que depende da força masculina. Trabalho exaustivo, braçal. À mulher são reservados os trabalhos no galpão como modelar e queimar as peças, bordar e dar o acabamento final, além de vender na associação e na feira. Fica evidente que este é um trabalho coletivo em que existe uma grande ajuda mútua, no entanto, o homem não ocupa a posição central dos trabalhos, a presença feminina é bem mais acentuada em todo o processo.

Necessário se faz destacar que em nome da tradição das relações de gênero ficou perpetuado que o homem é o senhor da força, fruto da mais-valia e que à mulher ficavam reservadas as outras atividades que requeiram pouca força muscular, mas da formação dos filhos. Nos dias atuais, as relações de gênero estão sendo discutidas, com a finalidade alterar ação e/ou desmistificação dos os papéis masculinos e femininos.

Quanto a este trabalho coletivo, a educação não-formal viabiliza a possibilidade de trabalho compartilhado, principalmente, se este tem fins de subsistência. Muitas vezes, a renda da casa é insuficiente para a manutenção da família; outras vezes, o desemprego empurra as pessoas a buscarem alternativas de sobrevivência. O que está comprovado na fala que se segue.

Eu considero que foi uma escola de vida [a profissão de louceira] porque eu tenho os meus filhos e o trabalho de meu marido não dava. Faz quatro anos que ele está desempregado, e a gente vem sobrevivendo com o meu trabalho. Um sábado é melhor, outro é pior, um sábado tem encomenda; outros não têm e assim vai... (Mulher Adulta)

Sobre a profissão, estão resumidas nesta fala, as impressões da Mulher Idosa:

É boa, eu acho muito bom esse trabalho. Todo mundo ajuda. A luta é pesada mais vale a pena porque se não tivesse era pior. [...] O homem trabalha muito, mas a mulher trabalha muito mais, acorda muito cedo e vai dormir muito tarde, muito cansada... Se fosse só homem não ficava assim, os homens não sabe fazer [louça] como elas. (Mulher Idosa)

Em toda a entrevista, a Mulher Idosa se limitou a poucos dizeres, no entanto, deixou claro que o trabalho para ela se refere a uma polivalência de atividades, que considera uma obrigação, ou, talvez, entenda ser a obrigação de uma mulher, não percebendo a tamanha importância das suas atividades. Quando se refere ao trabalho com barro, ela valoriza o trabalho masculino, entretanto deixa claro que o toque final é reservado à mulher: “Se fosse só homem não ficava assim, os homens não sabe fazer [louça] como elas” A narradora deixa a entender que o homem não tem a habilidade de dar terminalidade às peças produzidas e que as sutilezas do “belo” são atributos femininos.

Em relação às narradoras, pode-se notar que há uma grande convergência na percepção da Mulher Adulta e da Mulher Idosa. Ambas falam que a profissão de louceira resulta em um bom trabalho, porém apontam o sacrifício que é trabalhar com barro, assim como a substantiva ajuda dos homens, que somam à determinação feminina para que a produção exista. Na fala da Mulher Idosa, “A luta é pesada, mas vale à pena porque se não tivesse era pior”. Percebi que há um tom de resignação expresso na fala desta mulher. É como se não houvesse mais nenhum norte, a não ser aquele que o destino traçou. Ela deixa, também, transparecer esta suposta resignação em outra fala: “Fazia só a lutinha de casa, fazer loiça, arrumar casa, lavar roupa, ajudei a criar os meninos”. Como se fosse pouco, “só isso”, dizia sorridente, com a inocência de quem nasceu para fazer tudo. Esta mulher vê o trabalho como muita naturalidade, conforme afirma E. Bosi (2004, p.472), “uma atividade natural, como o comer e dormir. Uma necessidade.” Das três mulheres, a resignação da idosa chamou mais atenção. Entendi que para ela a vida é assim mesmo. Ela não se apercebe de que sua memória revela um trabalho de sacrifício ou, talvez, de exploração.

Como já ficou entendido, fazer louça para a Mulher Jovem, o trabalho de fazer louça é um presente, é tradição, é Arte. Tem consciência do sacrifício, da desvalorização, da luta, mas talvez a academia tenha lhe dado suporte suficiente para entender os reveses de cada ofício, de cada escolha. Isto é revelado na segurança que transmite quando responde à indagação sobre o sentimento que sente ao vender louça na feira livre:

Como me sinto? Eu gosto muito de vender. Algumas pessoas poderiam pensar que eu não gosto. Eu tenho uma tia que tem vergonha. Eu sinto satisfatório. É daquilo que vivo. É o que eu sei fazer, não tem por que eu ter vergonha de me mostrar. É o que sou capaz de fazer, eu gosto muito. (Mulher Jovem)

A jovem teve mais oportunidade que a mãe e a tia-avó, visto que permeou por várias modalidades da educação fato que deve ter contribuído para um melhor entendimento quando se trata da profissão. Como universitária, diferentemente da mãe e da tia-avó, ela vê esta profissão com outros olhos, com os olhos da análise e da crítica.

4.3.4 Os princípios morais e éticos: a boa conduta

Se perguntássemos quais são os princípios morais de uma pessoa, a melhor forma de obter uma resposta verdadeira seria estudando o que ela fez. (HARE, 2010)

As trilhas até então percorridas, na tentativa de analisar as práticas de formação das mulheres louceiras, sujeitos deste trabalho investigativo, coaduna com a expressão posta na epígrafe acima: para saber quais os princípios morais de uma pessoa é necessário saber o que faz e fez tal pessoa, qual foi o caminho percorrido, quais as sementes deixadas ao longo da caminhada e como foi trilhar este caminho. Segundo Moraes e Costa (2005, p. 19), “Os atos morais são melhores servidos pela reflexão do que pelo reflexo, e a qualidade ética de um ato está muito mais vinculada ao raciocínio do que à paixão”.

Foi fácil perceber os princípios e valores passados de pai para filho como transmissão do saber. Uma das mais fortes heranças. Entendi a partir das falas da Mulher Jovem, o quanto de valores sua família mesmo sem instrução – o que não fez falta – conseguiu passar para ela e o quanto destes valores foram apreendidos.

A minha formação acredito que foi muito boa, em relação a algumas que eu vejo hoje em dia, que eu percebo que hoje em dia, a maioria dos pais não está sabendo educar os filhos, e é como se não tivesse a hierarquia entre pai e filho, a gente tem aquele respeito e a gente foi criada sempre respeitando os mais velhos e outras coisas mais que a gente precisa saber lidar [...]. (Mulher Jovem)²⁴

Quanto ao curso normal, quando perguntada sobre a pouca procura dos homens em cursos de formação dos professores ela responde demonstrando que não ver nada errado em um homem assumir tal curso e demonstra não ter nenhum preconceito quanto a esta questão:

[...] já pensam que não é homem. São sempre umas piadinhas... É gay! Mas eu penso que o curso é direcionado para todos. É formação. É para todos. (Mulher Jovem)

Sobre o comportamento dos jovens, nos dias atuais, ela pondera:

²⁴ Esta fala está repetida visto que foi analisada em outro contexto.

[...] Estão sem responsabilidade, não querem nada, não buscam nada, só querem diversão eu vejo assim. Eu conheço bastante e alguns dizem: Tu és doida menina, por que você estuda dois expedientes? Para que serve o estudo? Quem já viu dizer que alguém enricou estudando... Piadinhas desse tipo. (Mulher Jovem)

E quando perguntada se ela se sentia diferente dos jovens da atualidade assim fala:

De alguns sim, [...] porque eu gosto de estudar e também gosto de responsabilidade e por isso é que me sinto diferente. Não gosto muito de estar em festa. Ficam me chamando bastante, as meninas ficam perguntando e eu digo que gosto de ficar em casa. (Mulher Jovem)

A jovem demonstra respeito a si, aos pais e aos semelhantes quando expressa “a hierarquia” dentro da família onde o respeito e a obediência devem imperar; demonstra saber lidar com as diferenças, respeitando as adversidades existentes como características particulares dos indivíduos sem demonstrar preconceitos ou discriminação. Fato que pode ser comprovado na fala: “[...] já pensam que não é homem. São sempre umas piadinhas... É gay! Mas eu penso que o curso é direcionado para todos. É formação. É para todos”. Fica constatado o sentimento de inclusão no falar desta jovem e que os valores como amor à tradição de louceiras e dignidade no que faz permeiam em seu discurso.

A Mulher Adulta fala da sua formação e relação familiar:

Minha relação [com os irmãos] sempre foi boa, sempre me obedeceram porque a gente perdeu a mãe da gente quando era muito novo, aí eu fui tomar de conta deles aí eles me obedeceram graças a Deus...

[...] a gente só ia para um canto, se o pai deixasse e hoje, elas [as filhas] não pedem, dizem: “vou pra tal canto”. Não dizem: “mãe, deixa eu ir!” (Mulher Adulta)

Quando questionada sobre sua juventude, a mulher pondera:

Eu acho que eu não tive juventude (riso tímido) porque quando eu tinha 14 anos, meu pai abandonou minha mãe, aí ficou a gente trabalhando para criar os outros irmãos, porque a mais velha era eu, meu irmão que era mais velho foi embora aí pronto, foi eu e minha mãe pra criar os outros. Quando eu tinha 22 anos, ela morreu, aí pronto. Tomei conta deles tudo...(Mulher Adulta)

E, ainda, quando indagada se o fato de não ter vivido a juventude e de ter assumido responsabilidades muito nova fez com que se casasse muito cedo, responde:

Quase não tive, não. Não tive! . [juventude] Não sei se foi... não sei se não foi... Não sei! Só sei que assumi a responsabilidade nova demais mesmo... (Mulher Adulta)

Quanto à mulher adulta, presa em seus afazeres profissionais e domésticos, pouco se apercebe dos valores que foram captados ao longo da sua existência, e que se fazem presentes em suas falas. Valores como respeito, obediência, responsabilidade, humildade são tão fortes, o quanto é a sua alma de mulher. A riqueza de entendimento adquirida nos vários momentos experienciados no labor cotidiano a fez crescer muito depressa, acredito que se fosse possível transformar sua experiência em anos, esta seria bem maior que a soma dos seus anos cronológicos.

Sobre estes questionamentos, a Mulher Idosa responde vagamente:

Vim morar com a mãe dela [mãe da mulher adulta]. Ela era mocinha nova e me criou. [...] Aí eu ia, dançava um pouquinho, aí cedo eu vinha pra casa, precisava trabalhar... [...] Ia ajudar deixar na rua [as peças de louça] ficava um pedacinho lá e depois vinha pra casa cuidar da luta.[das atividades domésticas] (Mulher Idosa)

A mulher idosa demonstrou forte admiração às mulheres mais antigas como fonte de exemplo: “As mulheres mais velhas. Mais danadas”.

A mulher idosa, presa às suas tradições, demonstrou ao longo da entrevista, possuir valores morais orientados ou adquiridos com as experiências vivenciadas. Demonstra nas falas forte admiração às mulheres mais antigas, pela força do trabalho, pela garra, pela coragem e até pela renúncia, pois a narradora deixa a entender, em falas anteriores, a concepção de que mulher sem homem não existe, fica “bolando” ou, ainda, sobrando. Tradicionalmente, a mulher existe para estar acompanhada por um homem seja pai, irmão, ou marido. Ainda nos dias atuais, não obstante a toda conquista das mulheres, mulher sozinha, ainda é vista com desconfiança, parece ser sinônimo de que foi rejeitada, que ninguém a quis, que não conseguiu arranjar ou “prender” um marido, não tem atrativos e outros

pensamentos mais que permeiam, ainda, no imaginário de alguns homens e de mulheres.

Todavia, a mulher idosa nada deixa a dever em relação às duas mulheres antes citadas, a não ser, pela dificuldade de narrar, pelas frases nominais, pelos períodos curtos que deixam nas entrelinhas os sentidos a serem complementados. Esta mulher me faz recordar, mais uma personagem da literatura brasileira: Riobaldo²⁵, quando declara: “Contar é muito, muito dificultoso”. Para a mulher idosa, narrar também é muito dificultoso. No entanto, em poucas falas ela deixa nítidas as bases firmes de valores morais e éticos a exemplo de respeito, gratidão, obediência, responsabilidade, amor e admiração à tradição, especialmente, à tradição dos louceiros, presentes nas falas das três mulheres louceiras, sujeitos deste trabalho.

4.3.5 Os sentidos do ser mulher: quem é esta mulher?

Foram mais de 200 anos lutando
para começar a comemorar as primeiras
conquistas.

(60 anos Direitos Humanos – Edição Especial, 2008)

Um pouco mais de duzentos anos separa a mulher do anonimato social, desde o ano de 1790, com a publicação do livro *Uma Defesa dos Direitos Femininos* de Mary Wollstonecraft, feminista inglesa, e o ano de 2006, data da promulgação da Lei Maria da Penha no Brasil. No espaço que figura entre estes anos, muitas mulheres “escreveram” sua história, a exemplo de Nísia Floresta Brasileira Augusta – pioneira do feminismo brasileiro no século XIX – que, inspirada no livro da feminista inglesa, vai muito além, apontando os principais preconceitos existentes no Brasil contra o sexo feminino, identificando as causas deste preconceito e desmistificando a ideia dominante de superioridade masculina que levava a mulher a viver enclausurada, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer à vontade masculina; Indira Gandhi, ativista do movimento pela independência indiana; Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato de Alagoa Grande e Fundadora do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural. Cito, por fim, Patrícia Galvão – a Pagu – o conhecido Anjo Anárquico, que viveu no início do

²⁵ Personagem de Grande sertão veredas de João Guimarães Rosa.

século XX e demonstrou para a História a sua determinação, e, ainda, a “rebelde” Chiquinha Gonzaga, dentre tantas outras mulheres, que em vez de citá-las, prefiro aguçar a curiosidade para aqueles que não as conhece, ou, ainda, ativar a lembrança, dos que as conhecem e que as admira.

Tais personagens representam a voz que se fez visível e sua representatividade marca a História. Enquanto tantas outras eram silenciadas pela tradição: “mulher não sabe o que diz”, “mulher não pensa”, “mulher só abre a boca para falar bobagens”, “mulher não se mete em negócio de homens”. Todavia, com a criação dos Direitos Humanos em 1948, políticas específicas para as minorias foram criadas e tomaram corpo. Dentre estas minorias, estava a mulher, cansada da invisibilidade e da falta de liberdade que conforme Rafael (2008, p. 14) citando a fala da cientista política e gestora da Secretaria Especial da Mulher de Pernambuco, “As mulheres foram à luta porque viram que era necessário garantir os seus direitos”.

Instigados pelo que foi exposto, vejamos a visão das nossas entrevistadas:

Questionada quanto à mulher na atualidade, a Mulher Jovem assim procede:

A gente sabe que houve grandes mudanças em relação ao passado, grandes conquistas, ainda bem... Eu não queria ter vivido esse tempo [o passado]. Muitas mudanças boas: a questão do voto, o trabalho que ela [a mulher] não tinha direito, e à igualdade. Foram mudanças muito bem vindas. Com certeza, elas se sentem mais valorizadas. Eu conversei com pessoas mais idosas e elas dizem que não tiveram esta chance e gostariam de terem tido, terem trabalhado coisa que os maridos não deixavam. Eram sustentadas pelos maridos e eles davam algumas regras, e elas não tinham dinheiro também não tinha direitos e faziam o que eles queriam. (Mulher Jovem)

Quanto à autonomia financeira: “[...] o dinheiro é dela, ela faz o que quer.”

Sobre o exemplo de mulher ela confessa:

Minha Mãe! Porque é uma mulher batalhadora, ficou sem sua mãe muito nova, teve que trabalhar para sustentar e criar seus irmãos. Ela soube educar os irmãos e os filhos. Acho que ela é uma guerreira. (Mulher Jovem)

E se tivesse a oportunidade de escolher entre ser homem ou mulher:

Eu digo que queria ser homem, mas eu queria era ser mesmo mulher. Tudo na vida tem suas vontades e desvantagens. Queria ser homem pelo fato de ser mais liberal, faz o que quer. Mas queria ser mesmo o que sou mulher. Eu gosto! A mulher é mais restrita, [reservada] mais cuidadosa, mas eu gosto ser mulher, até nas paqueras os homens é que vêm tentar ganhar “você “[a mulher], não é obrigado você ir lá. Eu nunca fui até o homem [tomar a iniciativa]. Não tenho coragem. (Mulher Jovem)

E perguntada sobre o “ficar”:

Eu acho que é desvalorização da mulher. Não gosto muito desta modernização porque, nas festas, as mulheres ficam por ficar, tentando ver com quantos ficam, quantos beijam, para se mostrarem... Não é mais aquela valorização, não é por sentimento, algo que atrai, ficar quando gosta, mas não é isso. Acho até que é mais por diversão. Não gosto. (Mulher Jovem)

E confessa:

Daqui a cinco anos, já estarei formada, terei terminado o meu curso, nível médio Normal trabalhando o superior e também estarei casada. [...] gosto demais de criança e acredito que todas as pessoas devem dar continuidade às gerações. A mulher deve casar para ter filho para dar continuidade. Ter um relacionamento afetivo, com muita compreensão porque é tudo num relacionamento, pois a compreensão para mim é essencial se isto não acontecer não haverá amor. Quero ser feliz para o resto da vida. (Mulher Jovem)

Sobre sua vida confessa:

Só não me sinto tão bem porque parei de estudar. Eu me arrependi. Quando eu terminei o nível médio, eu ia me casar e o meu noivo não queria que eu estudasse mais e então obedeci. Parei quatro anos de estudar e depois não me casei. [Hoje] Eu vejo que a gente tem que fazer o que a gente quer e não o outro. [o que o outro quer] Por que já fazia quatro anos que eu tinha parado.[de estudar] Me arrependo bastante já tinha terminado até meu curso superior já estava fazendo até uma especialização. Perdi muito tempo. Se eu terminar na área da educação pretendo ser uma das melhores professoras. Educadoras. (Mulher Jovem)

E sobre a mulher que é proibida de trabalhar pelo marido ela argumenta:

Eu acho ridículo para os dois, sei que segui um pouco disso, mas cada um deve seguir o seu caminho, fazer o que desejar e não ir só pelo outro. (Mulher Jovem)

E comenta:

Apesar de a mulher ter conquistado tudo isto, ela ainda se sente desvalorizada, principalmente no trabalho. Não há motivo para a mulher ganhar menos se eles têm o mesmo trabalho. Tem muitas mulheres que não conhecem seus direitos. É para continuar lutando pelos direitos, pela igualdade, tendo que estudar trabalhar e continuar lutando e ser sempre uma grande Mulher. (Mulher Jovem)

A forma de percepção da mulher jovem muito diz da sua condição de universitária, apesar de presa ao modelo patriarcal, aos poucos, elabora esta uma visão crítica a respeito da sociedade em geral e da condição do indivíduo, seja homem ou mulher, no mundo.

Ainda demonstra, em sua fala, permear entre o tradicional e o moderno quando se fala nas relações de gênero. Cita as mudanças, a evolução, as conquistas, porém se revela presa a conceitos tradicionalistas do modelo patriarcal de educação familiar. Sem ousar criticar o pensamento da jovem, esta se revela, por vezes, contraditória no que diz: “eu não queria ter vivido esse tempo” [o passado] e ao mesmo tempo: “A mulher é mais restrita, [reservada] mais cuidadosa, mas eu gosto ser mulher, até nas paqueras os homens é que vêm tentar ganhar ‘você’[a mulher], não é obrigado você ir lá”. “Não gosto muito desta modernização porque nas festas as mulheres ficam por ficar...”.

A jovem, apesar de viver em um ambiente de constantes mudanças, em uma sociedade em transformações, participante do meio acadêmico, é resistente ao fato de tantas inovações. Traz, em sua essência, o modelo de família que a formou: a mulher para ser feliz deve casar-se, ter filhos e viver harmonicamente no seu lar, dando continuidade à instituição família, “ser feliz pelo resto da vida” – apresenta aqui, uma visão romântica do amor – e tendo o homem como caçador, aquele que busca até mesmo a parceira, enquanto a mulher é a conquista. É desta forma que a sociedade espera da mulher nas relações do jogo amoroso. A mulher “pode ir” buscar o homem, conquistá-lo, mas não é obrigada. Já para o homem, conquistar é

uma “obrigação”, até para comprovar a sua virilidade. Por outro lado, a narradora entende que a mulher precisa ter uma profissão, um trabalho para ter autonomia, quando se refere: “o dinheiro é dela, ela faz o que quer”.

Quando se reporta aos direitos, a narradora entende que a sociedade ainda apresenta discriminação à mulher, principalmente no trabalho, e acha que estas devem continuar lutando para a consecução de todos os seus direitos no campo pessoal, profissional e como cidadã. Neste sentido, Perrot (2008, p.162), esclarece:

Foi o feminismo que constituiu as mulheres como atrizes na cena pública, que deu forma às suas aspirações, voz ao seu desejo. Foi um agente decisivo de igualdade e de liberdade. Logo, de democracia.

Para a Mulher Adulta, a figura feminina na atualidade:

Bem diferente das de antigamente, viu. Bem diferente. Em tudo, em tudo... No comportamento. Porque as mulheres de hoje não obedecem a pai, a mãe a ninguém... É muito diferente! [...] Hoje é diferente porque, antigamente, só os maridos trabalhavam e mandavam nas mulheres, né? Hoje, as mulheres já trabalham e tem a voz mais ativa pra falar com os homens porque antigamente, era ruim “engano doido”²⁶[...] Eu acho porque se a mulher viver só à custa. [do homem] ele manda nela... Hoje, [com] o trabalho manda ela, eu acho. Eu penso assim, não sei se está certo, se está errado. Eu penso assim. (Mulher Adulta).

E acrescenta:

Acho que sou muito diferente porque as mulheres de hoje são muito liberal... Vai pra todo canto, [todo lugar] eu nunca fui disso, a gente [ela e o esposo] sempre se entende não é porque eu sou casada que eu devo ir pra um canto que ele não vai, ele ir também. A gente demora sair mais quando sai... Vai os dois. E as muitas mulheres vai, que eles [os maridos] vai, que não vai, elas bebem do mesmo jeito. É muito diferente a vida de hoje e de antigamente. (Mulher Adulta).

Como conselho para as mulheres de hoje:

Eu acho para essas mulheres que têm coragem que não parem! (Mulher Adulta).

²⁶ Sf. vida pesada. Vocabulário popular intrínseco à comunidade linguística da Associação das louceiras.

Sobre um exemplo de Mulher, a adulta confessa:

Eu acho que essa mulher foi minha mãe... [os olhos brilham de lágrimas]. Porque a minha mãe, ela ficou... [voz entrecortada]. Meu pai deixou ela com 08 filhos, o mais velho tinha 17 anos, e ela não chegou a criar tudo porque ela adoeceu e faleceu muito nova, aí sempre ela trabalhou na roça e neste trabalho, [do barro] conseguiu criar nós tudo, graças a Deus, deixou meio caminho andado! (Mulher Adulta).

Na visão da mulher adulta, a figura feminina ainda está muito ligada à outrora quando ela devia obediência ao marido como se fosse o seu dono ou um chefe de família, e não como o que deveria representar: parceiro, companheiro, cúmplice. Notei que os princípios de uma família patriarcal permanecem presentes na mentalidade desta mulher, quando declara: “antigamente, só os maridos trabalhavam e mandavam nas mulheres, né?” O termo “mandava”, neste sentido, soa como sinônimo de opressão e consequente submissão da mulher que ainda persiste em algumas comunidades que, presas a fatores particulares, ainda vivem neste modelo de família. Outro ponto interessante foi como a narradora analisa o fato de a mulher sair sozinha – sem a companhia do seu esposo – “[...] não é porque eu sou casada que eu devo ir pra um canto [lugar] que ele não vai, ele ir também...” Ela não admite que os cônjuges possam sair para uma diversão sem a companhia do parceiro, apesar de admitir que o trabalho dá autonomia à mulher, quando diz: “porque se a mulher viver só à custa... [do homem] ele manda nela... Hoje, com o trabalho, manda ela, eu acho... eu penso assim, não sei se está certo, se está errado... eu penso assim...”. De acordo com a declaração da mulher adulta, o trabalho é importante para a libertação da mulher que depende financeiramente do homem, tendo, também, a liberdade para agir, para mandar também.

Constatei, ainda, que mesmo entendendo que o trabalho confere autonomia, a mulher adulta ainda vacila – como se por temor que seu entendimento esteja incorreto, demonstrando insegurança: “... eu penso assim, não sei se está certo, se está errado... eu penso assim...”. Isto representa um traço cultural.

A mulher adulta demonstra também ao longo da entrevista, a representatividade que tem a figura da sua mãe tem em sua vida. Esta é uma marca particularizada na entrevista desta mulher. Ela admira a fortaleza que sua mãe foi, não menos o exemplo de vida deixado para os filhos: “ela trabalhou na roça e neste

trabalho, [do barro] conseguiu criar nós tudo, graças a Deus, deixou meio caminho andado!” Neste sentido, acrescenta Bélens (2008, p. 139):

A participação da mulher que não tem um marido, no trabalho agrícola, visibiliza o trabalho feminino realizado na roça, que comumente é dividido conforme o sexo. Estar sem um homem, seja marido, irmão ou pai, no roçado para fazer o trabalho, que fora naturalizado como sendo próprio de homem por requerer mais força física, mexe com a representação acerca da mulher.

Uma vez indagada sobre um exemplo de Mulher a Idosa assim se pronuncia:

As mulheres mais velhas. Mais danadas [corajosas, valentes]

E como ela se definiria, a Mulher Idosa, calmamente respondeu:

Sei não...

E quando pedi para deixar um conselho para as mulheres da atualidade ela diz com a calma que lhe é peculiar:

Para ter paciência! [Ser resignada] Paciência é tudo na vida.

Sobre sua condição civil, a mulher idosa responde:

Solteira! Arranjei um namorado gostava de um rapaz mais não deu certo não, ainda dei uma farradinha, mais, fiquei velha.

Conforme ponderações anteriores, esta mulher é de poucas palavras. O seu silêncio fala tão pouco como se enxerga no escuro. Parece uma fuga de um tempo ou mesmo um vazio instalado na memória desta narradora, e de acordo com E. Bosi, (2003, p. 24) “Desse tempo vazio a atenção foge como ave assustada”. Talvez as lembranças sejam tão fortes que, para ela, não valha a pena reavivá-las.

Diferentemente de D. Alice e de Seu Ariosto, narradores-personagens (E. BOSI, 2004), a presente narradora parece se esconder, talvez nas cortinas da sua mente ou nas tramas da sua memória. A este respeito, E. Bosi (2003, p.66) reforça:

“Ser inexato não invalida o testemunho, diferentemente da mentira, muitas vezes exata e detalhista”. Ainda conforme Bosi, (2003, p. 24): “As coisas aparecem com menos nitidez dada à rapidez e descontinuidade das relações vividas; efeito da alienação, a grande embotadora da cognição, da simples observação do mundo, do conhecimento do outro”. Assim deixo quieto, respeito a vontade da narradora de sorriso tímido respeito a sua forma de narrar, o seu silêncio.

5 OUTRAS CONSIDERAÇÕES: DE TRILHAS A VEREDAS

Considerando a temática abordada neste trabalho investigativo; considerando a importância da metodologia da História oral, apoiada no campo da memória; considerando, ainda, o olhar de educadora em dois momentos específicos: antes e depois da pesquisa, é que teci estas considerações no percurso final deste trabalho.

Com o olhar de educadora, me propus adentrar nas trilhas dos estudos de Gênero – melindroso e sedutor –, atravessar os horizontes da História oral para enfim, adentrar na imensidão da memória e a partir de então, propiciar às narradoras, sujeitos deste trabalho, um mergulho, direcionado pelas entrevistas, as suas memórias e tentar trazer, à tona, lembranças, imersas, ou não, no esquecimento, através de narrativas orais que é, ao mesmo tempo, encantador para o pesquisador e, talvez, doído e prazeroso, ou prazeroso e doído ou, ainda, só prazeroso, ou só doído para quem recorda.

Estudar memória me fez rebuscar particularidades presas nas minhas lembranças – expostas na primeira seção deste trabalho – e daí, “remexer” a vida de outrem – as mulheres louceiras, assim como sua infância, sua juventude, práticas e vivências que contribuíram na formação da identidade do ser mulher.

O olhar da educadora, que sou, trazia na sua percepção o conhecimento do senso comum: buscar a Associação das Louceiras do bairro São José e, lá, fazer a pesquisa com três mulheres louceiras para descobrir a identidade do ser mulher, a partir de suas práticas, conforme apresenta o objetivo geral deste trabalho. Como conhecimento prévio, sabia que estas mulheres eram de raça negra, de família humilde e que preservavam a tradição de louceiras.

O olhar da pesquisadora, porém, sobrepôs-se ao olhar da educadora. O universo a ser pesquisado era propício para aguçar ainda mais esta particular “forma de olhar”. E, apoiada nos pressupostos da História oral com o auxílio da memória das três mulheres louceiras foi possível aquietar/ aguçar a minha curiosidade. Era a fase de “curiosear”.

O estudo da história da educação brasileira tem mostrado, ao longo dos tempos, uma grande dualidade no que se refere à valorização educacional das

camadas menos favorecidas, apesar de apresentarem diversos saberes construídos a partir das necessidades cotidianas ou advindos de uma tradição que é o caso específicos dos sujeitos deste trabalho. É observado que os que têm participação na educação formal têm consequentes oportunidades, em relação aos que tiveram contato com a informalidade educacional.

Em decorrência disso, foi consolidada uma grande dívida social para com os sujeitos das camadas menos favorecidas o que, aos poucos, com as emergentes propostas de estudos da educação não-formal, está sendo saldada a partir de programas que vêm, pelo menos no discurso, promover um acesso à cidadania e ao trabalho reconhecido.

Com referência à pesquisa em foco, ressalto que as narradoras, Mulher Jovem e a Mulher idosa não fizeram restrição do uso das suas fotografias, entendi que se sentiram até vaidosas por participarem desta pesquisa. Quanto à Mulher Adulta, conforme já frisei, afirmou-me não gostar de ser fotografada. No que concerne às entrevistas, estas apontaram que as práticas sociais, culturais e educacionais das três mulheres louceiras contribuíram para a formação da identidade do ser mulher, no âmbito pessoal e profissional. No âmbito pessoal, esta contribuição se deu na formação da identidade de ser mãe, filha, aluna, esposa, companheira, irmã, tia-avó, além de outras identidades que o ser humano se apropria, ao longo dos dias, além de tantas que passam quase que despercebidas devido aos afazeres da cotidianidade e da liquidez das próprias identidades. Não devemos esquecer as virtudes e também os erros próprios da personalidade humana, visto que a partir dos erros e dos acertos construímos a própria história e contribuímos para a história dos homens. No crescimento profissional, a contribuição se deu na formação de ser profissional louceira, vendedora, feirante, cliente. e cidadã resultantes das várias atividades da educação não-formal. Tais identidades dão suporte para a formação integral e da construção da cidadania de cada ser mulher, visto que estas identidades são móveis, como móveis são os acontecimentos, as oportunidades e outros fatores resultantes do cotidiano. Talvez, no momento da realização das entrevistas, as identidades já se apresentassem em transformação. Acredito que em tal momento, também eram realizadas as elucidações, o desvendar dos mistérios intrínsecos a cada ser, assim como os

mundos e os medos; as dores e os prazeres que fazem os sentidos do ser mulher inerentes a cada uma.

A mulher adulta e a idosa se parecem assim como são parecidas as suas práticas. Ainda presas no tradicional e nas atividades laborativas que o dia a dia traz, no pouco lazer que têm e que, muitas vezes, as fontes de estresse se confundem com as de bem-estar e ambas as sensações seguem, obrigando a conviverem, de forma tão particularizada, que tampouco notam as contradições das práticas educativas, sociais e culturais imersas nos horizontes pessoais. É assim que o senso comum grita em algumas comunidades, quando falta a instrução acadêmica, outros saberes construídos preenchem a vida com sabedoria infinda.

A mulher jovem me chamou atenção. Simpática, universitária e estudante do curso normal, feirante, sonhadora e com metas muito bem definidas. Sua visão de mundo, apoiada nas práticas da educação não-formal, entrelaçada à visão do acadêmico e às informações voláteis do mundo globalizado despertam nesta mulher “um querer mais”. Neste contexto, captamos que esta mulher que transita entre o evolutivo e o tradicional, fortemente marcada pelas práticas experienciadas dia a dia, alcança, gradativamente, as suas metas. Neste entremeio entre o velho e o novo; entre a tradição e tudo que de novo capta, a jovem parece buscar a tentativa de se firmar na liquidez das identidades.

Sem a pretensão de produzir efeitos negativos, e, em função das adversidades decorrentes da situação de vulnerabilidade social e pessoal, em que se encontram muitas comunidades, o que não é muito diferente na Associação das Mulheres Louceiras de Cajazeiras, mesmo apesar da institucionalização, percebi que estas mulheres, representantes de uma associação da modalidade da educação não-formal em processo de reconhecimento e de crescimento, devem gozar de mais amparo governamental. Para tanto, é necessário garantir a frequência de cursos para melhorar as suas práticas de trabalhos e a consequente autoestima, tornando-as mais valorizadas e mais felizes. Pois, apesar dos avanços, o certo é que os sujeitos ditos vulneráveis, incluídos precariamente no mundo capitalista, além de se constituir em uma força de pouco valor, são estigmatizados de incapazes e isto ocorre de modo mais visível, ainda, com as mulheres.

Por fim, as práticas sociais, culturais e educacionais das mulheres louceiras incidiram e ainda incidem na construção da identidade – processo contínuo – dos sentidos do ser mulher pela função ocupada por cada indivíduo, especificamente, o modo de vida concreto de cada mulher, pelas representações inscritas nestas práticas, representações estas que movimentam as relações homens/mulheres e dão luz às ideias e aos conceitos da diversidade cultural a qual permeia todo o país.

Quando as palavras começam a ficar escassas, quando as trilhas propostas pelos objetivos foram percorridas, apresento um propósito e um desafio aos pesquisadores que me sucederem nesta temática memória e gênero. O propósito é que este trabalho sirva, também, de conhecimento e difusão das mulheres louceiras do bairro São José Cajazeiras–PB, sua tradição, sua cultura particularizada, sua garra, impressa e expressa nas ações nos desejos, contidos e incontidos, ditos e velados, nas entrevistas de cada uma das mulheres entrevistadas, enfim, suas práticas cotidianas. E o desafio é que este trabalho infindo seja um ponto ou porto de partida para incentivo e fomento de descobertas de outros objetivos a serem perseguidos, oportunizando, assim, que trilhas sejam transformadas em grandes veredas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (Orgs.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. **Educação musical não-formal e atuação profissional**: um surveyem oficinas de música de Porto Alegre–RS. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto das Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. As ceramistas indígenas do São Francisco. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, n. 17 (49): p. 255-70, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18407.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.
- ANFACER - Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento. **História da cerâmica**. Disponível em: <www.anfacer.org.br/principal.aspx?tela=ucTelaConteúdo&idMenu=92#A1>. Acesso em: 20 jun. 2009.
- ARTESÃS CAJAZEIRENSES SÃO HOMENAGEADAS NO 10º SALÃO DO ARTESANATO DA PARAÍBA **Diário do Sertão**, 2009. Disponível em: <WWW.diariodosertao.com.br> Acesso em: 12 dez. 2010.
- AS PANELAS DE BARRO DAS LOUCEIRAS DO SERTÃO PARAIBANO. **Correio dos Estados & Municípios da Paraíba**, p.32-34. julho 2007, Disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=201&cod=6214529&indice=700> Acesso em: 12 dez. 2010.
- AS PANELAS DE BARRO DAS LOUCEIRAS DO SERTÃO PARAIBANO. In: **Revista Correio dos Estados e Municípios**. Ano 21, n. 173, julho 2007. Disponível em: <encontrada em <http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&source=hp&biw=1024&bih=653&q=Artes%C3%A3s+cajazeirenses+s%C3%A3o+homenageadas+no+10%C3%A9>> Acesso em: 1 out. 2010.
- BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. Cultura e Educação Popular: a apropriação dos entes da cultura. In: ROSAS, Agostinho da Silva; MELO NETO, José Francisco de (Orgs). **Educação popular**: enunciados teóricos. João Pessoa: Ed UFPB, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi: tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BÉLENS, Jussara Natália Moreira. Trabalhando feito homem: histórias de vida e representações o caso das mulheres do Estreito – Campina Grande. In MACHADO, Charliton José et al (Orgs.). **Do silêncio à voz**: pesquisas em história oral e memória. João Pessoa: Ed UFPB, 2008.

BRASIL. Ministério da Cultura. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=175>. Acesso em: 20 jun. 2009. [imagem].

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.308-345. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/bosi/bosi.pdf>>. Acesso: 25 ago. 2010. [Comentários: Ana Maria Lisboa de Mello (UFRGS)].

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operários. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Democratização da cultura e formação cidadã. Congresso Educação para a cidadania. **Conferência no Congresso Educação para Cidadania**. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/conferencias_new/subindex.cfm?Referencia=2886&ParamEnd=5>. Acesso em: 25 jun. 2010.

BRITO, Vanessa. Louça sertaneja Louceiras do sertão paraibano já produzem na nova sede da associação **Agência Sebrae de Notícias** –ASN, 2007. Disponível em: www.agenciasebrae.com.br/noticia.km... Acesso em: 12 dez. 2008.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. “História como memória social”. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

_____. **A Escola dos Annales** (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odália. São Paulo Fundação: Ed UNESP, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1993.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. In: **60 anos Direitos Humanos**: Porque todos temos direitos. Edição Especial, 2008.

FÁVERO, Osmar (Org.). **Cultura popular e educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FIGUEIREDO, Wilmara. Porto das Anas e das louças. Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2009. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/CatalogoSAP/CNFCP_sap153.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009. [Catálogo da exposição realizada no período de 1 out. a 1 de nov. de 2009].

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em Educação Popular**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Marte Teixeira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GARCIA, Valéria Aroeira. Histórico da educação não-formal. In: CREPA: Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas, 1. **Anais...** Universidade Federal de São Carlos, São Carlos de 17, 18 e 19 Nov. 2003. Disponível em: <[http://www.ufscar.br/~crepa/crepa/praticas/HISTORICO_DA_EDUCACAO_NAO_F](http://www.ufscar.br/~crepa/crepa/praticas/HISTORICO_DA_EDUCACAO_NAO_FORMAL.doc) ORMAL.doc>. Acesso em: 09 set. 2009. [Resumo]

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARE, R. M. **The language of morals**, Oxford University Press, p. 1. (tr. e adp.: Rui Areal). Disponível em: <<http://paginasdefilosofia.blogspot.com/2009/06/principios-morais-e-accao-humana.html>>. Acesso em: 15 set. 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. [Prefácio Antônio Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna].

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão (et al). Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

LIMA, Francisco A. de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

MACHADO, Charliton José et al (Orgs.). **Do silêncio à voz**: pesquisas em história oral e memória. João Pessoa: Ed UFPB, 2008.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. Casamento um (bom) negócio! – uma leitura do Romance *São Bernardo*. In: MACHADO, Charliton José; NUNES, Maria Lúcia da

Silva (Orgs.). **Gênero & sexualidade**: perspectivas em debate. João Pessoa: Ed UFPB, 2007.

MARANDINO, Martha. **Afinal, o que é educação não formal?** Produto do Núcleo José Reis de Divulgação Científica da ECA/USP. São Paulo, Setembro/Outubro 2007 - Ano 7 - Nº40 (Textos escritos e editados pelos alunos do Curso de Especialização em Divulgação Científica, do NJR. *Emerson Luis Costa trabalha na Divisão de Ensino e Divulgação da Fundação Parque Zoológico de São Paulo* ECA/USP. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxsscientiae/emerson_luis_40.htm>. Acesso em: 25 jun. 2010.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo. Contexto, 2007.

MORAES Armando; COSTA, Maria Soledade da. **Valores humanos**. Recife: Construir, 2005.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada**: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Ed UFPB, 2003.

MOREIRA NETO, Mariana. Subjetividades femininas, relações de gênero e luta pela terra. In: FORTUNATO, Maria Lucinete; OLIVEIRA, Francisca Bezerra (Orgs.). **Ensaio**: abordagens teórico-metodológicas em pesquisa. Campina Grande: EDUFCG, 2005.

_____. A categoria “Gênero”: considerações a cerca de suas variações e validade. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 16, p. 137-149. set. 2000. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/ppgs/politica/16-moreiraneto.html>. Acesso em: 19 set. 2010.

NASCIMENTO, Aissa Romina Silva do. **A estrutura familiar no quadro de precarização social**: permanência ou mudança? 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: UFPB, 2003.

NÓBREGA, Christus. **Design e artesanato para a Associação dos Artesãos de Cajazeiras**. 2002. Disponível em: <<http://christusn.sites.uol.com.br/designartesanato/ceramica/ceramica.html>>. Acesso em 20 jun. 2009. [site pessoal].

ROLIM, Lúcia. A Cidade. In: _____. **Cajazeiras**, 199 anos depois. Publicação da Comissão Especial do Bicentenário do Padre Rolim, 1999.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SALES, Ivandro da Costa. Educação popular: uma perspectiva, um modo de atuar. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MELO NETO, José Francisco de. (Org.). **Educação Popular**: outros caminhos. João Pessoa: Ed UFPB, 1999.

SILVA, Maria do Socorro Soares Costa. Entre Cultura(s) e educação: construção da identidade de mulher. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS, 2. UFPB, João Pessoa. 28-30 out. 2009. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/gt1/37.pdf>> Acesso em: 19 set. 2010.

PAULA, Andréia Cristina Rezende Rodrigues de; NAVES, Marisa Lomônaco de Paula. O estresse e o bem-estar docente In: **Boletim Técnico do SENAC**: a revista de educação profissional, v. 36, n. 1, jan./abr. 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do não esquecimento**: Cultura popular e processos de transformação. São Paulo: Autêntica, 2002, p. 241-294.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. São Paulo: Autêntica, 2005.

PIOVESAN, Flávia. Tocando em antigas feridas. Entrevistador Camille Soares. In: **60 anos Direitos Humanos**: Porque todos temos direitos. Edição Especial, 2008. [Entrevista].

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed.UNESP, 1992.

PRIORE, Mary Del. **O espelho é a nova submissão feminina**. Entrevistadora Cláudia Jordão. Isto É. n. 2104, 05 mar. 2010. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/54698_O+ESPELHO+E+A+NOVA+SUBMISSAO+FEMININA> Acesso em, 19 de outubro de 2010 às 13h08. Acesso em: 20 jun. 2009.

RAFAEL, Homero. Gênero: a nova situação da mulher. In: **60 anos Direitos Humanos**: Porque todos temos direitos. Edição Especial, 2008.

SOUSA, José Wanderley Alves. **Se não me falha a memória**: o discurso da história cotidiana nas lembranças de velhos. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: _____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000. p. 135-150.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lélío Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 5-15, maio-ago. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ENTREVISTA A SER REALIZADA COM MULHER JOVEM



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. ENTREVISTA A SER REALIZADA COM MULHER JOVEM

NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO ____/____/____

LOCALIDADE: _____ **NACIONALIDADE:** _____

Vamos lembrar um pouco da sua vida? Fique inteiramente à vontade.

- 1) Como era sua família?
- 2) Você poderia falar-me sobre a forma de criação de seu pai? E sua mãe? Com que você se relacionava melhor, por quê?
- 3) Quantos irmãos você tem? Destes, são quantas mulheres?
- 4) Seu relacionamento é melhor com os irmãos ou com as irmãs? Por quê?
- 5) Você estuda ou estudou? Até que série? Com quantos anos você frequentou a sua primeira escola? Era professor ou professora? Você gostava dele (a)? Por quê?
- 6) Como eram seus colegas? Lembra-se de quem mais gostava? Era menino ou menina? Por que você se sentia bem?
- 7) Qual a lembrança boa que você tem do tempo de criança na escola?
- 8) Você tem religião? Qual? Fale-me um pouco dela?
- 9) Como você vê os jovens de hoje?
- 10) Como se sente com jovens da sua idade?
- 11) Que profissão você escolheu? Por quê?
- 12) Como você vê a profissão de lousreira? O que você acha desta tradição?
- 13) O que é ser lousreira para você? Fale-me um pouco desta Associação.
- 14) Vendo você muito jovem assim você poderia me dizer que jovem você é?
Fale-me de você, de seus sonhos, suas vontades... fique à vontade...

- 15)** Se você tivesse a oportunidade de escolher, teria nascido homem ou mulher? Por quê? O que você pensa das mulheres de hoje?
- 16)** Que **mulher** é um exemplo para você? Por quê?
- 17)** Fale como você se sente enquanto um “ser mulher” neste momento de sua vida.
- 18)** Você poderia me dizer que mulher você deseja ser daqui a cinco anos? E daqui a dez anos? Já pensou nisso?
- 19)** (Dependendo das últimas respostas) Você pensa em casar? Ter filhos?
- 20)** Que tipo de relacionamento conjugal você deseja ter com o seu futuro marido?
- 21)** (E...dependendo das respostas...) Que tipo de mulher você pretende ser: dona de casa, dona de casa e lousa, lousa e comerciante, ou... fique à vontade para expressar seus desejos
- 22)** Você deseja acrescentar algo mais?

Muito obrigada pela colaboração.

APÊNDICE B
ENTREVISTA A SER REALIZADA COM MULHER IDOSA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA A SER REALIZADA COM A MULHER ADULTA E COM A MULHER IDOSA²⁷

NOME: _____
DATA DENASCIMENTO ____/____/____

LOCALIDADE: _____ **NACIONALIDADE:** _____

Vamos lembrar um pouco da sua vida? Fique inteiramente à vontade.

- 1) Quantos irmãos você tem? São quantas mulheres? E homens?
- 2) Seu relacionamento é melhor com os irmãos ou com as irmãs? Por quê?
- 3) Fale-me de sua família: seu pai, mãe e irmãos.
- 4) Como foi sua infância, sua juventude? Você poderia falar-me sobre a forma de criação de seu pai? E sua mãe? Com que você se relacionava melhor, por quê?
- 5) Fale-me de quando você era jovem, solteira. E como se comportavam as mulheres do seu tempo? Fale-me das festinhas como eram?
- 6) (Se casada) Com quantos anos você se casou?
- 7) Como você pensava que deveria se comportar uma mulher solteira e casada na época do seu casamento?
- 8) E hoje o que você pensa, mudou alguma coisa em sua cabeça em seu pensar?
- 9) Quantos filhos você tem? Destes, quantas mulheres? Tem netos? Quantos? Quem dá mais trabalho? Por quê?
- 10) Como você vê as Mulheres de hoje em dia?
- 11) Você se sente muito diferente das mulheres de hoje ou não, por quê?

²⁷ Vale ressaltar que algumas perguntas dos roteiros foram alteradas e/ou desdobradas devido às circunstâncias do desenvolvimento das entrevistas.

- 12) Quem é você hoje, com toda essa experiência que tem?
- 13) Você estudou? Até quando? Por que parou de estudar?
- 14) Fale-me da tradição dos louceiros. Como você começou a ser louceira. Fale-me um pouco.
- 15) Você gosta de ser louceira ou tudo aconteceu por necessidade?
- 16) Você considera esta ocupação de louceira uma escola de vida? Por quê?
- 17) Quais as experiências positivas que você poderia citar desta comunidade de louceiros?
- 18) Quantas mulheres participam desta comunidade? E quantos homens?
- 19) Quais as ocupações de homens e mulheres? Fale-me, por favor, de cada um. Quem trabalha mais? Por quê? (E dependendo... É justo?)
- 20) Como é a vida de uma mulher louceira?
- 21) Com toda essa mudança de comportamento das pessoas, você acha que a mulher vem mudando muito? Isso é bom ou ruim para mulher na sua visão? Afinal, o que você pensa das mulheres de hoje?
- 22) Que **mulher** é um exemplo para você? Por quê?
- 23) Se você não fosse louceira, que profissão queria ter?
- 24) Fale como você se sente enquanto um “ser mulher” neste momento de sua vida. Quem é você?
- 25) Você deseja acrescentar algo mais?

Muito obrigada pela colaboração.

ANEXOS

ANEXO A:
NOTÍCIAS: LOUCEIRAS DO SERTÃO DA PARAÍBA PRODUZEM NA NOVA
SEDE DA ASSOCIAÇÃO.

Artesanato » Notícia
25.06.2007 | 08:30

Louça sertaneja

Louceiras do sertão paraibano já produzem na nova sede da associação

Os 20 associados da Associação das Loiceiras do Bairro de São José, em Cajazeiras (PB), estão satisfeitos com a nova sede da entidade, inaugurada no dia 12 de junho

Vanessa Brito

Divulgação



Produtos diferenciados foram criados a partir de curso de design promovido pelo Sebrae/PB

Brasília - Sede nova, ânimo renovado. Esse é o estado de espírito dos integrantes da Associação das Loiceiras do Bairro de São José no município de Cajazeiras, localizado no sertão paraibano, a 470 quilômetros de João Pessoa.

Os 20 associados da entidade trabalham satisfeitos com as novas instalações. "Antes, o forno ficava num terreno baldio. Agora, temos loja na frente, galpão para trabalhar, tanque, banheiro e, nos fundos, dois fornos", informa, entusiasmada, Francisca José de Souza, presidente da associação.

O terreno e a casa foram doados por Luiz Gonzaga Mariano, um dos associados da entidade. A reforma do imóvel foi viabilizada pelo Programa Cooperar, desenvolvido pelo Banco Mundial em parceria com o governo estadual, prefeitura municipal de Cajazeiras, entre outros parceiros. O Sebrae na Paraíba também apoiou a instalação da nova sede. A Instituição desenvolve ações voltadas aos loiceiros (ou louceiros) de Cajazeiras há cerca de dez anos. Desde 2000, desenvolve o Projeto Cerâmica do Sertão na cidade.

As 12 artesãs e oito artesãos integrantes da Associação das Loiceiras do Bairro de São José estão prontos para atender a muitas encomendas, segundo a presidente da entidade. Nos fins de semana, eles vendem utensílios domésticos de cerâmica na Feira Livre de Cajazeiras. São peças como panelas, potes e pratos que ainda hoje são utilizadas pelas famílias da região.

"Tem gente que vem de longe comprar", comenta a presidente da associação. "Inclusive médicos compram nossas panelas para cozinhar para eles. Dizem que as panelas de alumínio estão aumentando o câncer, e que as panelas de barro são mais saudáveis."

Bordado no barro

Para fora do município e do Estado, os artesãos produzem belas 'cerâmicas bordadas', que estão se tornando famosas. As peças foram criadas em curso de design realizado pelo Sebrae/PB. Os pratos são literalmente bordados com agulha e linhas coloridas de crochê. "Foram três meses de curso de design. Aprendemos a bordar os pratos com um designer, usando agulha média e linhas bem coloridas de crochê", conta Francisca. "Fizemos bastante cursos. Nem sei quantos", acrescenta. As peças custam entre R\$ 10 e R\$ 80.

A cerâmica bordada faz muito sucesso fora da Paraíba, diz Francisca. Ela informa orgulhosa que, recentemente, a entidade vendeu 90 pratos de cerâmica bordada para o arquiteto do programa Caldeirão do Huck da TV Globo.

Todas as peças produzidas pela associação, bordadas ou não, são em cor terracota. Os temas são sempre flores e frutas. No momento, os artesãos estão desenvolvendo uma nova técnica. "Estamos criando a louça preta". A técnica consiste em queimar as peças até mudar o cor do barro para preta.

Francisca revela que começou a viajar para levar as cerâmicas a feiras na Paraíba e em outros estados, com apoio do Sebrae/PB. Todos os anos, a associação participa do Mão de Minas, evento nacional de artesanato realizado em Belo Horizonte (MG). Nesse caso, não é ela quem vai. "Maceió foi onde mais longe eu fui", revela.

O próximo desafio para os loiceiros de Cajazeiras é adquirir um torno e uma máquina para 'bater o barro'. Eles querem os benefícios das máquinas modernas. "A gente não consegue nada trabalhando só", observa Francisca. "Já estamos fazendo o projeto para conseguir recursos."

Loiça ou louça

A produção de 'loiças' é uma herança cultural das mais antigas no sertão paraibano.

Quase se extinguiu, nas últimas décadas, devido à concorrência dos produtos industrializados. Não fossem as ações de resgate cultural, as 'loiceiras' também não mais existiriam, de acordo com Rosemi Mary Oliveira Silva, gerente do Sebrae em Cajazeiras.

As palavras 'loiça' e 'loiceira' constam dos dicionários de português como variação e significam, respectivamente, louça e louceira. São usadas orgulhosamente em Cajazeiras para designar os utensílios domésticos 'de barro' e as habilidosas artesãs e artesãos, herdeiros da tradição portuguesa. "Eles fizeram questão de colocar 'loiceiras' no nome da associação para fazer referência ao passado", conta a gerente. A Associação das Loiceiras do Bairro de São José foi fundada em novembro de 2003.

"Antigamente só havia loiceiras, pois os homens não faziam loiça", conta Francisca. Hoje, a entidade conta com oito loiceiros. "Eles ajudam muito: pisam, peneiram e queimam o barro. É serviço pesado", explica. Entre eles, há alguns com habilidade para também 'alisar' as peças e até bordar, acrescenta a presidente da associação.

Segundo Francisca, será necessário conseguir mais fregueses e receber bastante encomenda para continuar melhorando a condição de vida dos artesãos. Além de ajudar nas despesas domésticas, a renda das loiças tem possibilitado a compra de móveis, fogão, televisão.

De acordo com a gerente do Sebrae em Cajazeiras, Rosemi Mary Oliveira Silva, a qualidade de vida dos loiceiros está realmente melhorando nos últimos anos. O fato de a prefeitura municipal ser parceira do Projeto Cerâmica do Sertão amplia os serviços oferecidos ao bairro de São José. Calçamento das ruas e os benefícios do Programa Saúde da Família são alguns deles, afirma Rosemi.

Serviço:

Associação das Loiceiras do Bairro de São José (Cajazeiras/PB) - (83) 3531-5844

Sebrae na Paraíba - (83) 3218-1000

Sebrae em Cajazeiras (PB) - (83) 3531-2449 Agência Sebrae de Notícias -ASN

www.agenciasebrae.com.br/noticia.km...

ANEXO B**SEBRAE APÓIA TRABALHO DESENVOLVIDO POR LOUCEIRAS NA PARAÍBA**

Sebrae apóia trabalho desenvolvido por louceiras na Paraíba

[02/07/2007]

O trabalho desenvolvido pelos artesãos integrantes da Associação das Loiceiras do Bairro de São José, no município de Cajazeiras, no sertão paraibano, ganhou fôlego novo com a reforma das instalações da associação. A reforma foi viabilizada pelo Programa Cooperar, desenvolvido pelo Banco Mundial em parceria com o governo estadual e prefeitura municipal de Cajazeiras. O Sebrae na Paraíba também apoiou a instalação da nova sede.

"Antes, o forno ficava num terreno baldio. Agora, temos loja na frente, galpão para trabalhar, tanque, banheiro e, nos fundos, dois fornos", informa, entusiasmada, Francisca José de Souza, presidente da associação.

Desde 2000, a associação desenvolve o projeto Cerâmica do Sertão na Cidade, produzindo peças de cerâmica, que, nos fins de semana, são vendidas na Feira Livre de Cajazeiras. "São peças como panelas, potes e pratos que ainda hoje são utilizada pelas famílias da região. "Tem gente que vem de longe comprar", comenta a presidente da associação. "Inclusive médicos compram nossas panelas para cozinhar para eles. Dizem que as panelas de alumínio estão aumentando o câncer, e que as panelas de barro são mais saudáveis", complementa.

[B]Bordado no barro[/B]

Para fora do município e do estado, os artesãos produzem belas 'cerâmicas bordadas', que estão se tornando famosas. As peças foram criadas em curso de design realizado pelo Sebrae/PB. Os pratos são literalmente bordados com agulha e linhas coloridas de crochê. "Foram três meses de curso de design. Aprendemos a bordar os pratos com um designer, usando agulha média e linhas bem coloridas de crochê", conta Francisca. "Fizemos bastante cursos. Nem sei quantos", acrescenta Francisca. As peças custam entre R\$ 10 e R\$ 80.

"A cerâmica bordada faz muito sucesso fora da Paraíba", diz Francisca. Ela informa orgulhosa que, recentemente, a entidade vendeu 90 pratos de cerâmica bordada para o arquiteto do programa Caldeirão do Huck da TV Globo.

Todas as peças produzidas pela associação, bordadas ou não, são em cor terracota. Os temas são sempre flores e frutas. No momento, os artesãos estão desenvolvendo uma nova técnica. "Estamos criando a louça preta". A técnica consiste em queimar as peças até mudar o cor do barro para preta. Francisca revela que começou a viajar para levar as cerâmicas a feiras na Paraíba e em outros estados, com apoio do Sebrae/PB. Todos os anos, a associação participa do Mão de Minas, evento nacional de artesanato realizado em Belo Horizonte (MG).

O próximo desafio para os loiceiros de Cajazeiras é adquirir um torno e uma máquina para 'bater o barro'. Eles querem os benefícios da máquinas modernas. "A gente não consegue nada trabalhando só", observa Francisca. "Já estamos fazendo o projeto para conseguir recursos."

[B]Loiça ou louça[/B]

A produção de 'loiças' é uma herança cultural das mais antigas no sertão paraibano. Quase se extinguiu, nas últimas décadas, devido à concorrência dos produtos industrializados. Não fossem as ações de resgate cultural, as 'loiceiras' também não mais existiriam, de acordo com Rosemi Mary Oliveira Silva, gerente do Sebrae em Cajazeiras.

As palavras 'loiça' e 'loiceira' constam dos dicionários de português como variação e significam, respectivamente, louça e louceira. São usadas orgulhosamente em Cajazeiras para designar os utensílios domésticos 'de barro' e as habilidosas artesãs e artesãos, herdeiros da tradição portuguesa. "Eles fizeram questão de colocar 'loiceiras' no nome da associação para fazer referência ao passado", conta a gerente. A Associação das Loiceiras do Bairro de São José foi fundada em novembro de 2003

ANEXO C:
PARAÍBA REALIZA SEMINÁRIO REGIONAL DE ARTESANATO

Paraíba realiza Seminário Regional de Artesanato

28-05-2009

O Governo do Estado e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), através do Programa de Artesanato Paraibano, promovem nesta sexta-feira (29) em Patos, mais um encontro do Seminário Regional de Artesanato. O evento vai reunir no auditório do Sebrae daquela cidade, artesãos sertanejos cadastrados no Programa.

O seminário será aberto pelo secretário do Turismo e do Desenvolvimento Econômico, Edivaldo Dantas da Nóbrega, e pela gestora do Programa, Marielza Rodríguez Targino de Araújo. O evento, um café da manhã oferecido aos artesãos, terá sequência com duas palestras, uma sobre o tema 'Motivacional', ministrada pelo consultor do Sebrae, Valdólio Soares, e a outra envolvendo o tópico 'Mercado justo', ministrada pelo consultor do Projeto Artesanato Solidário, Júlio Ledo de Melo.

Nesta quinta-feira (28), a gestora Marielza Araújo estará na cidade de Cajazeiras participando de exposição de cerâmica no hall do Banco do Brasil. A mostra será composta de trabalhos do Grupo Loiça, que receberá homenagem no X Salão de Artesanato Paraibano, com início previsto para o próximo dia 5 de junho em Campina Grande.

Na ocasião, a gestora entregará à primeira dama do município e secretária executiva da Indústria, Jacqueline Abreu, o convite oficial do Salão com referências ao artesanato cajazeirense.

O Grupo Loiça é formado por artesãos do bairro de São José, na cidade de Cajazeiras, e tem como diferencial a cerâmica bordada. O trabalho desses artesãos ilustrará todas as peças promocionais do X Salão de Artesanato. [grifo da pesquisadora]

Secom – Paraíba0

ANEXO D:
ARTESÃS CAJAZEIRENSES SÃO HOMENAGEADAS NO 10º SALÃO DO
ARTESANATO DA PARAÍBA

Artesãs cajazeirenses são homenageadas no 10º Salão do Artesanato da Paraíba



Começou neste sábado (06), a 10ª edição do Salão do Artesanato da Paraíba, que desta vez tem como temática 'Mãos do Barro', em homenagem às loiceiras de Cajazeiras.

O trabalho desenvolvido pelos artesãos integrantes da Associação das Loiceiras do Bairro de São José, no município de Cajazeiras, no sertão paraibano, ganhou fôlego novo com a reforma das instalações da associação. A reforma foi viabilizada pelo

Programa Cooperar, desenvolvido pelo Banco Mundial em parceria com o governo estadual e prefeitura municipal de Cajazeiras.

Desde 2000, a associação desenvolve o projeto Cerâmica do Sertão na Cidade, produzindo peças de cerâmica, que, nos fins de semana, são vendidas na Feira Livre de Cajazeiras. "São peças como panelas, potes e pratos que ainda hoje são utilizada pelas famílias da região. "Tem gente que vem de longe comprar", comenta a presidente da associação. "Inclusive médicos compram nossas panelas para cozinhar para eles. Dizem que as panelas de alumínio estão aumentando o câncer, e que as panelas de barro são mais saudáveis", complementa.

Os artesãos produzem belas 'cerâmicas bordadas', que estão se tornando famosas. As peças foram criadas em curso de design realizado pelo Sebrae/PB. Os pratos são literalmente bordados com agulha e linhas coloridas de crochê. "Foram três meses de curso de design. Aprendemos a bordar os pratos com um designer, usando agulha média e linhas bem coloridas de crochê", conta Francisca. "Fizemos bastante cursos. Nem sei quantos", acrescenta Francisca. As peças custam entre R\$ 10 e R\$ 80.

"A cerâmica bordada faz muito sucesso fora da Paraíba", diz Francisca. Ela informa orgulhosa que, recentemente, a entidade vendeu 90 pratos de cerâmica bordada para o arquiteto do programa Caldeirão do Huck da TV Globo.

O Salão do Artesanato

O evento deste ano será realizado no prédio do Auto Shop, na avenida Brasília, próximo ao Shopping Boulevard, e deverá receber 120 mil pessoas. Até o dia 28, os produtos fabricados por mais de quatro mil artesãos de 96 cidades deverão movimentar R\$ 1 milhão.

A novidade deste ano será a parte de gastronomia, que oferecerá aos visitantes comidas típicas, principalmente, aquelas derivadas do milho.

Os 2,4 mil metros quadrados do Salão foram conceituados pela arquiteta Sandra Moura.

Os produtos serão divididos por tipo de material utilizado: couro, cerâmica, fibra, tecelagem, barro, metal, madeira ou fios. Em cinco anos de realização, o evento já movimentou, de acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), R\$ 12 milhões em rendas diretas.

Diário do Sertão – www.diariodosertao.com.br 06/06/2009 às 22h15

ANEXO E:
AS PANELAS DE BARRO DAS LOUCEIRAS DO SERTÃO PARAIBANO

AS PANEAS DE BARRO DAS LOUCEIRAS DO SERTÃO PARAIBANO

Tem gente que vem de longe comprar as panelas de barro porque acreditam que as panelas de alumínio provocam o câncer

32

Correio dos Estados & Municípios - ede nova, ânimo renova- do. Esse é o estado de espírito dos integrantes da Associação das Loiceiras do Bairro de São José no município de Cajazeiras, localizado no sertão paraibano, a 470 quilômetros de João Pessoa.

Os 20 associados da entidade trabalham satisfeitos com as novas instalações. “Antes, o forno ficava num terreno baldio. Agora, temos loja na frente, galpão para trabalhar, tanque, banheiro e, nos fundos, dois fornos”, informa, entusiasmada, Francisca José de Souza, presidente da associação.

O terreno e a casa foram doados por Luiz Gonzaga Mariano, um dos associados da entidade. A reforma do imóvel foi viabilizada pelo Programa Cooperar, desenvolvido pelo Banco Mundial em parceria com o governo estadual, prefeitura municipal de Cajazeiras, entre outros parceiros. O Sebrae na Paraíba também apoiou a instalação da nova sede. A Instituição desenvolve ações voltadas aos loiceiros (ou louceiros) de Cajazeiras há cerca de dez anos. Desde 2000, desenvolve o Projeto Cerâmica do Sertão na cidade.

As 12 artesãs e oito artesãos integrantes da Associação das Loiceiras do Bairro de São José estão prontos para atender a muitas encomendas, segundo a presidente da entidade. Nos fins de semana, eles

vendem utensílios domésticos de cerâmica na Feira Livre de Cajazei-

ras. São peças como panelas, potes e pratos que ainda hoje são utilizada pelas famílias da região.

Gente que vem de longe comprar”, comenta a presidente da associação. “Inclusive médicos compram nossas panelas para cozinhar para eles. Dizem que as panelas de alumínio estão aumentando o câncer, e que as panelas de barro são mais saudáveis.”

BORDADO NO BARRO

Para fora do município e do Estado, os artesãos produzem belas ‘cerâmicas bordadas’, que estão se tornando famosas. As peças foram criadas em curso de design realiza-

do pelo Sebrae/PB. Os pratos são literalmente bordados com agulha e linhas coloridas de crochê. “Foram três meses de curso de design. Aprendemos a bordar os pratos com um designer, usando agulha média e linhas bem coloridas de crochê”, conta Francisca. “Fizemos bastante cursos. Nem sei quantos”, acrescenta. As peças custam entre R\$ 10 e R\$ 80.

A cerâmica bordada faz muito sucesso fora da Paraíba, diz Francisca. Ela informa orgulhosa que, recentemente, a entidade vendeu 90 pratos de cerâmica bordada para o arquiteto do programa Caldeirão do Huck da TV Globo.

Todas as peças produzidas pela associação, bordadas ou não, são em cor terracota. Os temas são sempre flores e frutas. No momento, os artesãos estão desenvolvendo uma nova técnica. “Estamos criando a louça preta”. A técnica consiste em queimar as peças até mudar o cor do barro para preta. Francisca revela que começou a viajar para levar as cerâmicas a feiras na Paraíba e em outros estados,

com apoio do Sebrae/PB. Todos os anos, a associação participa do Mão de Minas, evento nacional de artesanato realizado em Belo Horizonte (MG). Nesse caso, não é ela quem vai. “Maceió foi onde mais longe eu fui”, revela.

O próximo desafio para os loiceiros de Cajazeiras é adquirir um torno e uma máquina para ‘bater o barro’. Eles querem os benefícios das máquinas modernas. “A gente não consegue nada trabalhando só”, observa Francisca. “Já estamos fazendo o projeto para conseguir recursos.”

LOIÇA OU LOUÇA

A produção de ‘loijas’ é uma herança cultural das mais antigas no sertão paraibano.

Quase se extinguiu, nas últimas décadas, devido à concorrência dos produtos industrializados. Não fossem as ações de resgate cultural, as ‘loiceiras’ também não mais existiriam, de acordo com Rosemi Mary Oliveira Silva, gerente do Sebrae em Cajazeiras.

As palavras

‘loija’ e ‘loiceira’ constam dos dicionários de português como variação e significam, respectivamente, louça e louceira. São usadas orgulhosamente em Cajazeiras para designar os utensílios domésticos ‘de barro’ e as habilidosas artesãs e artesãos, herdeiros da tradição portuguesa. “Eles fizeram questão de colocar ‘loiceiras’ no nome da associação para fazer referência ao passado”, conta a gerente. A Associação das Loiceiras do Bairro de São José foi fundada em novembro de 2003.

“Antigamente só havia loiceiras, pois os homens não faziam loiça”, conta Francisca. Hoje, a entidade conta com oito loiceiros. “Eles ajudam muito: pisam, peneiram e queimam o barro. É serviço pesa-

do”, explica. Entre eles, há alguns com habilidade para também ‘alisar’ as peças e até bordar, acrescenta a presidente da associação.

Segundo Francisca, será necessário conseguir mais fregueses e receber bastante encomenda para continuar melhorando a condição de vida dos artesãos. Além de ajudar nas despesas domésticas, a renda das loijas tem possibilitado a compra de móveis, fogão, televisão.

De acordo com a gerente do Sebrae em Cajazeiras, Rosemi Mary Oliveira Silva, a qualidade de vida dos loiceiros está realmente melhorando nos últimos anos. O fato de a prefeitura municipal ser parceira do Projeto Cerâmica do Sertão amplia os serviços oferecidos ao bairro de São José. Calçamento das ruas e os benefícios do Programa Saúde da Família são alguns deles, afirma Rosemi.

Correio dos Estados & Municípios
- Julho 2007

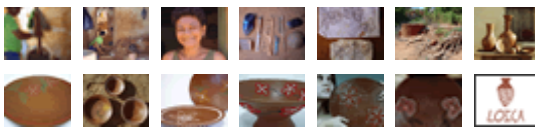
33

Page 34

Correio dos Estados & Municípios - Julho 2007

<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=201&cod=6214529&indice=700>

ANEXO F:
CHRISTUS NÓBREGA DESIGN E ARTESANATO SITE:
<http://christusn.sites.uol.com.br/designartesanato/ceramica/ceramica.html>

**Associação dos Artesãos de Cajazeiras**Artesanato | **CERÂMICA**

Cidade: Cajazeiras - PB / Brasil Data: novembro de 2002

Número de Artesãos: 20 Gênero: Feminino

Designer: Christus Nóbrega

Realização: MIDIC | CCAPE | Governo do Estado

Após o diagnóstico da produção artesanal do grupo, foi percebida a necessidade de uma inovação nos produtos que os diferenciasssem dos demais produtos cerâmicos artesanais do nordeste. Analisando as outras habilidades artesanais do grupo, descobrimos uma que poderia ser útil nesse projeto - o *bordado*. Assim, aliamos o bordado a cerâmica, de forma inusitada criamos uma linha de pratos e fruteiras bordadas com motivos florais.

Os novos produtos tiveram grande aceitação de mercado aumentando a renda para as artesãs.

- Currículo
- Contatos
- Links

Design e Artesanato

Cerâmica
Chifre
Couro
Fibras
Madeira
Têxtil
Imaginário

Design Industrial

Projeto de Produto
Projeto Gráfico

Produção Acadêmica

Artigos
Disciplinas
Orientação - Estágio
Orientação - TCC
Pesquisa e Extensão

Outros Trabalhos

Artes
Livro de Artista
Poesia Visual
Exposições

